

convergência

SETEMBRO • 1995 • ANO XXX Nº 285

FAMÍLIA, CASAMENTO E EXCLUSÃO

Fr. Almir Ribeiro Guimarães, OFM

VIDA CONSAGRADA: RENOVAÇÃO OU FRAGMENTAÇÃO

Fr. Silvestre Gialdi, OFM CAP



CRB
40
anos

SUMÁRIO

EDITORIAL

TEMPO DE PASSAGEM 423

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

PALAVRA DO PAPA

FINALIDADE DA ATIVIDADE MISSIONÁRIA..... 430

INFORME CRB 433

FAMÍLIA, CASAMENTO E EXCLUSÃO 443

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM

VIDA CONSAGRADA: RENOVAÇÃO

OU FRAGMENTAÇÃO 454

Fr. Silvestre Gialdi, OFM CAP

AÇÃO CARITATIVA DOS EVANGELIZADORES

NO PERÍODO COLONIAL 465

Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho

OBLAÇÃO E SOLIDARIEDADE COMO MÍSTICA

DO CORAÇÃO 475

Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ

NOSSA CAPA

Detalhe-arremate do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, de autoria dos artistas populares Anderson Sousa Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Mostra a caminhada ou, melhor, a marcha confiante da Igreja de hoje. O segredo é a fé. O seu Deus-Libertador é Jesus de Nazaré. Os pobres sustentam a cruz da Evangelização. Solidária com eles, segundo e seguindo o Evangelho, a Igreja participa de suas lutas na cidade e no campo. A Mãe de Deus, a Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, indica a direção do amanhã. Vai à frente. Religiosos, mulheres e homens, se misturam. Somos um povo que alegre vai. O caminho é a nossa casa. Sempre estamos indo. Peregrinos no campo, na cidade, na favela e muito mais. Nos olhos, muita luz. Lá, bem dentro, a esperança que conduz (Pe. Marcos de Lima, SDB).

ASSINATURA PARA 1995:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 37,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) R\$ 3,70

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Edênio Valle, SVD

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Integrantes da Equipe de Reflexão Teológica
(ERT) da CRB-NACIONAL

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
Cinelândia — Tel.: (021) 240-7299
20038-900 — Rio de Janeiro — RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola
Rua 1822 n. 347 — Ipiranga
04216-000 — São Paulo — SP
Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL

TEMPO DE PASSAGEM

C.R.B.
- BIBLIOTECA -
R. Alameda Guanabara, 24 - 4.º
Rio - RJ

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

A recente Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil, centrada no tema da Modernidade e novos rostos da Missão, deu-nos também um novo presidente na pessoa do pe. João Roque Rohr, SJ, ao qual CONVERGÊNCIA e sua equipe de redação desejam um fecundo tempo de serviço à vida religiosa no Brasil. Ao mesmo tempo louva ao Senhor de nossas vidas pelo trabalho prestado pelo Pe. Edênio Valle, durante seis anos, no exercício do mesmo cargo.

Entre um e outro se estabelece o tempo de passagem, para o entendimento do qual gostaríamos, modificando um pouco o estilo destas páginas iniciais, de apresentar os seguintes textos referentes à AGO.

1. Mensagem Papal ao Cardeal Somalo

Eminência Reverendíssima,

Tendo sido informado pelo Exmo. Sr. Núncio Mons. Alfio Rapisarda da próxima realização, em São Paulo, da 17ª Assembléia da CRB, que contará com a presença de Vossa Eminência, o Santo Padre confirmou-me a grata incumbência de enviar a este significativo acontecimento a Sua Mensagem abaixo transcrita:

"Senhor Cardeal Eduardo Martinez Somalo

Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica

Ao tomar conhecimento da realização em São Paulo da 17ª Assembléia da Conferência dos Religiosos do Brasil, tendo como tema: 'Modernidade Brasileira e novos rostos da Missão', o sumo pontífice se compraz em manifestar seu vivo apreço por este significativo acontecimento, e eleva preces ao Todo-poderoso para que obtenha os melhores frutos de identidade da vida religiosa na fidelidade ao carisma próprio de cada instituto, em estreita sintonia com os senhores bispos diocesanos a serviço da igreja universal e por uma sempre maior consagração aos "novos rostos" da missão no Brasil. Com estes auspícios o santo padre envia a vossa eminência, bem como aos religiosos e religiosas participantes desta assembléia, uma propiciadora bênção apostólica.

*Cardeal Sodano
Secretário de Estado"*

2. Saudação do Card. Somalo, prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica

Un cordial y fraterno saludo para todos y cada uno de los presentes, acompañado de mis mejores deseos espirituales, religiosos y apostólicos para vuestros institutos. Y una agradecimiento profundo al Presidente, P. Edênio Valle, por la cariñosa invitación que me hizo y que he acogido con sumo gusto.

Vengo para escuchar personal y directamente vuestras reflexiones, intereses, preocupaciones y proyectos, dentro de este gran cuadro que nos describió el último Sínodo y después del gran ardor misionero que sin duda ha marcado el V COMLA. Vengo para agradecer porque conozco vuestra generosidad y abnegación pastoral. Durante estos meses hemos recibido en la Congregación diversos grupos regionales de la Conferencia Episcopal de Brasil en visita ad limina y hemos oído repetidas veces que sin la presencia de las religiosas y de los religiosos la vida pastoral de sus diócesis sería impensable, imposible. Este reconocimiento de los Obispos quiero hacerlo presente y también quiero hacerlo mío. Gracias por todo el ingente y abnegado trabajo pastoral que hacéis. Os aliento a continuar con ese espíritu religioso, pastoral y eclesial.

El querido pueblo brasileño y el mundo necesitan religiosas y religiosos que sean testigos de Cristo por su coherencia y fidelidad a Jesús, casto, pobre y obediente; que estén dispuestos a cargar con las penas, los sufrimientos y las cruces de los demás; que estén dispuestos a dar su tiempo, sus dones personales y carismáticos en favor de todos, especialmente de los pobres, en cuyos rostros se refleja el rostro de Cristo. El pueblo necesita religiosas y religiosos que estén comprometidos, con entusiasmo y coherencia, con su vida religiosa, con la especificidad del propio carisma. El pueblo quiere comprobar que nos amamos, que las religiosas y los religiosos viven una vida fraterna intensa y alegre, y que participan en la vida diocesana con profunda y fructuosa comunión eclesial.

El tema elegido para vuestra XVII Asamblea general "Vida religiosa ante a modernidade brasileira e os novos rostos da missão" es de gran interés, porque afronta los desafíos que la sociedade actual pone a la Iglesia y a la vida religiosa.

3. Abertura da XVII AGO pelo Pe. Edênio Valle, SVD

Queridas irmãs, caros irmãos!

Com incontida alegria e profunda confiança em Deus, declaro aberta a XVII AGO da Conferência de Religiosos do Brasil.

1. Ontem, em Belo Horizonte, terminava o COMLA 5, Congresso que motiva e interpela profundamente a Igreja da América Latina. Na semana anterior, em Fortaleza, um número recorde de educadores católicos de todo o Brasil se reuniam, comemorando os 50 anos da AEC e buscando vias para uma nova e válida presença dos cristãos em todos os campos da educação brasileira. Simultaneamente à nossa Assembléia, encontram-se na PUC paulista historiadores da AL e do Caribe, para uma análise do itinerário de nossa igreja.

Muitos de nós, aqui presentes, trazemos o cansaço de intensa participação nesses eventos que assinalam o forte momento de interpelação, esperança e compromisso que marca a Igreja nesse limiar de um novo milênio. "Vinde, vede, anunciai!", lema do conclave missionário de Belo Horizonte, é uma palavra que unifica e ilumina toda essa seqüência de congressos eclesiais que o Brasil acolhe. Nesse contexto, vindos de todos os recantos de nossa pátria, nos reunimos nós: a Conferência dos Religiosos do Brasil. Minha primeira palavra se dirige a todos Vocês, Irmãs e Irmãos. Sede bem-vindos à XVII AGO! Obrigado, desde já, por terem vindo a esse encontro de irmãos, vocacionados para o seguimento e o serviço missionário e profético, por causa do Amor maior que o Espírito, gratuitamente, derramou em nossos corações e mentes.

Sabemos que estamos aqui em representação de nossas Congregações e de nossas comunidades. Elas estão conosco nessa acolhedora casa dos jesuítas, a cujo

transição de época. Algo novo se anuncia, por entre luzes e sombras. O que é velho não pode ser suporte para o pano novo que se vai tecendo. Como manter viva e significativa para este mundo auto-suficiente aquela herança de Vida que recebemos em missão? Como ser signos compreensíveis do Reino presente na confusão dessas estradas? Como, muito especialmente, por causa do seguimento de Jesus, amar os que são vítimas do sistema e amá-los até o fim, como fez o nosso Mestre e Senhor. Como assumir nossas responsabilidades históricas, dando a nosso povo oprimido aquilo a que tem direito, aquilo que também nós lhes temos negado, por não termos olhos para ver como Jesus via?

É a partir dessas e de semelhantes perguntas que foi pensado e proposto o tópicos desses dias. Que o Espírito Santo nos ilumine para não termos medo e para não nos perturbarmos com as inevitáveis tensões de todo compromisso assumido com seriedade em favor da justiça e da caridade evangélicas.

5. Bem-vindos todos! Bem-vindos, muito especialmente, nossos amigos e convidados que vieram de longe e de perto. Pela primeira vez estarão entre nós o Senhor Cardeal Prefeito da Congregação para a Vida Religiosa, Mons. Eduardo Martinez Somalo. O Núncio Apostólico no Brasil, Mons. Alfio Rapisarda, terá o seu primeiro contato direto com o todo da Vida Religiosa. A eles nossa acolhida calorosa. São ambos, para nós, a presença do Santo Padre. Também estréia em uma Assembléia Geral nossa o novo Presidente da CNBB, Dom Lucas Moreira Neves, OP.

Está já entre nós o Bispo responsável pela Vida Religiosa no Brasil e Vice-Presidente da CNBB, Dom Jayme Chemello, a quem saudamos carinhosamente como companheiro de jornada no próximo triênio.

Com receio de omitir algum nome, elenco os que estão nos honrando com sua presença e apoio.

Vindos de longe estão o Pe. Camilo Maccise, Presidente da USG, e em nome da Presidente da UISG, Ir. Giuseppina Fragasso, a Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro.

A CLAR se faz presente nas pessoas da querida Ir. Elza Ribeiro e Ir. Telmo Meironi, seus Presidente e Vice-Presidente, sendo o Ir. Telmo também Presidente da Conferência Argentina de Religiosos (CAR). Os seguintes Superiores Gerais chegaram de Roma ou Madri para partilhar conosco: Ir. Maria Joell Overman, das Irmãs de Nossa Senhora, Ir. Antonia Magelli, da Missionárias da Imaculada, Ir. Joana Maria Santamaria Ibañez, das Missionárias da Ação Paroquial, e o nosso conhecido Pe. Isidro Perin, dos Missionários de Nossa Senhora de la Salette.

À Ir. Antonieta Alvirena Lopez, da Conferência de Religiosos do Peru, um especial abraço de boas-vindas. Ela representa as duas dezenas de Conferências Nacionais irmãs que, não podendo aqui estar, enviaram cartas e telegramas de apoio, incentivo e promessa de oração. Acha-se conosco, ainda, um bom número de Vigários e Conselheiras Gerais, vindos especialmente de Roma e de outros países da Europa. Sintam-se em casa. Obrigado por terem vindo!

Um hóspede discreto, mas companheiro de todas as horas, é Mons. Dieter Spelthahn, que representa a Igreja da Alemanha, a quem os católicos do Brasil e a CRB devem um inestimável apoio.

Temos ou teremos ao longo desses dias também a presença de Presidentes ou representantes de quase todos os Organismos da Igreja do Brasil. São outros companheiros de todas as horas, aos quais não sabemos como agradecer. Falo do CNC, do CNL, do CND, do CNIS, da AEC, da ANAMEC e do CERIS.

Quero ressaltar com muita alegria a pessoa do irmão Rodolfo, de Taizé. Sua

presença é garantia de que o Evangelho de Jesus é sem fronteiras e nos une a todos no mesmo seguimento e missão.

Ditas essas palavras protocolares, só me resta dizer-lhes que todo o grande grupo de pessoas que prepararam com carinho cada detalhe dessa nossa Assembléia está feliz por que vocês vieram. Sua presença tão numerosa nos confirma que realmente, graças à bondade do Pai, a CRB somos todos nós, na grande comunhão da Igreja de Jesus.

4. Objetivo Geral da CRB para o Triênio 1995-98 (redação final)

Nós, Superiores e Superiores Maiores dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica e Delegados das Secções Regionais, reunidos na XVII Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil, realizada em São Paulo de 24 a 28 de julho de 1995, refletimos sobre o tema "*Modernidade Brasileira e Novos Rostos da Missão*". Consideramos as repercussões da modernidade na VR e os desafios daí decorrentes. Reconhecemos benefícios e ganhos da modernidade, tais como a busca da eficiência, o avanço tecnológico, o desenvolvimento da subjetividade, o incentivo à criatividade. Identificamos também limites e patologias: a crescente exclusão das maiorias, o descaso da ética, a destruição dos valores, a perda do sentido de transcendência. Sensibilizamos-nos com os novos rostos da pobreza e o fenômeno da exclusão, propondo-nos romper as barreiras que dificultam nossa presença junto aos caídos à beira do caminho (cf. Lc 10, 30 s.).

Tivemos diante dos olhos a situação crítica de nosso país: o crescimento numérico dos pobres, a deterioração de suas condições de sobrevivência, o menosprezo de valores fundamentais — vida, convivência cordial, ecologia —, a falta de ética

na política, o desmonte das conquistas sociais e dos projetos populares, e outras seqüelas do neoliberalismo no cotidiano de nosso povo. A esperança, no entanto, se mantém viva ao vermos a solidariedade, a capacidade de acolhimento, a força de resistência, a alegria no festejar.

Acolhendo os resultados da IX Assembléia Ordinária do Sínodo dos Bispos, sobre "*A Vida Consagrada e sua Missão na Igreja e no Mundo*", e na expectativa da Exortação Apostólica pós-sinodal, reafirmamos nossa confiança no futuro de uma VR que procure responder aos desafios do tempo atual, em fidelidade criativa aos carismas fundacionais. O profetismo na VR, a inculturação, o diálogo inter-religioso, a comunhão com o Povo de Deus e seus Pastores, são outros tantos pontos que, com alegria, encontramos reafirmados pelo Sínodo.

Em comunhão com a Igreja latino-americana e sob o impacto do COMLA 5, recebemos felizes a *Mensagem Final* deste Congresso e nos deixamos contagiar pelo espírito missionário daqueles e daquelas dentre nós que traziam, no brilho do olhar e no ardor do coração, a chama acesa na experiência do *Evangelho presente nas culturas, como caminho de vida e esperança*.

Sintonizamos com as recentes "*Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*", desejosos de sempre mais nos inserirmos na comunhão eclesial, por meio do diálogo sincero, da transparência nas relações, da disponibilidade para o serviço.

Unidos aos demais Religiosos e Religiosas da América Latina, fazemos nossas as linhas inspiradoras do *Plano Global da CLAR 1994-1997*: inculturação, opção preferencial pelos pobres, comunhão eclesial, a mulher e o feminino, espiritualidade inculturada.

Neste contexto, confiantes na presença e ação maternal de Maria, assumimos, para o Triênio 1995-1998, o seguinte **Objetivo Geral**:

DINAMIZAR A VIDA RELIGIOSA,
em fidelidade criativa ao Evangelho e
aos carismas fundacionais,
em comunhão com todo o Povo de
Deus e seus Pastores,
INCENTIVANDO, segundo a imagem
do Deus Trino e à luz da opção pelos
pobres,
ATTITUDES, AÇÕES E PROJETOS
DE SOLIDARIEDADE,
em parceria com as forças promotoras
de vida,
nas diferenças de gênero, etnia, cultura
e faixa etária,
INDO AO ENCONTRO DOS NOVOS
ROSTOS DA MISSÃO.

Compromissos:

1. Cuidar que as questões de gênero passem grupos, comissões e programações da CRB.
2. Continuar incentivando, dinamizando e assessorando as Regionais e Institutos Religiosos nas atividades em torno do projeto "Tua Palavra é Vida".
3. Continuar incentivando na VR o compromisso missionário aqui e além fronteiras.
4. Favorecer o estudo e a valorização das manifestações religiosas do povo pobre (catolicismo popular, pentecostalismo, religiões indígenas e afro-brasileiras), expressões de seu anseio de vida e de sua experiência de Deus.
5. Participar do diálogo ecumênico e inter-religioso, estimulando o intercâmbio com as formas de VR de outras confissões cristãs e religiões.
6. Continuar incentivando iniciativas que favoreçam a inserção e inculturação em

lugares de fronteira e de exclusão social, com particular atenção aos indígenas desaldeados.

7. Recolher, por meio dos grupos de reflexão nacionais (GRIMPO, ERT etc.), experiências significativas de contato direto e inserção no mundo dos excluídos e socializá-las, com iluminação teológica, a fim de incentivar outras realizações na mesma linha.
8. Veicular junto aos Institutos Religiosos informações a respeito de meios alternativos de auto-sustentação em grupos populares.
9. Favorecer a articulação dos Institutos Religiosos com outros organismos eclesiais, governamentais e não-governamentais, visando à transformação das estruturas e à defesa do ecossistema, para criar condições de vida digna e de exercício da cidadania.
10. Valorizar o GRENI como espaço de estudo e conhecimento das culturas de resistência, a fim de favorecer inculturação mais efetiva da VR nos meios populares.
11. Ajudar os Institutos Religiosos a trabalhar os conflitos decorrentes da tomada de consciência da identidade étnico-cultural de religiosos e religiosas, favorecendo atitudes de acolhida e diálogo.
12. Promover maior conhecimento da realidade urbana, visando a um processo mais consciente, crítico e eficaz de inculturação da VR na cidade moderna.
13. Continuar promovendo a intercongregacionalidade como caminho para chegar, na VR, a relações de reciprocidade que favoreçam o exercício da missão.
14. Aprofundar as temáticas da modernidade e dos excluídos, levando em conta, tanto para religiosos quanto para religiosas, a questão da mulher.

15. Estimular melhor capacitação filosófico-teológica e técnico-científica da mulher consagrada.
16. Incentivar a opção pelos jovens, tanto os excluídos quanto os que têm acesso ao saber e aos benefícios da modernização, estimulando a participação dos religiosos e religiosas no universo cultural da juventude.
17. Criar em nível nacional e regional o Grupo de Reflexão da Juventude (GRJ), para compreender melhor a complexa situação dos jovens, aprimorar a comunicação com eles e elas e articular religiosos e religiosas que atuam neste setor.
18. Contribuir para que as obras sejam mediação eficaz da missão, por meio do aprimoramento da competência técnica e profissional, da luta pela cidadania e da evangelização, em crescente parceria com os leigos.
19. Estimular o intercâmbio de experiências e a articulação dos recursos humanos, materiais e institucionais da VR

voltados para a classe média com os destinados ao meio popular, em vista do redimensionamento e dinamização das obras.

20. Incrementar iniciativas intercongregacionais de colaboração no âmbito das obras tradicionais, no espaço recente dos meios de comunicação de massa e nas instituições comprometidas com os excluídos e os jovens.
21. Favorecer processos formativos corresponsáveis que aprofundem uma espiritualidade fundada na experiência do Deus de Jesus Cristo, solidário com os excluídos, tendo em vista a capacitação para a evangelização inculturada.
22. Encorajar, no âmbito global da formação, o desenvolvimento criativo de atitudes, ações e projetos de justiça e solidariedade, em todos os níveis, ajudando religiosos e religiosas a se posicionarem diante do fenômeno da modernidade de modo evangélico, crítico e construtivo.

PALAVRA DO PAPA

FINALIDADE DA ATIVIDADE MISSIONÁRIA

1. Continuamos a reflexão a respeito das objeções e das dúvidas acerca do valor da atividade missionária e, em particular, acerca da sua finalidade evangelizadora.

Não faltou quem quisesse interpretar a ação missionária como uma tentativa de impor a outros as próprias convicções e escolhas, em contraste com um certo espírito moderno que se vangloria, como uma conquista definitiva, da absoluta liberdade de pensamento e de consciência pessoal.

Segundo essa perspectiva, a atividade evangelizadora deveria ser substituída por um diálogo inter-religioso, que consistiria numa troca de opiniões e de informações, com a qual cada uma das partes faz conhecer o próprio "credo" e se enriquece com o pensamento do outro, sem nenhuma preocupação de chegar a conclusões. Isto deveria comportar — diz-se — da parte dos cristãos a renúncia a encaminhar os não-cristãos na via do Evangelho, a abstenção de propor ou favorecer a conversão, a exclusão da perspectiva do batismo. Deste modo seria respeitada a via da salvação, seguida conforme a própria educação e tradição religiosa de cada um (cf. *Redemptoris missio*, 4).

2. Mas uma semelhante concepção parece inconciliável com o mandato de Cristo aos Apóstolos (cf. *Mt* 28, 19-20; *Mc* 16,15), transmitido à Igreja, e com a eclesiologia autêntica que nos foi recordada pelo Concílio Vaticano II, para mostrar

a incontestável necessidade da atividade missionária. Trata-se de algumas verdades fundamentais: Deus quer a salvação de todos; Jesus Cristo é o "único mediador", o qual "Se deu em resgate por todos" (*1 Tm* 2, 4-5), de modo que "não há salvação em nenhum outro" (*At* 4,12); é por isso necessário "que todos se convertam a Cristo conhecido pela pregação da Igreja, e que sejam incorporados, pelo Batismo, a Ele e à Igreja, seu corpo" (*Ad gentes*, 7).

O Concílio faz referência às palavras de Jesus Cristo sobre o irrenunciável empenho missionário confiado aos Apóstolos. Ele, inculcando expressamente a necessidade da fé e do batismo (cf. *Mc* 16, 16; *Jo* 3, 5), ao mesmo tempo confirmou o papel da Igreja, na qual é necessário entrar e perseverar se quiser ser salvo (cf. *AG*, 7). Esta necessidade da fé, acolhida mediante a pregação da Igreja, em ordem à salvação, não é só uma dedução teológica, mas é doutrina revelada pelo Senhor. Dela deriva a urgência da ação missionária para a pregação do Evangelho e a administração do batismo, que assegura o ingresso na comunhão da Igreja. Esta doutrina tradicional da Igreja manifesta a inconsistência e a superficialidade de uma atitude relativista e irenista acerca da via da salvação numa religião diferente da que foi fundada sobre a fé em Cristo.

3. Sem dúvida, deve-se crer na existência de vias secretas do desígnio divino de

salvação para aqueles que, sem culpa, não podem entrar na Igreja; contudo, não se pode, em nome destas vias, menosprezar ou abandonar a atividade missionária. A propósito disso, observa o Concílio: “Embora Deus, por caminhos que só Ele sabe, possa conduzir à fé, sem a qual é impossível ser-Lhe agradável (Hb 11,6) (...) incumbem à Igreja, apesar de tudo, a obrigação e o sagrado direito de evangelizar. Daí vem que a atividade missionária conserve ainda hoje e haja de conservar sempre toda a sua eficácia e a sua necessidade” (AG, 7).

4. “Da eficácia e necessidade” da ação missionária o Concílio explica, antes de tudo, as razões eclesiológicas concernentes à vida interna da Igreja. “Por ela incessantemente vai cobrando e organizando as forças para seu crescimento o Corpo místico de Cristo (cf. Ef 4, 11-16).” Os membros da Igreja, “animados pela caridade, desejam comunicar a todos os homens os bens espirituais tanto da vida presente como da futura”. Deus é glorificado porque, graças a essa atividade, “os homens recebem, *plena e conscientemente*, a obra de salvação que Ele em Cristo levou a cabo”. Realiza-se deste modo o plano de Deus ao qual se consagrou Cristo, isto é, “para que todo o gênero humano forme um só Povo de Deus, se una num só corpo de Cristo e se edifique num só templo do Espírito Santo” (AG, 7).

A atividade missionária corresponde plenamente ao desígnio do Criador, posto em evidência pela tradição patrística à qual faz referência o Concílio Vaticano II. Ele atuará quando “todos os que participam da natureza humana, uma vez regenerados em Cristo pelo Espírito Santo e já na visão unânime da glória de Deus Pai, puderem dizer: “Pai nosso”. Mas ao mesmo tempo, a evangelização “corresponde ao íntimo desejo de todos os homens” (AG, 7), que são mais ou menos conscientemente, e — poder-se-ia dizer — como que instintiva-

mente, os que estão à procura de Deus, de concórdia fraterna, de paz e de vida eterna. A atividade missionária tem em vista precisamente tudo isto.

5. Entre as aspirações fundamentais do homem, para as quais a atividade missionária da Igreja leva a luz da revelação de Cristo, há o conhecimento da verdade a respeito de si mesmo e do próprio destino. O Concílio afirma: “Ao dar a conhecer Cristo, a Igreja revela, por isso mesmo, aos homens a genuína verdade da sua condição e da sua integral vocação, pois Cristo é o princípio e o modelo da humanidade renovada e imbuída de fraterno amor, sinceridade e espírito de paz, à qual todos aspiram. Cristo e a Igreja que d’Ele dá testemunho pela pregação evangélica transcendem todos os particularismos de estirpe ou de nação e, por isso, não podem ser considerados estranhos a ninguém e em nenhuma parte” (AG, 8).

Nesta altura, é preciso repetir quanto fizemos notar várias vezes: a verdade do Evangelho não está ligada a uma particular nação ou cultura; é a verdade de Cristo que ilumina todos os homens, sem distinção de tradições ou de raças. Por essa razão, é necessário que seja anunciada à humanidade inteira: “O próprio Cristo é aquela verdade e aquele caminho que a pregação evangélica a todos abre” (AG, 8).

6. Podemos concluir a reflexão hodierna confirmando, também para o nosso tempo, a plena verdade das missões e da atividade missionária, como excelente concretização da missão da Igreja de anunciar Cristo, Verbo encarnado, Redentor do homem. Com efeito, mediante a ação missionária, a Igreja aplica o poder salvífico do Senhor Jesus ao bem integral do homem, à espera e em preparação da sua nova vinda ao mundo, na plenitude escatológica do Reino de Deus. A respeito dos missionários, pode-se repetir ainda hoje aquilo que se afirma de Paulo, que veio a Roma *como*

missionário: “Desde pela manhã até a tarde, Paulo não cessou de lhes dar o seu testemunho. Falou com eles do Reino de Deus e procurou convencê-los do que diz respeito a Jesus (At 28, 23). No trecho dos Atos do Apóstolos trata-se de um encontro com os irmãos da comunidade hebraica de Roma. Naquela ocasião, “alguns deixaram-se persuadir com as palavras; outros, porém, mantiveram-se incrédulos” (At 28, 24). O Apóstolo, porém, tomou de modo definitivo a sua grande resolução: “Ficai agora

sabendo: Esta salvação de Deus foi enviada aos pagãos que a hão de escutar” (At 28, 28).

Podemos dizer que naquele dia começou em Roma, na casa alugada por Paulo, uma nova etapa do desenvolvimento da história do cristianismo: história de fé, de civilização e de valores evangélicos, sempre rica e fecunda para o bem da humanidade.

*Alocução da Audiência geral de
quarta-feira, 10 de maio*

1. PRIMEIRO ENCONTRO DE PASTORAL VOCACIONAL DO CONE SUL

Realizou-se em Florianópolis, Santa Catarina, de 1 a 6 de fevereiro deste ano, o Primeiro Encontro Regional de Pastoral Vocacional, envolvendo os países do Cone Sul: Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Participaram vinte e seis pessoas, representando a pastoral vocacional e as pastorais da catequese, juventude, familiar, como também os religiosos.

Perspectiva

O Primeiro Congresso Continental, realizado em maio de 1994, em Itaici, São Paulo, em sua Declaração Final, diz que "a Pastoral Vocacional não é um simples departamento da Pastoral de Conjunto, mas que é preciso fazer dela uma dimensão que penetra intrinsecamente toda a pastoral" (N. 8). Para atender a esta finalidade, foi organizado este encontro regional de PV, envolvendo a Pastoral de Juventude, a Pastoral Familiar, a Pastoral Catequética e os Religiosos e as Religiosas. Tratou-se de um serviço do CELAM (Conferência Episcopal Latino-americana) com a colaboração da CLAR (Confederação Latino-americana de Religiosos) e das Igrejas Particulares do continente da esperança.

Objetivo do encontro: animar a aplicação das conclusões do Primeiro Congresso Continental Latino-americano de Vocações.

Tema: a integração da Pastoral Vocacional com as pastorais afins desde o Pri-

meiro Congresso Continental de Vocações na realidade de nossas Igrejas Particulares.

Destinatários: responsáveis nacionais da pastoral vocacional, da pastoral juvenil, da pastoral familiar, da pastoral catequética e representantes da CLAR dos países da Região do Cone Sul.

Atividades mais importantes do encontro

a) RELATO DOS PROGRAMAS (VER) por país a partir dos compromissos. Os representantes dos vários países passaram informações sobre a concretização dos compromissos assumidos no final do Congresso Continental de Itaici. Houve uma visão bastante ampla dos avanços feitos como também das dificuldades que cada país está encontrando para dinamizar a dimensão vocacional nas pastorais. Foram partilhadas experiências. Apresentou-se o livro contendo todo o material apresentado no Congresso e se assistiu ao vídeo que recolhe os elementos mais importantes da pastoral vocacional.

b) Dois TEMAS BÁSICOS (JULGAR) foram estudados visando à aplicação do Congresso: a dimensão vocacional da pastoral de conjunto e as etapas da pastoral vocacional (despertar, discernir e acompanhar) nas diferentes pastorais afins. Como atividade se reuniram grupos por pastorais (vocacional, familiar, juvenil, catequese) levantando os desafios que a dimensão vocacional apresenta à pastoral de conjunto. Foi ainda feita uma série de sugestões para uma pastoral vocacional integrada com as pastorais afins e os religiosos.

c) No último dia, em grupos por países, a pergunta foi: "Como levar adiante em nossos países a pastoral vocacional? (AGIR). Cada representação fez indicação de pistas e assumiu seus próprios compromissos visando à dinamização da pastoral vocacional, tornando-a efetivamente integrada na pastoral de conjunto e com as pastorais afins. Entre as PROPOSTAS DO BRASIL estão: a) implantação das equipes de pastoral vocacional em todas as comunidades; b) especial preocupação para que a pastoral vocacional se integre na pastoral de conjunto e se relacione estreitamente com as pastorais afins (familiar, juventude, catequese); c) buscar maneiras para que a PV tenha em seu conteúdo uma eclesiologia ministerial e não se ocupe somente das vocações ao sacerdócio e à vida religiosa.

Resultados principais do encontro de pastoral vocacional do Cone Sul

I. SÍNTESE DOS INFORMES APRESENTADOS PELOS PAÍSES EM RELAÇÃO ÀS LINHAS PASTORAIS E ATIVIDADES SURGIDAS A PARTIR DOS COMPROMISSOS NO PRIMEIRO CONGRESSO CONTINENTAL LATINO-AMERICANO DE VOCAÇÕES CELEBRADO EM 1994.

1. Argentina

1.1. Pontos relevantes

- 1.1.1. Consolidar a relação com as distintas regiões eclesiais do país.
- 1.1.2. Iniciar uma etapa de diálogo e integração com as Conferências de Religiosos e Religiosas para uma pastoral vocacional conjunta.
- 1.1.3. Organizar o Encontro Nacional de P.V. convidando os representantes das pastorais afins, todas as congregações religiosas e os institutos seculares.

1.2. Desafios

- 1.2.1. Incorporar os religiosos e a Comissão Nacional de Juventude para integrar o Secretariado Nacional da P.V.
- 1.2.2. Capacitar novos agentes de P.V. nas distintas regiões do país.

2. Brasil

2.1. Pontos relevantes

- 2.1.1. Apresentação das conclusões do Congresso na Comissão Episcopal de Pastoral.
- 2.1.2. Em nível de Episcopado, Religiosos, Institutos Seculares, Presbíteros e Diáconos, reunidos em seus respectivos organismos, reforçar e ampliar os programas de integração das pastorais afins com a pastoral das vocações e dos ministérios.
- 2.1.3. Realizou-se em julho de 1994 um Encontro sobre ministérios locais e se programou outro para 1995.

2.2. Desafios

- 2.2.1. Será realizado o 12º Encontro Nacional de P.V. para outubro de 1995 tratando da integração com as pastorais afins.
- 2.2.2. Seguir encaminhando a P.V. dentro do pluralismo ministerial na Igreja do Brasil.

3. Chile

3.1. Pontos relevantes

- 3.1.1. Realizou-se um Encontro Nacional em julho de 1994, organizado conjuntamente pela Comissão Nacional de P.V. e a Vida Religiosa para buscar linhas comuns de integração.
- 3.1.2. Reforçaram-se, a partir dali, as equipes diocesanas e se reafirmou a necessidade de integrar a Pastoral da Juventude, a Pastoral Familiar e a Catequese com a Pastoral Vocacional.

3.2. Desafios

- 3.2.1. Programou-se um Segundo Encontro Nacional para julho de 1995 na mesma linha e dois Encontros Regionais (norte e sul).
- 3.2.2. Encaminhar-se-á a realização de um dia de oração ao mês pelas vocações em todas as paróquias.

4. Paraguai

4.1. Pontos relevantes

- 4.1.1. Informar sobre as conclusões do Congresso à Conferência Episcopal e à dos Religiosos.
- 4.1.2. Consolidar as Semanas Vocacionais em torno do quarto Domingo da Páscoa.

4.2. Desafios

- 4.2.1. Assumir um compromisso conjunto entre os promotores vocacionais diocesanos e religiosos.

5. Uruguai

5.1. Pontos relevantes

- 5.1.1. Carta ao Episcopado, Superiores Religiosos e de Institutos Seculares e dirigentes de Pastoral da Juventude e Familiar sobre o Congresso. Publicação das conclusões do mesmo.
- 5.1.2. Encontro com Provinciais Religiosos (masc. e fem.) e com a Comissão Nacional do Clero. Congresso Nacional de Centros Diocesanos para ler Itaici a partir da realidade uruguaia.
- 5.1.3. Integram-se ao Departamento de Vocações e Ministérios dois Delegados da Federação dos Religiosos do Uruguai e dois dos Institutos Seculares.

5.2. Desafios

- 5.2.1. Fazer um plano para três anos coordenado com as pastorais afins, especialmente com a Pastoral da Juventude.

- 5.2.2. Fortalecer a formação daqueles que acompanham os processos de discernimento.
- 5.2.3. Criar a Equipe Nacional de Pastoral do Adolescente.
- 5.2.4. Elaborar o Plano Nacional de Pastoral Vocacional a partir da Igreja que se necessita para a realidade do país.
- 5.2.5. Tomar consciência da falta de espiritualidade pastoral nas distintas estruturas.

II. DESAFIOS DA DIMENSÃO VOCACIONAL NA PASTORAL DE CONJUNTO

1. Ter uma pastoral de conjunto.
2. Esclarecer as tarefas de cada pastoral específica.
3. Transformar as comunidades em ambientes propícios à maturidade vocacional (vida, participação).
4. Assumir seriamente a vocação batismal (sacerdotes, profetas e reis).
5. Aprofundar o conhecimento dos princípios teológicos que sustentam a Pastoral da Vocação.
6. Superar o funcionalismo das estruturas pastorais que perdem assim sua espiritualidade própria.
7. Vivenciar na ação pastoral concreta o ministério da Igreja.
8. Ajudar os cristãos a dar testemunho alegre de sua vocação.
9. Conscientizar de que a dimensão vocacional é inerente a toda pastoral e que, portanto, ajuda a Igreja a cumprir sua missão.
10. A dimensão vocacional de toda pastoral deve levar o ser humano a se sentir pessoa em Cristo, princípio e fim de toda a vida.

III. AS ATIVIDADES ESPECÍFICAS DE CADA PASTORAL

1. Catequese

1.1. Incentivar o espírito de pastoral de conjunto enfatizando a necessidade de trabalhar pela edificação da Igreja. Em todas as ações pastorais dever-se-ia ter presente não só a dimensão vocacional mas também as diversas etapas do processo evangelizador.

1.2. Destacar a importância da comunidade catequizadora. Ajudar a entender que catequizar é apresentar a alguém a comunidade de fé, é ajudar a descobrir as razões, os ideais, os princípios que fazem com que essa comunidade seja o que é. O catequista é uma voz, um representante dessa comunidade na qual todas as vocações têm um papel que deve ser revalorizado. A iluminação bíblica ajudaria a perceber o sentido das vocações presentes na comunidade.

1.3. Criar Equipes Vocacionais Paroquiais formadas por integrantes das diversas pastorais para melhor compreensão, crescimento e valorização das distintas vocações.

2. Juventude

Delinear o processo de formação com mentalidade de itinerário. Para isso se propõem etapas:

2.1. DESPERTAR: realiza-se na Paróquia e na Comunidade (relação com a Pastoral Familiar).

2.2. FORMAÇÃO HUMANA EM CRISTO: realiza-se na Paróquia, na Comunidade e nas Escolas.

2.3. APROFUNDAMENTO: nas etapas 2 e 3 encontram-se uma especial relação com a pastoral catequética.

2.4. DISCERNIMENTO: a pastoral vocacional generalizada desemboca logo em uma P.V. específica. Nas etapas 3 e 4 manifesta-se o compromisso social e a vinculação particular com a pastoral missionária. É muito importante a relação dos religiosos com sua identidade e carisma.

O ritmo do processo é planejado pelo próprio jovem em sua maturidade. É imprescindível conhecer os planos das pastorais afins e elaborar projetos comuns tendo como modelo a pastoral orgânica.

3. Família

3.1. Aproveitar as conversas com os pais que se dão nas paróquias (batismo, catequese etc.) para informá-los sobre família e vocação.

3.2. Nos países onde existe catequese familiar, cuidar para que o conteúdo da mesma reforce o conhecimento da vocação cristã.

3.3. Que a Pastoral da Vocação relacione-se com as famílias dos jovens vocacionados para os acompanhar.

3.4. Elaborar e entregar material nas paróquias que oriente os pais sobre as distintas vocações de especial consagração.

3.5. Favorecer o Encontro de Jovens e Pais, ao menos uma vez por ano, a partir das realidades da pastoral da juventude e familiar.

3.6. Elaborar e distribuir material sobre as vocações na Bíblia, aproveitando o ano litúrgico, para estimular a reflexão na família sobre as vocações.

4. Pastoral Vocacional

Uma proposta concreta de trabalho a partir da pastoral vocacional pode-se dar:

4.1. À medida que cada pastoral convoque, acompanhe e chame.

- 4.2. Quando se dê aproximação com cada pastoral (intercâmbio, visitas, diálogo). Isto supõe identidade e clareza em cada pastoral.
- 4.3. Fazendo uma proposta concreta de atividades (plano). Isto supõe mudança de mentalidade.
- 4.4. Continuando no mútuo conhecimento das pastorais, reforçando a integração e formando pessoas nesta "mística" (importância de conhecer objetivos, atividades de cada pastoral).
- 4.5. Promovendo encontros de assessores (responsáveis). Deve-se usar esta experiência em outros níveis: dioceses, regiões.
- 4.6. Conhecendo os grandes eventos, convidando à participação (encontros nacionais de P.V., catequese).
- 4.7. Integrando jovens, catequistas e famílias nas equipes de P.V.
- 4.8. Insistindo a partir do Seminário em uma teologia pastoral que favoreça uma visão total da pastoral e uma visão integrada das pastorais específicas.
- 4.9. Fomentando uma relação de amizade afetiva entre os agentes de pastoral.
- 4.10. Valorizando a teologia dos ministérios fundada na pluralidade de carismas e serviços. Prestar-se-á especial atenção à integração entre os padres diocesanos e religiosos.

Finalmente consideramos importante que a pastoral vocacional tenha uma espiritualidade própria e uma visão de Igreja diocesana.

IV. COMPROMISSOS FINAIS DE CADA PAÍS

No final do Encontro cada país procurou assumir alguns compromissos, respondendo a duas questões:

- 1) Como levar adiante, em nossos países, a pastoral vocacional em nível nacional, diocesano e paroquial?
- 2) Recomendações às Pontifícias Obras para as Vocações e ao *DEVYM*.

1. Argentina

- 1.1. Encontro dos responsáveis das pastorais afins com os referentes de Diaconato Permanente e Vida Consagrada a fim de trabalhar com o Secretariado Nacional de Pastoral Vocacional, particularmente em função dos encontros nacionais e regionais.
- 1.2. Busca de pontos em comum com os religiosos valorizando identidades e carismas.
- 1.3. Tentar-se-á ampliar o Secretariado Nacional conservando uma mesa executiva ligada estreitamente ao Episcopado.
- 1.4. Esclarecer ainda mais o significado de Pastoral das Vocações.

2. Brasil

- 2.1. Implantar as equipes paroquiais de P.V. em todas as comunidades.
- 2.2. Ter especial preocupação para que a P.V. integre-se na pastoral de conjunto e se relacione estreitamente com as pastorais afins.
- 2.3. Que o grupo de assessores nacionais busque e estude maneiras para que a P.V. tenha em seu conteúdo uma eclesiologia ministerial e não se ocupe somente das vocações ao sacerdócio e à Vida Religiosa.
- 2.4. Que a P.O.V. ajude também financiando as iniciativas dos distintos continentes tendo em conta as dificuldades de cada região, as enormes distâncias e os problemas dos países para sustentar opções pastorais.

3. Chile

- 3.1. Encontro com a Comissão Nacional de Pastoral Vocacional para apresentar as conclusões deste Encontro do Cone Sul.
- 3.2. Encontro com as pastorais afins para nos conscientizar da dimensão vocacional de cada pastoral e ver juntos os caminhos na área do "chamar, despertar".
- 3.3. Favorecer e apoiar as equipes diocesanas de P.V. e as equipes paroquiais com estreita relação às pastorais afins.
- 3.4. Aproveitar o Encontro Nacional e os dois encontros regionais (norte e sul) para trabalhar a dimensão vocacional na pastoral de conjunto.
- 3.5. Retomar a experiência dos círculos de oração pelas vocações e incentivar outras formas de oração.
- 3.6. Revisar as etapas e reforçar o "despertar, chamar".
- 3.7. Conscientizar-se do protagonismo laical (desclericalizar nossas pastorais). Viver em profundidade a vocação de cada um.
- 3.8. Favorecer a reflexão sobre os ministérios leigos para abrir caminhos de comunhão e falar uma linguagem comum.
- 3.9. Continuar a reflexão teológica sobre a vocação e as vocações, esclarecer termos.
- 3.10. Promover o diálogo com os movimentos para caminhar em direção a uma pastoral de conjunto.

4. Uruguai

- 4.1. Criar um espaço de reflexão que ajude o trabalho catequético diocesano a descobrir a natureza vocacional do povo de Deus.
 - 4.1.1. Que a P.V. participe de um dos encontros nacionais de catequese com o bispo presidente do Departamento, o Secretário Executivo e um dos delegados diocesanos.
- 4.2. A partir de uma P.J. com "linha vocacional", um Encontro no mês de julho com a P.V. Começar, assim, a integração destas pastorais em um triênio no qual elas tenham o mesmo bispo como presidente.
 - 4.2.1. Na sede do Instituto "Pablo VI" de P.J. elaborar subsídios com a ajuda da P.V. Enfrentar o problema existente em algumas dioceses referente ao trabalho paralelo destas pastorais.
- 4.3. Sugerir ao bispo presidente do Departamento:
 - 4.3.1. Continuar conscientizando os presbíteros da dimensão vocacional da pastoral e de toda vida cristã.
 - 4.3.2. Propor no Seminário uma visão integral e integrada da pastoral, com dimensão vocacional das pastorais.
- 4.4. Elaborar material sobre a dimensão vocacional do Povo de Deus.
- 4.5. Fomentar as Equipes Vocacionais Paroquiais (integradas) como experiência de uma pastoral de conjunto integrada.

Pe. Angelo Ademir Nezzari, RCJ

2. SEMINARISTAS MAIORES: AS DIFERENÇAS ENTRE DIOCESANOS E RELIGIOSOS NA PESQUISA DE 1993

Na pesquisa sobre seminaristas maiores promovida pela CNBB em 1993 (cf. relatório do CERIS e meu comentário comparativo com a pesquisa de 1982), é possível analisar separadamente as respostas dos seminaristas diocesanos e dos religiosos. É o que vamos fazer, com base em relatórios fornecidos pelo CERIS, salientando as principais diferenças.

Lembramos que foram obtidas 1276 respostas dos religiosos (36,1% do total) e 2260 respostas de diocesanos (63,9%). As 1276 respostas dos religiosos representam 53,5% dos 2384 seminaristas maiores religiosos da época (dados da Santa Sé). As 2260 respostas de diocesanos representam 65,5% dos 453 seminaristas maiores diocesanos.

Diferenças na perseverança

O número maior de seminaristas diocesanos está relacionado também com a maior perseverança destes seminaristas. Com efeito, enquanto 23,6% dos seminaristas religiosos estão no 1º ano de filosofia e só 5,56% (menos de 25% dos primeiros) no 4º ano de teologia, 17,96% dos seminaristas diocesanos estão no 1º ano de filosofia e 8,85% estão no 4º ano de teologia (ou seja, 42% dos que começaram a filosofia).

O fato me parece confirmado por cálculos que fiz sobre o número de seminaristas maiores diocesanos e religiosos fornecidos pelo CERIS e pela Santa Sé para os anos de 1975 a 1992. Calculando o número de ordenados sobre o número de seminaristas dos sete anos anteriores

(= duração do curso de filosofia e teologia), cheguei à conclusão de que nos seminários diocesanos foram ordenados, em média, 72% dos seminaristas que frequentaram o curso, enquanto nos seminários religiosos a média foi de 49% (repare-se que não se trata de 72% ou 49% dos que *iniciaram* o curso de filosofia, mas da média de seminaristas presentes ao longo dos sete anos do curso de filosofia e teologia).

A questão das causas dessa diferença não pode ser esclarecida aqui. É possível que um certo número de seminaristas religiosos acabe se ordenando como padres diocesanos e que a seleção nos seminários religiosos seja mais rigorosa. O certo é que a diferença existe e é acentuada entre 1975 e 1992.

Diferenças regionais

Uma primeira diferença diz respeito à região de origem: as dioceses têm 40% de seus seminaristas nascidos na Região Sudeste, enquanto os religiosos têm 29,5%. Na Região Sul, acontece o contrário: aí nasceram 35,8% dos religiosos e 23% dos diocesanos. Nas outras Regiões não há diferenças relevantes, a não ser no Nordeste, onde predominam os diocesanos (26%, contra 20,5% dos religiosos).

O local dos estudos não é o mesmo da região de origem: os religiosos concentram seus seminaristas nos Estados de S. Paulo (21, 6%), Paraná (9,8%) e Minas Gerais (13, 9%); as dioceses concentram seus estudantes nos Estados de Minas Gerais (17, 96%), S. Paulo (16, 95%) e Rio Grande do Sul (9,56%).

Com relação ao lugar em que transcorreram a infância, não há grandes diferenças entre religiosos e diocesanos: os religiosos têm uma porcentagem levemente superior de seminaristas criados na roça e de seminaristas em cidades acima dos

100.000 habitantes (ou seja, nos dois extremos); os diocesanos são levemente mais numerosos nas situações intermédias (cidades pequenas ou inferiores a 100.000 habitantes).

Origem familiar: o nível da renda

As diferenças entre as famílias dos seminaristas religiosos e dos diocesanos são perceptíveis, mesmo se não chegam a ser muito grandes. Quanto à renda, é maior para as famílias dos religiosos. Por exemplo: entre os seminaristas religiosos a renda do pai é inferior a um salário mínimo em 22,6% dos casos; entre os diocesanos, em 28,1% dos casos. Por outro lado, há 5,6% dos pais de religiosos com renda acima de 10 salários mínimos e só 2,2% dos pais diocesanos na mesma situação. Os dados sobre a renda das mães confirmam que as famílias dos religiosos têm renda maior.

Indiretamente, também as informações sobre o número de seminaristas que trabalhavam antes do ingresso no Seminário confirma: as famílias dos diocesanos são mais pobres e 43,3% dos seminaristas diocesanos trabalharam profissionalmente antes de entrar no Seminário (contra 35,1% dos religiosos), enquanto 21,7% dos religiosos só estudaram e 16,6% dos diocesanos; os outros trabalharam em casa.

A família e a influência religiosa

Não há muita diferença no comportamento religioso dos pais de seminaristas religiosos e diocesanos. Os religiosos têm, em pequena proporção, um maior número de pais e mães engajados na pastoral ou católicos praticantes; os diocesanos têm maior número de pais e mães não praticantes.

Os religiosos também atribuem à família uma influência muito positiva sobre a sua vocação mais do que os diocesanos

(59,6% contra 55,4%). O incentivo a perseverar vem da mãe sozinha (em 39,9% dos casos para os diocesanos e 34,6% dos religiosos) ou de pai e mãe ou pai, mãe e irmãos (com leve vantagem para os religiosos).

Escolaridade e seminário menor

Os seminaristas religiosos entram mais cedo para o Seminário do que os diocesanos. Destes últimos, apenas 13,5% entram antes de completar o 2º grau, enquanto os religiosos na mesma condição são 20,9%. Estes dados não combinam perfeitamente com outras respostas, em que 28,2% dos religiosos e 26,5% dos diocesanos declararam ter cursado o 2º grau no Seminário Menor. Mas o ingresso mais precoce dos religiosos parece confirmado pelo fato de que 52,2% deles declaram ter descoberto a vocação antes dos 15 anos (contra 48,3% dos diocesanos), enquanto 50% dos diocesanos descobriram a vocação após os 16 anos (contra 46,6% dos religiosos).

A descoberta da vocação

Falando das experiências que mais os ajudaram na descoberta da vocação (cada um podia indicar três), os seminaristas religiosos dão mais destaque às experiências pessoais, à vida sacramental e aos encontros vocacionais, embora com pequena diferença quanto aos diocesanos. Estes salientam mais nitidamente a experiência de um ministério pastoral (39,2% contra 34,8%) e a participação em grupos de jovens (29,6% contra 22,3%).

A importância dos grupos de jovens para a vocação dos seminaristas diocesanos aparece também pelo fato de que 35,5% deles participaram desses grupos por muitos anos (contra 28,1% dos religiosos).

As pessoas que mais influenciaram a vocação dos seminaristas diocesanos são: um padre (51,2%), o vigário (34,2%), um

leigo (19,1%), o bispo (5,7%), o papa (4,4%). Para os seminaristas religiosos prevalecem a mãe (33%), um missionário (20,6%), o pai (18,4%), uma religiosa (16,2%) ou um religioso irmão (15,7%), um professor (3,1%). (NB.: cada um podia indicar três respostas.)

A residência e as despesas

Há uma sensível diferença entre o tipo de residência dos seminaristas religiosos e diocesanos. Estes últimos moram predominantemente em Seminários (68,7%) e mais raramente em pequenas comunidades com um padre assistente (23,1%) ou em outras situações (7%). Os religiosos moram mais em pequenas comunidades (65,2%) e menos em Seminários (27,2%) ou outras situações (6,2%). Estes, porém, parecem mais satisfeitos com a vida comunitária, que julgam estimulante em 47,5% dos casos (contra 36,4% dos diocesanos).

Quem paga as despesas da moradia, dos estudos e pessoais? As diferenças das respostas são aqui nítidas. Para a *moradia*, contribuem para pagar as despesas dos diocesanos a Igreja (92,52% dos casos!) e os familiares (12,65%); contribuem para os religiosos a própria congregação (cerca de 70% dos casos), mas também amigos e benfeitores (24% contra 14,5% dos diocesanos) e atividades remuneradas dos próprios seminaristas (8,15% contra 3,23% dos diocesanos). Para o *estudo*, a situação é semelhante à das despesas para a moradia; só aumenta sensivelmente a contribuição da família (23,5%) e dos amigos e benfeitores (21,4%) para os diocesanos. Para as *despesas pessoais*, os religiosos recebem contribuições da congregação em 55% dos casos e os diocesanos recebem ajuda da Igreja apenas em 31% dos casos. Além disso, os diocesanos recebem ajuda de familiares (61% dos casos) e dos amigos (35%) ou ainda de atividades remuneradas

(19,3%). Os religiosos são ajudados por familiares (30,7%), amigos (25%) e atividades remuneradas (10,4%).

Avaliação da formação recebida

Consideram que os estudos preparam plenamente ao ministério presbiteral mais religiosos (36,7%) que diocesanos (27,9%). Os outros estão quase todos "razoavelmente" satisfeitos. Somente 3,1% dos religiosos têm uma opinião totalmente negativa sobre os estudos. Também na indicação das causas do abandono do Seminário, mais diocesanos (22,5%) que religiosos (18,3%) julgam negativamente o processo da formação.

Uma pergunta sobre a leitura dos documentos eclesiais revela a preferência dos religiosos pelos documentos universais ou latino-americanos (63% leram o Vaticano II; 61%, Puebla; 65%, Santo Domingo), embora com pouca diferença com relação aos diocesanos. Estes, porém, leram muito mais os documentos específicos sobre o presbiterato (*Pastores Dado Vobis*, 62%; Vida e Ministério do Presbítero, 22%; Diretrizes da Formação Presbiteral, 43%) ou brasileiros (Diretrizes Gerais da Ação Pastoral, 53%). Empate na leitura dos documentos sociais (*Laborem Exercens*; *Centesimus Annus*).

Perspectivas e opções pastorais

No final, foi pedido aos seminaristas para indicar as três atividades pastorais que mais gostariam de assumir e as três menos desejadas. As respostas mostram que, em alguns casos, as diferenças entre diocesanos e religiosos são gritantes. Por exemplo: 45% dos diocesanos gostariam de ser párocos, mas apenas 15% dos religiosos pensam o mesmo. Por outro lado, gostariam de ser missionários no exterior 20% (ou exatamente 19,75%) dos religiosos e apenas 7,5% dos diocesanos. O mesmo vale

FAMÍLIA, CASAMENTO E EXCLUSÃO

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM*
Brasília — DF

A família é a célula básica da sociedade. Quando a família adoece, toda a sociedade adoece também. Em nossos dias, a sociedade, por sua vez, danifica irreversivelmente a família.

A Campanha da Fraternidade de 1995 vai fazendo seu caminho. Em muitos lugares vem sendo feita profunda reflexão sobre os que excluem e os que são excluídos. São apontadas linhas de ação e cultiva-se uma atitude de respeito e misericórdia evangélica para todos esses que ficam à margem da vida e da história. Pronunciamentos de vários horizontes insistem no fato de que filosofias e mentalidades que privilegiam o lucro e o benefício estão na origem do fenômeno da exclusão. Não poucas famílias bem constituídas e outras formações incompletas vivem também o fenômeno da exclusão. Necessário afirmar que, no interior da pequena célula da sociedade e da Igreja, há “exclusões” de diferentes sortes. Tivemos oportunidade de refletir sobre as incidências da exclusão na família em outra publicação, de maneira

mais exaustiva¹. No presente artigo desejamos apenas acenar para os que são excluídos do bem do casamento e da família, para as “exclusões” vividas pelos filhos (crianças, adolescentes e jovens) e para os idosos, fadados ao desprezo, pouco caso, indiferença, e que podem mesmo ter seus dias abreviados pela eutanásia.

Não é fácil abordar a questão da família. O assunto mereceu tratamentos vários por ocasião do Ano Internacional da Família em 1994. Foram inúmeros os pronunciamentos do Papa João Paulo II sobre o assunto. Um dos documentos mais importantes que o Pontífice publicou foi, sem dúvida, a *Carta às Famílias*. Importantes também foram seus discursos, homilias e intervenções por ocasião da Conferência do Cairo. Recentemente ainda, por ocasião da visita ad liminam dos Bispos do Paraná, João Paulo II lembrava algumas situações delicadas vividas pelo povo do Brasil e que eram objeto de preocupação dos bispos em seu trabalho pastoral: meninos e meninas de rua, difusão da droga, banditismo, violência, chacinas urbanas, multiplicação do número de separações e divórcios, situações familiares irregulares, proliferação da esterilização voluntária, aborto e assim por diante. Indagando-se sobre as causas mais profundas de tais males o Pontífice dizia: “Ao evocar assim esses problemas, é natural também que brote essa pergunta: qual seria a raiz e a

* O AUTOR: o franciscano fr. Almir Ribeiro Guimarães, OFM, é assessor do Setor Família da CNBB.

causa de todos esses males? Se fôssemos procurar a fundo, encontraríamos esta resposta: *as doenças da sociedade são um reflexo das doenças familiares*. Sendo a família a célula básica e vital da sociedade, quando a família adoece toda a sociedade também adoece”². Diríamos ainda: a sociedade de nossos dias, com seu questionamento dos valores e com uma série de enfermidades morais, danifica a família.

O Texto-Base da Campanha da Fraternidade/94 sobre a família já chamava atenção para algumas razões de fundo que causavam problemática complexa à vivência familiar humana e cristãmente: subjetividade que é entendida como subjetivismo, prioridade dada ao individualismo, pluralismo de visões do mundo e do homem, relativismo das normas éticas (“vale tudo”), cultura do provisório e do descartável, busca quase exclusiva do que proporciona prazer, negligência na formação humana e cristã dos filhos, sexualidade desvinculada de amor verdadeiro e da procriação, contingente considerável de famílias vivendo na miséria absoluta e muitos outros fatores³.

Por estes e outros motivos o Setor Família da CNBB, em união com os Regionais, Dioceses e Paróquias bem como com Movimentos, Serviços e Institutos Familiares, está fortemente empenhado na implantação e solidificação de uma Pastoral Familiar que seja efetivamente organizada, planejada e revisada, sempre trabalhando em colaboração com outras pastorais, mormente com a catequese, a preparação da crisma, os grupamentos de jovens, o ensino religioso nas escolas e as pastorais sociais (menor, criança, migrantes, sem terra etc.).

As linhas que seguem pretendem encarcerar uma vez mais a urgência da Pastoral Familiar. Fazemo-lo também com a esperança de que as comunidades de vida religiosa trabalhem a família em estreita união

com as dioceses e paróquias. João Paulo II, no mesmo discurso dirigido ao episcopado paranaense, assim se exprimia: “O futuro da Igreja no Brasil passa, portanto, pela família. Nela temos de ver o *centro de convergência pastoral da Igreja*”⁴. A insistência na Pastoral Familiar volta, de maneira muito clara e contundente, em sua Carta Encíclica *Evangelium Vitae*. Depois de tecer considerações a respeito das estreitas relações existentes entre a família e o Evangelho da vida, assim afirma: “se é verdade que o ‘futuro da humanidade passa pela família’ (FC, n. 86), tem-se de reconhecer que as atuais condições sociais, econômicas e culturais freqüentemente tornam mais árdua e penosa a tarefa da família a serviço da vida. Para poder realizar a sua vocação de ‘santuário da vida’, enquanto célula de uma sociedade que ama e acolhe a vida, é necessário e urgente que *a família como tal seja ajudada e apoiada*. As sociedades e os Estados devem assegurar todo o apoio necessário, mesmo econômico, para que as famílias possam responder de forma mais humana aos próprios problemas. Por seu lado, a igreja deve promover incansavelmente uma Pastoral Familiar capaz de ajudar cada família a redescobrir com alegria e coragem a sua missão no que diz respeito ao *Evangelho da vida*”⁵.

1. O BEM DO CASAMENTO E DA FAMÍLIA

Todos são unânimes em reconhecer que a família hoje não pode ser a família de ontem. A pequena célula precisa conhecer renovação. Não está sendo fácil a gestação de uma família nova neste tempo de incertezas e interrogações. Houve cerceamentos e constrangimentos na família de ontem: machismo, autoritarismo, falta de base na escolha do parceiro ou parceira, descuido no cultivo do amor conjugal e familiar, falta de diálogo, imposições frias, insistên-

cia no aspecto jurídico e no “papel passado”. Aos poucos vai-se conseguindo um equilíbrio entre feminino e masculino, as diferenças são acolhidas mais facilmente, procura-se, no lar, criar um espaço de encontro, ternura e amor. Não se deixa de corrigir, mas procura-se fazê-lo em clima de respeito à verdadeira liberdade de cada pessoa humana.

Insiste-se hoje, e com razão, no fato de que o amor é o fundamento do casamento e da família. Ficou célebre a expressão do Vaticano II, em *Gaudium et Spes*, definindo a família como “comunidade de vida e de amor” (n. 48). Uma das questões mais permanentes da Pastoral Familiar é precisamente a de saber se remota, próxima e imediatamente os jovens estão se preparando para o casamento. Num contexto de miséria total e num outro de abundância, será que os jovens são capazes de experimentar o amor que será a base de seu viver conjugal e familiar? Estão excluídos da felicidade conjugal e familiar todos os que não fazem profundas experiências de amor.

Mais do que nunca será fundamental insistir numa **educação para o amor**. As jovens gerações precisarão ter senso crítico e saber discernir o que é realmente bom profundo de si e um amor que, na realidade, é busca de seus próprios interesses.

Na realidade é fundamental ter cuidado ao empregarmos a palavra **amor**. A realidade do amor é grande demais para designar “pequenas compensações”. Na verdade qualquer gratificação, eivada de subjetivismo, utilitarismo e interesse é designada de amor. Fala-se de uma liberdade no amor ou num amor livre que, na realidade, não é amor. Em sua **Carta às Famílias** João Paulo II fala desse amor que não é amor: “Sem dúvida, contrário à civilização do amor é o chamado ‘amor livre’, tanto mais perigoso por ser habitualmente proposto como fruto de um senti-

mento ‘verdadeiro’, quando efetivamente destrói o amor. Quantas famílias foram levadas à ruína precisamente pelo ‘amor livre’”¹⁶. Um pouco antes, neste mesmo documento, o Papa fala de amor que não é amor porque usa as pessoas: “A família contemporânea, como a de sempre, vai à procura do ‘belo amor’. Um amor não ‘belo’, ou seja, reduzido à mera satisfação da concupiscência (cf. 1Jo 2, 16), ou a um ‘uso’ recíproco do homem e da mulher, torna as pessoas *escravas de suas fraquezas*. Não conduzem a esta escravidão certos ‘programas culturais’ modernos? São programas que ‘jogam’ com as fraquezas do homem, tornando-o assim sempre mais débil e indefeso”¹⁷.

Necessário se faz, pois, distinguir o verdadeiro amor daquilo que é utilitarismo, coisificação do outro, e do espírito do ‘descartável’ que também impregna o relacionamento entre as pessoas. Nunca se poderá deixar de colocar ao lado do amor a idéia de **compromisso**. Nunca o amor poderá ser um sentimento vago qualquer. Na educação das novas gerações para o amor e a sexualidade será sempre necessário mostrar os valores de descoberta da subjetividade que, no entanto, não pode se transformar em subjetivismo aético, hedonista e aproveitador. Haveremos sempre de falar da sexualidade como obra querida pelo Criador, mas não a desvincularemos do exercício da entrega de uma pessoa a outra pessoa, na linha do compromisso respeitoso e no acolhimento da vida. Por sua própria natureza o amor de um homem e de uma mulher no casamento tende a se perpetuar. Nossa sociedade acolhe com simpatia a idéia da fugacidade e da transitoriedade da união matrimonial. Será, pois, necessário atentar para o que significa o amor em sua mais densa espessura.

Podemos definir o par humano a partir de um relacionamento de amor com características de amizade e heterossexualidade. Somente quando jovens fazem o aprendi-

zado de tal amor pode-se esperar que estejam preparados para o sim e a recepção do sacramento do matrimônio. Para nós, cristãos, o amor/caridade é base do existir. Vivemos submersos no amor de Deus que se manifestou em Jesus Cristo e foi derramado pelo Espírito em nossos corações.

Sempre de novo será necessário atinar para o sentido mais profundo do amor: respeito pela liberdade e dignidade da pessoa, desejo de tornar o outro realizado e feliz, busca de comunhão de vida, propósito ou empenho de servir gratuitamente, compreensão de que também faz parte desse amor o autodomínio e, por mais paradoxal que possa parecer, o sacrifício e a renúncia. Sem tais realidades há caricaturas do amor e ele se torna qualquer coisa intimista, interesseira e fluida. Não serve de base para a família.

Insistiremos sempre que o amor interpessoal é base do casamento. Esse amor deverá crescer. Ele está na origem do **compromisso**, do **sim** que os esposos se dão. Os esposos não existem somente para seu universo privatizado. O amor, o casamento e a família não podem ser realizações e realidades levadas unicamente ao espaço do privado e do particular. "Ao estudar o casal humano a partir da posição privilegiada do amor conjugal, não se pretende levar esta realidade a 'reducionismos' tentadores, como: a) O reducionismo do 'refúgio privado': fazendo do casal uma realidade tão intimista que esqueça os horizontes da comunidade; b) O reducionismo do 'apoliticismo': configurando a vida do casal de costas para o compromisso real da transformação do mundo; c) O reducionismo da 'fonte inesgotável da plenitude afetiva': idealizando de tal modo o casal que seja considerado, às vezes neuroticamente, como compensação de carências afetivas, passadas e presentes"⁸.

O amor não coisifica. O que ama de verdade tem um olhar aguçado para ir além

da pele do outro. Procurar penetrar seu íntimo, no respeito a seu ministério único de pessoa. O amor não é desejo de posse. Não é vontade de submissão para fugir do fantasma da solidão. Quem ama possesivamente nunca experimentará resposta mais bela que possa existir; o dom do coração e da pessoa do outro.

Os cristãos selam o amor conjugal no amor de Cristo pelos seus. O amor esponsal é imagem do amor de Cristo pela Esposa, a Igreja. Esse amor humano torna-se "divino" pela presença do amor de Cristo: total, irrestrito, fecundo, fiel, doação do coração sem reservas.

Recentemente ainda, um cotidiano de São Paulo publicava matéria do seguinte teor: "Mulheres de 50 anos saem em busca de prazer". 'Senhoras' aderem aos classificados pessoais, freqüentam bar para solteiros e admitem pagar por sexo com "jovens". Mulheres separadas ou mal casadas tentam "ganhar" tempo "perdido" com o marido. Querem novamente "namorar", mas sem compromisso⁹.

Quem não faz o aprendizado do amor, quem não vive o amor de forma densa e humana ficará necessariamente **excluído** da realização de sua vocação de pessoa humana.

Pode haver confusão entre "sentimento amoroso" e amor como **doação** irrestrita. Sociólogos e psicólogos procuram examinar a realidade do sentimento amoroso. Louis Roussel, em publicação já tornada clássica editada em 1989 na França, analisa o sentimento amoroso. Mostra como nasce. Normalmente tal sentimento leva a buscar uma "fusão" passageira. Quer-se o definitivo, mas como esse sentimento está marcado pelo subjetivismo, tende a morrer. Pode mesmo acontecer que o sentimento de amor, o sentimento amoroso, se transforme em outro tipo de reação (vingança, ódio, desprezo). Parece importante viver o tempo do namoro com lucidez e

transparência para que se possa assistir à gestação do amor verdadeiro, único ponto forte para a realização do casamento. O sentimento amoroso, via de regra, aceita “submissões” de um ao outro. Muitos vivem o sentimento amoroso muitas vezes irracional e com fortes conotações biológicas. Será preciso que esse sentimento amoroso chegue ao ponto do dom de pessoa a pessoa, de um ato de vontade, de compromisso. Pelo amor verdadeiro as pessoas, no casamento, têm certeza que existe¹⁰.

Roussel cita frase e pensamento de Rainer Maria Rilke: “As exigências deste árduo empreendimento que é o amor ... vão além da medida desta vida e não temos condições de realizá-las nos primeiros momentos da vida do amor. Mas, se com perseverança aceitamos e acolhemos o amor como um difícil aprendizado, sem nos perdermos em alguns de seus “jogos”... que fazem os homens escapar do sério da existência — então, talvez, um progresso insensível ... será sentido por aqueles que virão depois de nós e mesmo muito depois de nossa passagem. Isso será um grande feito”¹¹.

Sintetizando podemos dizer que a família é uma comunidade de pessoas, baseada na entrega da pessoa e da vida, vivenciando um amor que sempre está em crescimento. Pela família se estabelece uma relação estável entre homem e mulher que se colocam a serviço da mútua realização. O amor conjugal é aberto à acolhida dos filhos. Tem consciência que vai traduzir-se na educação e no serviço desses meninos e meninas que são fruto de um encontro único.

Para nós, cristãos, a família é constituída na fé em Jesus Cristo. Supõe as condições normais e as exigências fundamentais para qualquer casamento: amor, responsabilidade, acolhida da vida, senso de escuta. Os batizados, no entanto, revestem seu

amor de luminosidade diferente. Os cristãos morrem a si mesmos, nascem com Cristo, renascem de Cristo, ingressam no mundo do Reino. Nesse mundo a união de um homem e de uma mulher passa a ser sinal de amor de Cristo pela Igreja. A família cristã sabe que vive de Cristo. Ela é aberta e sempre volta ao acontecimento fundacional: participação dos esposos no amor de Cristo, amor pascal, amor fiel. Assim os esposos cristãos amam-se na fidelidade, na acolhida de um amor para sempre, no perdão, na constante descoberta das riquezas de um e de outro e no desejo de ser luz do mundo e sal da terra e atingir outros casais e outras famílias com a força que neles está escondida. Podem dizer realmente: nossa vida está escondida em Cristo Jesus¹².

O sim, o consentimento matrimonial, começa no tempo do namoro. Vai sendo aos poucos elaborado no tempo das descobertas e quando o noivado chega. Mas vai sendo reafirmado ao longo de toda a história do casal e da família. Esse compromisso é dinâmico. Em sua **Carta às Famílias**, João Paulo II recorda: “As palavras do consentimento matrimonial definem aquilo que constitui o bem comum do casal e da família. Antes de mais, o bem comum dos esposos: o amor, a fidelidade, a honra, a permanência de sua união até a morte — ‘e por toda a vida’. O bem de ambos, que é simultaneamente bem de cada um, deve tornar-se depois o bem dos filhos”¹³.

2. OS FILHOS E A EXCLUSÃO

Houve tempos em que a criança ocupava o espaço central na cena da vida do casamento e do casal. Certamente houve exageros neste particular. Não poucas vezes o casal se esqueceu de ir também construindo sua conjugalidade. Nossos tempos insistem na constante renovação do amor

conjugal. Pensava-se que praticamente a única finalidade do casamento era a procriação, a educação dos filhos até que estes, por sua vez, constituíssem novas famílias e a vida seguisse seu curso.

Mesmo privilegiando a criança os pais não sabiam efetivamente exercer seu ministério de educadores. O diálogo de liberdade a liberdade não se fazia sentir. Muitos filhos reclamaram que seus pais, embora tivessem boas intenções, os fizeram seres “limitados” e “castrados”.

Em nossos tempos coloca-se em realce outra finalidade do casamento: a dimensão unitiva do homem e da mulher. Insiste-se tanto nesta outra finalidade que, praticamente, se exclui o filho. A acolhida da vida e sua educação foi se tornando problematizada. Por várias razões a limitação dos filhos foi chegando a pontos extremos. O filho passou mesmo a ser um empecilho para o casamento. Nesse contexto é que se situa a exclusão com relação aos filhos, que na realidade são dom para o casal.

Certamente precisamos insistir no planejamento familiar consciente e responsável. Os casais só podem ter os filhos que podem ter e que desejam ter. Desnecessário dizer que o controle dos nascimentos ou seu espaçamento serão feitos por pais responsáveis e dentro dos desígnios de Deus a respeito do casamento e da família.

Vejamos alguns exemplos de “exclusão” dos filhos:

a) Primeiramente há a **exclusão do filho ainda no seio da mãe**. Estamos diante da polêmica e complexa questão do **aborto provocado**. O embrião (eventualmente o feto) é excluído antes de seu nascimento e depois da concepção. Devido a múltiplos fatores como condições sociais e financeiras delicadas, tendo-se em mente o fato de que a chegada de uma criança concebida antes ou fora do casamento é um “embara-

ço”, adotando visão da sexualidade desvinculada do ministério da vida, nossos tempos não têm dificuldade em aceitar o aborto provocado. Os Estados chegam mesmo a legalizar e legitimar o fato.

Abortar voluntariamente é privar alguém do direito fundamental à vida nascente. Compreendemos situações delicadíssimas vividas por certas famílias que lançam mão do expediente do aborto. O drama de certas mulheres e de algumas famílias é pungente. Nada, no entanto, poderá nos levar a aceitar como normal e lícita a prática do aborto em qualquer estado do embrião ou do feto. Precisamos ser defensores da vida. Remetemos, neste particular, a uma publicação do Setor Família da CNBB que examina o assunto ¹⁴.

Em nossos tempos há uma verdadeira conjuração dos fortes contra os fracos em muitos domínios e também na questão do aborto provocado. João Paulo II, em seu grito de alerta na *Evangelium Vitae*, denuncia mais uma vez a *cultura de morte*: “Para facilitar a difusão do *aborto*, foram investidas — e continuam a sê-lo — somas enormes, destinadas à criação de medicamentos que tornem possível a morte do feto no ventre materno, sem necessidade de recorrer à ajuda do médico. A própria investigação científica, neste âmbito, parece quase que exclusivamente preocupada em obter produtos cada vez mais simples e eficazes contra a vida, ao mesmo tempo capazes de subtrair o aborto a qualquer forma de controle e responsabilidade social”¹⁵. O aborto tornou-se mera decisão pessoal, ditada pelo subjetivismo moral. Aborta-se como se extrai uma unha encravada. Mais adiante o Papa afirma: “... tais práticas afundam suas raízes numa mentalidade hedonista e desrespeitadora da sexualidade e supõe um conceito egoísta de liberdade que vê na procriação um obstáculo ao desenvolvimento da própria liberdade. A vida que poderia nascer do encontro sexual torna-se assim o

inimigo que se há de evitar absolutamente, e o aborto a única solução possível diante de uma contracepção falhada”¹⁶.

Embora reconhecendo o drama vivido por muitas famílias não podemos deixar de aplicar ao aborto o “Não matarás!”.

b) Há filhos que depois de nascidos não são desejados e educados. Literalmente eles estão entre os excluídos.

Filhos de famílias ou constituições familiares incompletas (mães/pais solteiros, por exemplo) que perambulam pelas ruas, sem comida, sem escola, sem casa, sem afeto, sem presente e sem amanhã. Muitos deles se tornam infratores, caem na prostituição, tornam-se pessoas literalmente “desgraçadas” e engrossam as assim chamadas “massas sobrantes”. Sabemos que inúmeros religiosos e religiosas se dedicam de corpo e alma aos meninos e meninas de rua.

Há essas crianças que não são amadas pelos seus pais. Os pais não podem ou não querem lhes consagrar o tempo a que têm direito. Muitas famílias colocam seus filhos diante do aparelho de televisão. Não contam. Não são ouvidas. Não são amadas. Não são corrigidas e orientadas com amor. São pessoas que sobram. Estão excluídas de uma vida familiar a que tinham direito.

Delicadíssima é a situação de crianças, **filhos de pais separados**. Compreendemos que, em determinadas situações, a separação dos cônjuges é um mal menor. Há situações familiares dramáticas em que, para o bem dos cônjuges e dos filhos, a separação dos pais faz menos mal do que a continuação de uma situação de agressão e de aviltamento das pessoas. Normalmente falando, no entanto, o desmoronamento da primeira família é sempre uma catástrofe. Os pais que se separam tentam suprir as carências dos filhos, mas não conseguem oferecer aquilo de que realmente

os filhos precisam. A presença do pai e da mãe na vida dos filhos é importantíssima. Não basta que os pais sejam “visita” para os filhos. Os filhos precisarão “conviver” com ambos. Pesquisas recentes atestam essa necessidade: há mesmo profissionais da área da psiquiatria que estabelecem “tabelas” de convivência: “a tabela define, por faixas etárias, o tempo máximo que as crianças podem ficar sem ver um dos pais. Pela tabela, crianças com menos de um ano não devem ficar longe de uma das partes mais de dois dias. Até dois anos o espaço pode ser de quatro dias. Dos três aos cinco, até de uma semana”¹⁷.

Mencionemos ainda, neste contexto, meninos e meninas, adolescentes e jovens que são “excluídos” por apresentarem tendências homossexuais. Pais e mães, ao constatarem tais tendências, nascidas aliás muitas vezes pela falta de carinho paterno ou materno, discriminam os filhos e agem com violência verbal e física. Os filhos vão perdendo a auto-estima e não têm com quem conversar sobre seus dramas. Aos poucos, escondidos, vão se entregando a parceiros homossexuais. Alguns deles chegam mesmo ao suicídio.

c) Vejamos alguns pontos particulares de exclusão dos filhos: **sexo, drogas e bebidas**. Estamos ainda no campo da missão educadora dos pais. Devido à impossibilidade do diálogo e falta de presença no lar, os pais deixam de cumprir sua missão educadora. Vão se criando situações particularmente delicadas: as crianças não amadurecem como pessoas, são presas do modismo, recebem influências externas de toda ordem, não têm formação do caráter e se tornam seres em processo de degradação. Basta mencionar a questão das drogas e dependências químicas, o exercício de uma sexualidade precoce, concepção anárquica do sexo e o assim chamado "sexo seguro" (feito com camisinha). Tais crianças serão um peso para a sociedade e a Igreja não poderá contar com elas para sua revitalização e renovação.

Neste contexto queremos chamar atenção para um fato relativamente novo. Devido à justa pressão da sociedade contra o uso das drogas, crianças, adolescentes e jovens entregam-se à bebida. A *Folha de S. Paulo* consagrou espaço importante em suas páginas a este tema. Destacamos algumas manchetes: "Troquei a virgindade por vodca". Outra: "Bebia uma garrafa de tequila em três horas". Ou ainda: "Meninas já bebem mais do que meninos". Pungente o depoimento de uma jovem de 20 anos. O primeiro "gole" ingerira ela aos 14 anos. Sentia-se "segura" com o álcool. Bebia em finais de semana, e depois de certo tempo saiu de casa e passou a viver sozinha longe dos pais. Viveu um tempo com um namorado dependente de produtos químicos. Foi se arruinando. Num determinado momento tentou o suicídio. Em depoimento no cotidiano mencionado, diz: "Espirrou sangue no espelho do banheiro, no chão, na minha roupa. Desmaiei no quarto e meus amigos chamaram um médico. Voltei para a casa de minha família e foi a primeira vez em que eu e meu pai conversamos. Ele falava antes, mas não adiantava; eu não achava que era alcoólatra" ¹⁸.

Na mesma linha, o *Jornal do Brasil* publicou outra matéria: "Não é possível continuarmos fingindo que o problema não existe (alcoolismo na infância e adolescência). É necessário uma séria reflexão de toda a sociedade e uma ação mais drástica do governo, coibindo, por exemplo, propagandas ostensivas como as que assistimos atualmente". São palavras de Mário Santoro, presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) ¹⁹.

Crianças e adolescentes das classes menos favorecidas são iniciados na cerveja e na "cachaça". Os filhos de pais remediados se reúnem em bares sofisticados ou não, nas noites de sexta, sábado e domingo. Não pouco deles, regularmente, se embriagam. Será que a sociedade e os pais

têm consciência de que essas crianças estão entrando numa situação de exclusão da felicidade e realização a que têm direito?

d) Mencionando ainda a delicada questão da prostituição infanto-juvenil. Uma sociedade que exclui parte considerável de seus membros da dignidade humana é responsável pela proliferação de casos de prostituição de meninos e meninas, adolescentes e jovens. Conhecemos a gravidade do assunto, que é objeto de investigações no Legislativo federal. Estamos diante de uma forma de escravidão e degradação pessoal. Alguns visam lucro com este "comércio" sexual. Conhecemos os prejuízos físicos, morais, espirituais e emotivos decorrentes do fato. Há uma perversão do plano de Deus a respeito da intimidade de um homem e de uma mulher. A exploração sexual das crianças denota perda de sentido dos valores mais elementares da dignidade humana. Meninos e meninas se contaminam com toda sorte de enfermidades e passam a ser rejeitados. Rejeita-se e exclui-se o menino e menina que vivem na prostituição. Não se faz a clara denúncia e não se pune aqueles que exploram essas crianças! Estamos diante de uma sociedade que perdeu a dignidade! Há mesmo pais que, devido a múltiplos fatores, levam suas filhas à prostituição, particularmente nas regiões de garimpo ²⁰.

Para terminar este inciso sobre filhos e exclusão transcrevemos algumas palavras de D. Jacques Julien pronunciadas em 1992, por ocasião da realização de Assembléias dos Bispos Franceses em Lourdes: "O casamento abre-se para uma realidade que está além do casal: a família. Associando fidelidade e fecundidade, a família dá condições a que o amor humano produza em todos os sentidos do termo. Primeiramente a família garante, de alguma forma, a duração, a fidelidade, apesar dos momentos de provocação, para além das decepções, das promessas não cumpridas, do envelhecimento etc. A família, realmen-

te, representa garantia de duração entre os esposos e assim é fonte de paz e de segurança. Da mesma forma, a família oferece as melhores condições para o crescimento harmônico dos filhos. Ela funciona como matriz que leva as crianças à maturidade sem dificuldades extraordinárias: o filho toma consciência de ser *sujeito*, um 'eu' diante de outros *sujeitos*... A criança só consegue aprender a situar-se na constelação familiar, mais precisamente entre pai e mãe, quando um e outro se amam, e se amam na duração do tempo... Desta forma, uma família estável, amorosa, sem ser 'refúgio de fracos', dá à criança condições de superar os inevitáveis conflitos da existência, graças ao amor gratuito e exigente que a envolve"²¹.

3. OS IDOSOS

Em sua Encíclica sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana desde o seu primeiro momento até a morte natural, o Papa João Paulo dedica importantes considerações aos idosos. A preocupação do texto é mostrar a dignidade do doente terminal, do idoso quase às portas da morte e pronunciar um não decisivo à eutanásia.

Todos sabemos que o idoso é um **excluído**. Alguns aposentados chegam a morrer nas filas dos bancos onde vão retirar seus magros trocados. O Texto-Base da CF/95 sobre os excluídos assim coloca a questão: "Numa sociedade que valoriza apenas o 'produtivo', o idoso sobra. Ele não acompanha o ritmo dos mais saudáveis, tende a ser mais doente, não 'rende' do ponto de vista econômico. Mesmo quando a pessoa tem condições financeiras para dar a seus idosos o devido conforto (o que não acontece com uma clara maioria), os velhos podem ser um transtorno. São muitas vezes considerados um peso insuportável para a família. Perdem sua auto-estima por falta do reflexo da estima dos que os cercam. Adoecem por falta de carinho, de

motivação para viver. A doença que os destrói é a convicção de que para mais nada servem. Por esses e por outros motivos, muitos idosos morrem antes do tempo"²².

O idoso faz parte da família. Não pode ser colocado de lado ou simplesmente "tolerado" ou "suportado". A família não é constituída apenas de duas gerações, isto é, dos pais e dos filhos. Entram aí também "avós e netos". A sociedade que se interessa em transmitir valores às novas gerações precisará, necessariamente, ter em alta conta a vida, a história, a memória, a experiência dos idosos. Somente uma cultura de morte em todos os sentidos é que falta com respeito aos anciãos, marginaliza tal patrimônio vivo e não tem respeito pelos doentes.

João Paulo II, em muitos de seus pronunciamentos, sempre insiste no fato de que a família é "comunidade de gerações". Cada um é para o outro, respectivamente, marido ou esposa, pai ou mãe, filho ou filha, irmão ou irmã, avô ou neto. "São assim as famílias às quais me dirijo com esta Carta? Certamente não poucas são assim, mas os tempos em que vivemos manifestam a tendência de restringir o núcleo familiar ao âmbito de duas gerações. Isso sucede freqüentemente por causa do acanhamento das moradias disponíveis, sobretudo nas grandes cidades. Mas também e não raro, o mesmo fica a dever à convicção de que mais gerações em conjunto são obstáculo à intimidade e tornam demasiado difícil a vida. Mas não é precisamente este o ponto fraco? Há pouca vida humana nas famílias em nosso dias. *Faltam pessoas com quem criar ou partilhar o bem comum*"²³.

O Papa aborda também a questão do idoso na *Evangelium Vitae*: este deverá ocupar importante lugar no universo familiar. Lembra ele que há culturas que conservam o idoso no seio da família exercen-

21 0 11 0 25 1 0 2 0 0

do ainda um papel ativo importante. Outras culturas, no entanto, consideram o idoso um peso inútil e este fica abandonado a si mesmo, e "em tal contexto pode mais facilmente surgir a tentação de recorrer à eutanásia". A presença do idoso na família, "ou pelo menos a estreita solidariedade desta com eles quando, pelo reduzido espaço da habitação ou outros motivos, essa presença não for possível, é de importância fundamental para criar um clima de intercâmbio recíproco e de comunicação enriquecedora entre as várias idades da vida"²⁴.

Parece importante, no pensamento de João Paulo II, que se crie novamente o que se perdeu: um "pacto" entre as gerações, de modo que os idosos cheguem ao termo de sua vida recebendo dos filhos carinho e cuidados, acolhimento e solidariedade, que os filhos tiveram dos pais quando disto careciam.

Religiosos e religiosas temos experiência de trabalho com idosos e com pessoas que chegam ao que se convencionou de "terceira idade". Todos sabemos que esses homens exalam nobreza e dignidade. Rejeitados pelos filhos, conseguem vencer um sentimento de amargura e concedem seu perdão. Aposentados, ganhando muitas vezes um irrisório salário, vivem simples e despojadamente sem exigências e, algumas vezes, passando necessidade. Sabemos também que, em muitas famílias, as avós é que se ocupam de netos, gerados muitas vezes antes do casamento do filho e da filha. Sabemos também que são as avós que se interessam pela educação cristã dos netos e assumem a responsabilidade de acompanhar seu crescimento espiritual na fé, tarefa essa que deveria ser desempenhada pelos filhos e não por elas, já cansadas e esgotadas.

Aos religiosos são oferecidas oportunidades de trabalho de promoção desses

aposentados que ainda não chegaram à velhice e que precisam de estímulo para dar ainda ao mundo muito de sua riqueza pessoal. Certamente religiosos e religiosas são profetas que denunciam as injustiças sofridas pelos idosos. Criam e animam grupamentos de idosos e anunciam a boa nova da esperança a corações muitas vezes desalentados e desanimados.

O idoso não é apenas objeto de atenção. Ele mesmo é agente no seio da Igreja: "O idoso não pode ser considerado apenas objeto de atenção, solidariedade e serviço. Também ele tem um valioso contributo a prestar ao Evangelho da vida. Graças ao rico patrimônio de experiência adquirido ao longo dos anos, o idoso pode e deve ser *transmissor de sabedoria, testemunha de esperança e de caridade*"²⁵.

CONCLUINDO

Quando nos aproximamos destas situações de exclusão temos de afirmar com toda força: casamento e família são bens inestimáveis. No quadro desta reflexão deveríamos ter nos debruçado sobre outras questões graves de exclusão: os aidéticos, drogados e alcoolizados na família; os encarcerados e a família; a exclusão dos desempregados e subempregados. Particular atenção deverão merecer, em nossos dias, os que são excluídos do sacramento da eucaristia e penitência pelo fato de depois de terem se casado, se separaram e constituíram nova família. Para esta última questão remetemos para outra publicação nossa²⁶. Com a Campanha da Fraternidade de 1995 a Igreja está fazendo também Pastoral Familiar. Em suas escolas, hospitais, abrigos de idosos, universidades, os religiosos poderão dar uma contribuição inestimável em benefício dos excluídos da família. Realmente o amanhã do mundo e da igreja passa pela família.

1. A Família e os Excluídos, Almir Ribeiro Guimarães, OFM, Ed. Paulinas, São Paulo, 1994.
2. Discurso do Santo Padre aos Bispos do Brasil, pertencentes ao Regional Sul 2, in *Osservatore Romano* (ed. Port.), 25 de fevereiro de 1995, p. 6.
3. A Família como vai?, Texto-Base CF/94: parte do ver 7-129. Ver também Eras tu, Senhor?!, Texto-Base CF/95: rostos dos moradores de rua, idosos, prostituídos, doentes, deficientes, alcoolizados, drogados e desempregados, n. 16-92.
4. Discurso do Santo Padre aos Bispos do Brasil..., op. cit., p. 6.
5. Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, João Paulo II, n. 94.
6. Carta às Famílias, João Paulo II, n. 14.
7. Idem, n. 13.
8. Moral do Matrimônio, Marciano Vidal, Ed. Vozes, Petrópolis, 1992, p. 40.
9. Folha de S. Paulo, Caderno: Cotidiano, 19 de março de 1995, p. 4/4.
10. La Famille incertaine, Louis Roussel, Ed. Odile Jacob, Paris, 1989, p. 124.
11. Idem, p. 113.
12. Quando o assunto é família... A perene atualidade do tema da família, Almir Ribeiro Guimarães, OFM, Ed. Vozes, Petrópolis, 1994, pp. 9-18 (O que se entende por família?).
13. Carta às Famílias, João Paulo II, n. 10.
14. Ver: A vida vale mais! O tema do aborto. Setor Família, CNBB, Ed. Loyola, São Paulo, 1994.
15. *Evangelium Vitae*, n. 13.
16. Idem, ibidem.
17. Folha de S. Paulo. Caderno: Cotidiano, 2 de abril de 1995, p. 3/2.
18. Idem, ibidem.
19. Jornal do Brasil, 6 de abril de 1995, p. 6.
20. Ver: A Família e os Excluídos, op. cit., p. 46-49.
21. Depoimento transcrito em *Fêtes et Saisons*, n. 480, dez. 1993, p. 10.
22. Eras tu, Senhor?!, Texto-Base da CF/95, n. 22.
23. Carta às Famílias, op. cit., n. 10.
24. *Evangelium Vitae*, n. 94.
25. Ver: Quando o sol desaparece... Pastoral para os que se separam, Almir Ribeiro Guimarães, OFM, Ed. Vozes, Petrópolis, 1994.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. As doenças da sociedade são um reflexo das doenças familiares. Daí a importância da renovação da Pastoral Familiar e sua colocação como prioridade, tendo presente que a família de ontem não pode ser a família de hoje. A percepção de sinais negativos do passado relativizam o modelo tradicional da família: machismo, autoritarismo, descuido no cultivo do amor conjugal e familiar, falta de diálogo, imposições frias, insistências na relação jurídica. Observe a realidade familiar de onde você vive com sua comunidade. Que sinais de mudanças você percebe na realidade das famílias? Que sinais de passado ainda pesam?
2. Em nossos tempos põe-se em realce no matrimônio a dimensão unitiva do homem e da mulher, mas em outro plano a antiga prioridade da procriação. Neste quadro, tem-se a exigência do planejamento familiar consciente e responsável, que leva os casais a ter apenas os filhos que desejam e pelos quais se responsabilizam amorosamente. Como você e sua comunidade se situam diante deste desafio de pastoral familiar? Particularmente em meios mais pobres?
3. Todos sabemos que o idoso é um excluído. Perde sua auto-estima por falta do reflexo da estima dos que o cercam. Muitas congregações consagram sua força ao serviço de idosos, mas não chegam a tocar o problema da exclusão. Servem aos idosos sem envolver a comunidade cristã local na atenção amorosa aos seus velhinhos e velhinhas. Isto acontece em sua realidade? O que está sendo feito; o que pode ser feito?

VIDA CONSAGRADA: RENOVAÇÃO OU FRAGMENTAÇÃO

Fr. Silvestre Gialdi, OFM CAP*
Caxias do Sul – RS

A Vida Consagrada é prazerosa: prazer de viver, prazer de aderir, prazer de conviver e prazer de servir. Hoje o referencial é o prazer de viver o lúdico, o lazer e as emoções para alcançar a celebração prazerosa da vida. Um engajamento apaixonante possibilita enfrentar, encarar e superar sofrimentos e sacrifícios.

INTRODUÇÃO

Nos tempos contemporâneos, a sociedade tornou-se pluralista, globalizada, planetária e fragmentada. Tudo interpreta-se a partir do homem enquanto ser autônomo e auto-suficiente, e enquanto sujeito de sua realização e do seu bem-estar.

Novos paradigmas determinam a vida, as organizações, as instituições e os modelos de produção, de comércio e de socie-

dade. E novos paradigmas sustentam as relações interpessoais e institucionais. Se no passado os antagonismos, as diferenças e os conflitos eram administrados, em todos os níveis e setores da sociedade, pelo confronto e pela oposição sistemática, hoje, na sociedade pluralista e democrática, trabalham-se os conflitos e as contradições por meio de articulações e alianças.

Neste contexto, a Vida Consagrada ou se renova ou se fragmenta. É preciso redescobrir a sua identidade e a sua missão. É preciso redescobrir o sentido da Vida Consagrada. Pois ninguém dá a vida por uma dúvida ou por causas insignificantes. Na outra ponta, a tentação da pós-modernidade ultrapassa a vida como sacrifício escatológico e o mundo como vale de lágrimas. Importa viver o momento (aqui e agora), que pode gerar indiferenças e perplexidade diante de causas permanentes, futuras e utópicas. Para o nosso tempo, nada merece esforço humano a não ser para alcançar a autonomia, a auto-realização e a satisfação prazerosa da vida presente.

Por sua vez, a Vida Consagrada aponta para outra direção: aponta para uma causa fundante e para o seguimento apaixonante de alguém, mediante uma espiritualidade cristocêntrica e uma missão transforma-

* O AUTOR: o capuchinho da Província Sagrado Coração de Jesus, fr. Silvestre Gialdi, é secretário provincial e professor titular no departamento de filosofia da universidade de Caxias do Sul.

dora. Ao mesmo tempo, corre-se o risco de encher o coração de fantasias, expulsando o amor do coração: o amor apaixonante de adesão a Deus e o amor apaixonante da vida fraterna, por causa de Jesus Cristo. A seguir, apontar-se-ão causas que podem conduzir à fragmentação e os caminhos da renovação fundante.

1. TEMPOS NOVOS: MUDANÇAS RADICAIS

Ao longo da história, a Vida Consagrada viveu, gradualmente, um processo de acumulação de êxitos e de vantagens: o crescimento numérico e a expansão carismática missionária. Hoje, a sensibilidade religiosa, política e econômica da sociedade moderna e pós-moderna corre em duas direções: de um lado, a defesa do pluralismo, do cotidiano, do subjetivismo, do indivíduo, do privado, da micropolítica, da micro-história; e, por outro lado, a perplexidade, o risco da saturação, do esvaziamento, da desorientação, da fragmentação e da implosão.

Na dimensão antropológica, surge o pensamento reflexivo, crítico, criativo, livre e próprio. Vive-se o comportamento autônomo, livre e auto-realizável. Buscam-se o funcional, a aparência, o visual. Aprofundam-se os questionamentos sobre a geração bivolt e o fortalecimento da androginia: os homens assumindo o seu lado feminino e as mulheres o seu lado masculino, num encontro harmonioso, equilibrado e perfeito. As relações humanas acontecem na observância da democracia plena, na tolerância das atitudes e na organização funcional e racional das instituições, das entidades e das corporações por meio da reengenharia. Por sua vez, o desenvolvimento visa à qualidade de vida e à qualidade dos produtos como consequência do avanço da ciência e da tecnologia, especialmente no campo da informática, como inteligência artificial, virtual e oculta. Neste

sentido, a educação passa a ser uma necessidade fundamental e não apenas um direito humano. E o lazer é um forte aliado do bem-estar, da vida fácil e cômoda.

Em contraste, renuncia-se a tudo o que exige sacrifício, renúncia, doação, objetividade, ordens, normas, disciplina, formalismo. Pois o indivíduo coloca-se acima do institucional. Ao mesmo tempo, o descartável assume o lugar do duradouro, o provisório no lugar do permanente e o relativo desbanca o absoluto e o dogmático. A artificialização produzida vence as barreiras do natural e do criado. A matéria-prima é substituída pelos produtos gerados pelas pesquisas científicas e pelos resultados dos laboratórios. As imagens produzidas nas novelas, nos filmes e nas propagandas são melhores e mais bonitas do que o natural. Assume-se o virtual no lugar do real. Ao mesmo tempo, o conhecimento informatizado e o armazenamento de dados não têm limites. A ciência, a informática e a telemática são as novas luzes que iluminam o desenvolvimento irrenunciável do homem. E, por sua vez, a própria pessoa humana fica exposta e desnuda: tudo é transparente, tudo é descoberto e tudo fica invadido. Não há mais privacidade, clausura e intimidade.

Na outra ponta, a internet (rede mundial de computadores interligados) torna a comunicação mundializada, rápida, eficaz e irrestrita. O novo se reproduz em todos os itens de consumo, se manifesta em todos os segmentos da sociedade e cria exageros contraditórios; o excesso de comunicação torna as pessoas incomunicáveis e surdas aos clamores da justiça, da fome, da nudez, do sofrimento e da morte; o excesso de sexualidade gera a transexualidade permissiva; o excesso de comida e de bebida produz indivíduos hipersaciados; o excesso de afeto marginaliza a pessoa humana na infantilidade; o excesso de informação atrofia a consciência crítica e criativa.

Dentro deste contexto, a sociedade global se organiza e se alicerça em novos paradigmas, que exigem mudanças radicais de mentalidade e de comportamento. Em tudo requer-se competência, flexibilidade, criatividade, determinação, agilidade, eficácia e eficiência. Buscam-se novas oportunidades, enxugamentos, frentes novas, abertura de mercado, terceirização e a privatização. Rompem-se as barreiras entre o público e o privado, entre a autonomia e a terceirização, entre o adversário e o aliado, entre o sagrado e o profano, entre o religioso e o civil, entre o trabalho e o lazer, entre a criação e a reprodução, entre o real e o virtual, entre a razão e a emoção, entre a moral de princípios e a moral de ocasião, entre o sistemático e o alternativo, entre a felicidade revelada e a felicidade fabricada, entre o padronizado (standardizado) e a totalidade (holismo), entre trabalhar e gerenciar o trabalho.

Enfim, a pessoa humana produz tempos novos e paradigmas novos que requerem mudanças radicais em todos os setores da sociedade organizada e dos segmentos informais. Na Vida Consagrada, a mudança começa com a volta às fontes originais e fundantes da sua espiritualidade, carisma, modo de vida e missão. E, concomitantemente, é necessário fazer a releitura dos seus pressupostos teóricos e dos seus fundamentos teológicos, para que seja geradora coerente de vida, transformadora eficaz da sociedade e anunciadora fiel do evangelho, por meio do anúncio, do serviço e do testemunho.

2. TEMPOS NOVOS: MUDANÇAS DE PARADIGMAS E DE EXPERIÊNCIAS

Vive-se num período histórico em que se faz presente o desencanto das utopias e acontece a superação dos antigos modelos paradigmáticos. Por sua vez, as mudanças de paradigmas não ocorrem apenas no sen-

tido de que mudaram os modelos de sustentação das instituições e da vida humana, mudaram igualmente as fontes geradoras de paradigmas. No passado, a Igreja detinha o monopólio paradigmático da cristandade: a cristianização do mundo e a salvação das almas. Neste contexto, a Vida Consagrada era um terreno fértil na busca da santificação e da salvação individual, alicerçada sobre a renúncia do mundo e do prazer; o sacrifício da própria liberdade, autonomia e vontade; e a negação da expressão da feminilidade, da masculinidade e da sexualidade.

No presente, outras são as vertentes dos paradigmas. Por um lado, é a sociedade civil organizada, com sua produção científica e tecnológica, com o processo contínuo de acumulação de capital e de lucros. Por sua vez, a Igreja substituiu os paradigmas da cristandade apologética, da racionalidade abstrata e do poder eclesiástico centralizado, pelo diálogo ecumênico, pelo convencimento catequético e pela conscientização sociopolítica. Porém, permanece resistente às mudanças democráticas internas, obscura em suas críticas econômicas e políticas, e intransigente diante das questões polêmicas, como o celibato sacerdotal, o casamento indissolúvel, o sacerdócio feminino e o controle da natalidade. Ao mesmo tempo, permanece distante da sociedade por ser incapaz de interpretar os seus desejos e o seu processo: não sabe reformular e negociar os seus paradigmas conforme a realidade e seu desenvolvimento. Enquanto a economia e a política fazem propostas concretas e reais, visando aos resultados, a Igreja apresenta o Reino de Deus de forma abstrata, distante, escatológica e incompreensível em sua linguagem e em sua expressão.

Por sua vez, para a Vida Consagrada, no passado os votos tinham conteúdo moral valorativo: a santificação e a salvação. A santidade passava pelo referencial paradigmático da castidade: um Deus sádico que criava impulsos e desejos e, ao mesmo tempo, os proibia, como virtude e como

controle da sexualidade. Ao mesmo tempo, na sociedade tradicional moralista, a orientação sexual centrada em tabus e proibições gerava problemas sexuais que se manifestavam nos escrúpulos, medos, temores e repressões. A sexualidade era orientada para a procriação. Ao passo que na sociedade moderna, fragmentada, a prática sexual centrada na tolerância e na permissividade gera dúvidas de identidade sexual que se expressam em atitudes, condutas e comportamentos transexuais. É a prática sexual liberada e o uso do sexo entendido como fonte de prazer.

Porém, hoje, a castidade consagrada passa pela missão: uma mediação missionária. A fidelidade à castidade implica fidelidade à missão: a vida deve ser preenchida apaixonadamente por Jesus Cristo, sua pessoa e sua causa. Igualmente os votos de obediência e de pobreza, no passado, alicerçavam-se no paradigma da renúncia à liberdade, à autonomia e à partilha. Hoje, os votos da Vida Consagrada correspondem à realidade carismática da missão, sem imposição e sem dogmatismo, mas como serviço, anúncio e testemunho.

A realidade social não é religiosa, mas é espiritual. As seitas souberam interpretar a experiência espiritual do povo. Por sua vez, historicamente, a Igreja apresenta-se como religião formal, doutrinária e dogmática. E a Vida Consagrada não consegue repassar a sua experiência espiritual ao povo, e a missão fica empobrecida e comprometida. Pois a missão evangelizadora obedece a uma dinâmica própria: ler e interpretar a experiência espiritual do povo; aprofundar esta experiência com a catequese cristocêntrica; e, por fim, celebrar liturgicamente a vida e a experiência da pessoa humana e sua comunidade.

3. VIDA CONSAGRADA: NOVA IDENTIDADE

Na Vida Consagrada, o processo formativo começa com a introdução da expe-

riência carismática fundante, e a profissão religiosa é o resultado pessoal desta experiência. Em consequência, a relação da Vida Consagrada com o mundo não se dá pela profissão ou pela obediência, mas por sua nova identidade: a Vida Consagrada. Este é o novo desafio dos Institutos de Vida Consagrada: reler, redescobrir e reinterpretar, criticamente, a sua identidade, o seu carisma e a sua missão diante da sociedade urbana, fragmentada e pluralista; superar a sua estrutura formalizada e hierarquizada; e abrir espaços e oportunidades para a experiência espiritual, pessoal e comunitária, que se entende como uma experiência apaixonante, agradável, prazerosa e lúcida pela pessoa de Jesus Cristo e sua causa, seguindo os passos do fundador (a) e da comunidade original.

Em outras palavras, a experiência do seguimento apaixonado a Jesus Cristo conduz à missão. E a experiência fundante do fundador conduz a uma profunda vida espiritual, a um engajamento comprometedor, numa adesão pessoal pela profissão religiosa: consagrar-se para servir e dar testemunho de Jesus Cristo. Pois, hoje, o referencial paradigmático não é o grupo, nem a comunidade nem a instituição, mas é o indivíduo: pela consagração, ele se engaja na comunidade e na função da comunidade e se insere na instituição e na missão da instituição. É a pessoa que decide, quem assume e quem se consagra, uma vez aceita pela instituição. É neste sentido que se entende a obediência: não um imperativo para uma determinada atividade e lugar, mas é uma adesão experiencial a um grupo numa experiência fundante.

Em síntese, a Vida Consagrada é uma adesão pessoal a um grupo e a uma experiência fundante. O individualismo acontece quando o indivíduo não tem um grupo como referência, mas apenas a si mesmo: o próprio gosto e as próprias coisas. E o indivíduo como pessoa consagrada necessariamente deve ter como referência a pessoa de Jesus Cristo, o que causa felicidade

2
1
C
N
E
C
R
C
V
N
O
C

e realização. Por isso, a Vida Consagrada é prazerosa: prazer de viver, prazer de aderir, prazer de conviver e prazer de servir. Não tem mais sentido uma vida sofrida, sacrificada, lúgubre, triste, fechada. Hoje, o referencial é o prazer de viver, a felicidade. O lúdico, o lazer e as emoções com a capacidade de expor-se à dor, ao sofrimento e ao sacrifício para alcançar a celebração prazerosa da vida. O engajamento apaixonante possibilita enfrentar, encarar e superar sofrimentos e sacrifícios: somente é possível sacrificar a própria vida em favor de quem se ama apaixonadamente.

Portanto, a Vida Consagrada é um espaço prazeroso e uma oportunidade experiencial que determina um estilo de vida, um comportamento específico e um modo de engajamento.

4. VIDA CONSAGRADA: ELEMENTOS ANTROPOLÓGICOS

Os encontros entre as pessoas que se amam sempre são maravilhosos e prazerosos. O tempo passa sempre depressa, porque é vivido com intensidade e profundidade: vivem-se e expressam-se os segredos profundos da vida, e os mistérios inexplicáveis do afeto, da ternura e do amor. Assim acontece a complementaridade da vida. Pois a pessoa humana tem apenas duas escolhas existenciais: ou vive para si (solidão e egoísmo) ou vive para o outro (amor e doação).

A Vida Consagrada, ao longo dos séculos, não foi refletida e assumida na dimensão existencial e antropológica, mas apenas como processo especial de santidade e de salvação da alma, e de sacrifício e de negação do mundo, do corpo, do sexo, dos sentimentos, do amor e das relações humanas profundas. A teologia da salvação escatológica iluminava a vida cristã.

Para melhor avaliar, refletir e aprofundar a Vida Consagrada e a existência do

amor apaixonante, destacam-se os elementos antropológicos da Vida Consagrada: dimensão espiritual, dimensão psicoafetiva e dimensão bio-físico-sexual. Estas dimensões devem ser assumidas de forma complementar e integrada, e não de forma piramidal, excludente e despreziva.

No passado, a Vida Religiosa consagra a dimensão espiritual e excluía os valores psicoafetivos e, principalmente, negava os valores bio-físico-sexuais e suas manifestações. A dimensão psicológica e a dimensão corporal e suas expressões não tinham sentido vocacional e salvífico. Se estas expressões se manifestassem, era evidente que não haviam sinais de vocação, e o candidato (a) era "remetido ao mundo". E mais, todas as manifestações e expressões de ordem psicoafetivas e bio-físico-sexuais eram consideradas "tentações". Portanto, deveriam ser resolvidas com muita oração na capela e muita penitência no refeitório. Pois a única forma de viver em estado de excelência era a dimensão espiritual. E, por sua vez, os três votos eram refletidos, assimilados e assumidos apenas na dimensão espiritual: a espiritualização da Vida Consagrada, como meio especial de santificação e de salvação.

Hoje, a Vida Consagrada é refletida, fundamentada e assumida como forma de vida e como missão em nome do Senhor: o chamado, a aceitação, o carisma específico, a espiritualidade, a vida comunitária e o serviço (ministério). Por sua vez, o enfoque "salvação-santificação" (que é um certo egoísmo e utilitarismo) se deslocou para "carisma-missão" (que é doação e serviço). Ao mesmo tempo, os votos religiosos são refletidos, fundamentados, assumidos e vividos nas três dimensões da vida humana (espiritual, psicoafetiva e bio-físico-sexual) harmonicamente integradas e complementares. Assim, a expressão espiritual se integra e se manifesta no amor, no afeto, nos sentimentos, na sexualidade, na paixão, no carinho, na ternura, na corporeidade, na amizade, na beleza física, na feminilidade (masculinidade), na

saúde, na doença, nas dores, nos sofrimentos, na tristeza, na alegria, na angústia, na incerteza. As expressões psicoafetivas e bio-físico-sexuais não são elementos estranhos e proibidos, mas são componentes fundamentais e integrantes da pessoa humana. Portanto, na Vida Religiosa, a pessoa humana consagra a forma de vida e a missão específica assumindo e integrando harmonicamente a sua própria existência e as dimensões fundamentais de sua vida: espiritualidade, psicoafetividade e bio-físico-sexualidade. O Religioso (a) não é estranho e proibido para a sua masculinidade (feminilidade), mas é uma pessoa plenamente integrada para "servir e amar". É a teologia da criação que ilumina a dimensão antropológica da Vida Consagrada.

Ao mesmo tempo, a pessoa humana move-se, decide-se e realiza-se a partir das questões fundamentais e básicas do seu existir no mundo e do seu conviver com os outros no mundo: o viver, o moral, o trabalhar e o amar. E nas buscas de aproximação interpessoal, espontaneamente, surgem as perguntas: qual é o seu nome? onde mora? o que faz? a quem ama? E, à medida que estas perguntas existenciais (internas ou externas, secretas ou manifestas) satisfazem a existência humana, é possível a felicidade e a realização pessoal, existencial, profissional e vocacional.

O VIVER — A vida não é apenas um direito básico individual e social, como pessoa humana e como cidadão. Mas também é uma responsabilidade individual, aberta aos apelos internos e externos, para responder às perguntas e às questões existenciais: como viver? qual é o meu nome? como me identifico? com quem conviver? para que revelo a minha intimidade? para quem vale a pena dar a vida? Estas perguntas devem encontrar respostas para que a Vida Consagrada seja prazerosa, equilibrada e harmônica.

O MORAR — Igualmente, não é apenas um direito humano ter uma habitação digna. Revelar ou não revelar o endereço

significa partilhar ou negar a privacidade, a visita, a amizade, a intimidade. Pois a casa é o local onde se vive com segurança e bem-estar; onde se revela a privacidade, a intimidade, o gozo e o desejo de estar bem. Contudo, temos questionamentos existenciais para possíveis opções e escolhas: onde morar? para quem revelo o meu endereço? com quem desejo morar? com quem partilho o meu afeto, a minha privacidade e a minha intimidade? A Vida Consagrada necessita de resposta afirmativa para formar comunidade e fraternidade.

O TRABALHAR — O trabalho humano é um pressuposto necessário para a realização vocacional e profissional. E, ao mesmo tempo, para proporcionar o sustento, o bem-estar e o desenvolvimento. O trabalho humano deve gerar satisfação, afirmação, gozo, segurança, prazer, realização e plenitude. E o fruto do trabalho pode direcionar-se para o celeiro (concentração, ganância, opulência) ou para a comunidade (partilha, doação, serviço). Assim, na convivência humana surge o terceiro bloco de perguntas: o que faz? onde trabalha, qual o destino dos seus ganhos, vencimentos ou salários? com quem partilha os seus bens e salários? A Vida Consagrada necessita viver profundamente e dar testemunho eficaz de que é possível a partilha dos bens e do dinheiro.

O AMAR — A força e a expressão do amor representam a satisfação ou a frustração da vida. É impossível viver com harmonia e equilíbrio sem a descoberta, o desenvolvimento e a expressão do amor como capacidade humana de relacionamento pleno e íntimo. Pois a vida é bela com a manifestação do amor; a casa tem sentido, acolhida e calor quando se convive com amor; o trabalho humano traz satisfação, prazer e gozo quando se destina o fruto do trabalho a quem se ama. Então, brotam as perguntas: vivo o amor e vivo com amor? como expressei o amor? para quem partilho e revelo os mistérios e os segredos da vida? a quem dedico os meus afetos e carinhos? com quem compartilho a minha

privacidade e a minha intimidade? A Vida Consagrada é uma resposta para estas questões quando vive apaixonadamente o amor por Jesus Cristo e manifesta o fruto do amor na convivência humana.

A decisão para a vida vocacional e profissional nasce da resposta dada, interna e externamente, às questões da vida, da moradia, do trabalho e do amor. Isto significa afirmar que viver, morar, trabalhar e amar são elementos imprescindíveis e significativos da vida humana. Em síntese significa: viver com alguém ou para alguém; morar em família ou em comunidade; trabalhar para o desenvolvimento humano ou para o Reino de Deus; servir e dar a vida por alguém.

5. VIDA CONSAGRADA E O MUNDO SECULARIZADO

Decididamente os paradigmas da cristandade foram substituídos pelos paradigmas da secularidade. A sacralização não tem mais força de decisão. Por sua vez, os paradigmas da secularização determinam o modo de pensar, o estilo de vida, o comportamento social, as atitudes morais, a linha de produção, as correntes de pensamento, os posicionamentos políticos. E, conseqüentemente, têm incidências na religiosidade popular, na reflexão teológica, nas celebrações religiosas e litúrgicas, no conteúdo catequético e na expressão da Vida Consagrada. Em síntese, a realidade não é mais conduzida e confirmada pelo dossel sagrado e conforme os paradigmas da cristandade. A realidade é secularizada, pluralista e fragmentada. Por sua vez, o projeto da Vida Consagrada deve estar em contínua atitude dialogal com o mundo e articulada com o mundo. Porém, sem matar o simbolizante e o seu conteúdo; sem negar a experiência espiritual e a adesão apaixonante pela missão, em nome de Jesus Cristo; e sem perder de vista a experiência fundante e original.

Na Vida Consagrada, esta experiência apaixonante por Jesus Cristo não mais

acontece de forma dogmática, racional e doutrinal com os desdobramentos da imposição, do medo e do terror. A angústia, os escrúpulos e o terrorismo espiritual não mais interessam. Hoje, o indivíduo quer vida prazerosa e situado no mundo; ninguém vai ser pobre, se não gosta de ser pobre; ninguém vai ser casto por medo do pecado e da condenação; ninguém vai obedecer por medo do castigo. O que leva uma pessoa a assumir a Vida Consagrada é a experiência prazerosa e agradável que lhe causa a experiência fundante da adesão apaixonada por Jesus Cristo na vivência específica de um determinado carisma e o seu conteúdo: o seguimento de Jesus Cristo, a forma de vida, a espiritualidade e a missão. A secularização não favorece a Vida Consagrada na visão tradicional. É indispensável a releitura dos seus pressupostos teóricos, da sua prática, do seu estilo de vida e do seu relacionamento com o mundo.

Os paradigmas do mundo secular passam a ser internalizados a partir do referencial individual e não grupal, familiar ou comunitário; do referencial autônomo e autodeterminante, sem a interveniência mundana de Deus. O motor imóvel aristotélico-tomista é substituído pelo "acaso e a necessidade" de Jacques Monod. E para François Jacob, biólogo francês, a vida na terra depende unicamente do acaso, da coincidência e da sorte, e que a noção de um criador só atrapalha a ciência. A pessoa humana não aceita mais soluções místicas ou escatológicas.

O mundo secular não elimina Deus. Porém, a pessoa humana assume livre e responsavelmente o que lhe cabe e busca resolver os problemas com suas forças, inteligência e razão. Conseqüentemente, a comunicação com Deus não é mais uma relação de dependência, mas uma relação de gratuidade e de espiritualidade; de doação, serviço e louvor. É o homem quem dirige a história e a Divina Providência assume a compreensão de solidariedade histórica de Deus. É a superação da causalidade divina pela teologia da criação.

Outro elemento do mundo secular é o respeito às diferentes expressões culturais: é a compreensão dos valores de modo diferente. É a aceitação do pluralismo cultural, que exige aculturação, enculturação e inculturação.

Estas concepções do mundo secular trazem implicações sérias e profundas para a Vida Consagrada. Há grupos de consagrados que se identificam apenas com as obras e as atividades. A Vida Consagrada se identifica com a especialização fundante no seguimento radical e apaixonante de Jesus Cristo. É urgente a necessidade de atualização da identidade da Vida Consagrada, como um todo, e da identidade carismática de cada Instituto. E o trabalho é apenas um modo de inserção no mundo: dar o testemunho de inserção na cultura do trabalho; testemunho de espiritualidade carismática do trabalho; testemunho da competência e da honestidade profissional; testemunho de serviço no sentido de ganhar o pão com as próprias mãos e da partilha comunitária; e testemunho solidário com o mundo do trabalho, priorizando a pessoa do trabalhador sobre o capital e priorizando a dignidade humana sobre o lucro.

Se no passado o pecado era avaliado como rompimento de uma norma, hoje consiste em rompimento de relações. No caso específico dos votos religiosos: no passado compreendiam-se os votos como virtude e como disciplina. Bastava obedecer ao superior e o voto de obediência estava garantido. Bastava negar e reprimir a sexualidade e o voto de castidade era assegurado. E bastava não ter dinheiro e o voto de pobreza era assumido.

Hoje, os votos na Vida Consagrada têm exigências mais amplas e mais comprometedoras, que se traduzem nas relações fraternas e solidárias com a comunidade, com a sociedade humana e com o mundo da ecologia. Isto implica participação efetiva, real, solidária, democrática e interpessoal nos problemas comunitários, sociais e planetários. Implica um processo de evange-

lização não apenas como protagonistas da evangelização, mas como articuladores de protagonistas (Santo Domingo). E implica desenvolver uma grande capacidade de negociação, de diálogo e de participação na vida interna do Instituto Religioso (respeitando as diferenças e a proporcionalidade em virtude dos diferentes níveis de engajamento) e na Vida da sociedade humana (respeitando as diferenças culturais e o pluralismo de expressões e simbolismos).

Somente quem ama é capaz de tratar o diferente como distinto. E quem não ama trata a todos de maneira impessoal, uniforme e sem envolvimento interpessoal e comprometido. A participação numa sociedade pluralista e multidisciplinar requer envolvimento interpessoal e dialogal. Na Vida Consagrada tradicional imperavam as relações autoritárias e as virtudes do controle e da vigilância. Hoje a confiabilidade, a democracia e a capacidade de negociação e de articulação são atitudes fundamentais nas relações interpessoais e na realização do voto de obediência. Consequentemente, a reflexão interdisciplinar facilita a negociação e a abertura de alternativas e opções diante dos conflitos. Isto não significa negar o passado, a tradição e a história, mas sim refletir, debater, reler e assumir o carisma específico conforme os tempos e as culturas. Pois os traços da modernidade se caracterizam por valorizar o caráter participativo, democrático multilateral, conflitivo e pluralista nas relações interpessoais e institucionais.

6. VIDA CONSAGRADA E O MUNDO DOS EXCLUÍDOS

O conteúdo da missão da Vida Consagrada se identifica com o evangelho e com a prática de Jesus Cristo: o anúncio engajado, a denúncia profética, o testemunho comprometido e o serviço transformador. Portanto, é determinante afirmar a solidariedade com os que estão no lado

inferior da história: os pobres, os excluídos e os oprimidos em segundo grau; os marginalizados da sociedade, sem possibilidades de acesso às conquistas humanas, sem memória, sem lembrança, esquecido da fama, do gozo, do acento à mesa e do nome, apenas são vulgos. Estes têm sede e fome da justiça de Deus.

É missão da Vida Consagrada iluminar as lutas populares por uma nova ordem mundial baseada na justiça de alteridade e de internacionalidade, e não apenas a defesa da justiça de imparcialidade e de racionalidade. Ao mesmo tempo, ajustar alianças com grupos que lutam pela justiça, pela paz e pela integridade da criação: os direitos e as necessidades dos povos e os direitos da natureza, como forças iluminadoras, modelos de amparo e articuladores de protagonistas, tendo como pressuposto teórico a teologia dos excluídos.

Enquanto a sociedade concentradora do capital, dos bens, do saber e do gozo usa a razão instrumental como faculdade para obter os resultados desejados e planejados, independentemente das possíveis consequências para os outros povos, nações, culturas e ecologia. Por sua vez, a Vida Consagrada usa a razão pneumatológica como faculdade para iluminar, argumentar e fundamentar as lutas pela justiça de alteridade e de intencionalidade e as mobilizações permanentes dos movimentos e organizações populares. Porém, não com fórmulas únicas e definitivas, mas valorizando as múltiplas experiências e os métodos avaliativos permanentes.

Os opressores e os promotores de injustiça sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas continuam fortes e determinados. Aparentemente, as forças atestadoras, condicionadoras e opressoras levam sempre vantagens sobre as forças contestadoras, criativas e libertadoras. Pois o mercado livre e os modelos de consumo exercem sempre um poder de fascínio que seduz e satisfaz as massas populares não organizadas. Em consequência, o modelo

injusto de desenvolvimento atesta que a riqueza concentradora dos ricos é proporcional à pobreza cruel e trágica dos pobres. Pois a riqueza das nações cria mais riqueza e opulência para os ricos e produz o aumento proporcional e quantitativo de pobres.

Portanto, não basta clamar pelos direitos, pelas necessidades básicas, pelas melhores condições de vida e pela dignidade humana. Faz-se necessário gerar um modelo novo de desenvolvimento. Pois os pobres já perderam a razão de esperar, resta-lhes apenas a razão da sobrevivência: movidos pelo sofrimento, pelo desânimo e pelo desespero, tratam de sobreviver.

É missão da Vida Consagrada alimentar os sinais de esperança, de vida plena e de vida digna para todos. Porém somente é possível quando sustentada pela fé apaixonante em Jesus Cristo, sua pessoa, sua prática e sua missão. Somente a energia vivificante e a força iluminadora de Deus dão o poder de lutar e de transformar. Por isso, o primeiro passo é a experiência da conversão, no sentido de metanóia, de reorientação da vida, de decisão, de compromisso e de engajamento comprometido, em nome do Deus da promessa e do Deus do reino. Evidentemente, torna-se fundamental a experiência de grupo, como organismo vivo para efetuar ações coletivas populares, tendo em vista a necessidade de organização e de lutas.

Outra experiência acontece no intercâmbio com outros movimentos e organismos, com a finalidade de partilhar a solidariedade, as preocupações, as lutas, os símbolos, as imagens, as experiências e as esperanças. É a capacidade de pertencer a uma experiência orgânica, a capacidade de estabelecer alianças, de articular idéias e de escutar as aspirações, tendo em vista objetivos e fins que levem ao bem comum, no sentido de justiça, paz e integridade da criação.

Por fim, a experiência de fé. A aliança com os excluídos é alimentada e fortalecida

na espiritualidade e na experiência de oração e de contemplação. É a experiência de comunhão com Deus, com os outros e com toda a criação.

CONCLUSÃO

Vive-se num período histórico que exige versatilidade, agilidade e eficiência em todos os setores da sociedade. O sistema de produção, alicerçado no paradigma do livre mercado, requer competitividade, gestão de qualidade total, qualidade dos serviços, gestão de produtividade, reengenharia, gestão de tecnologia, estratégias globais e agressividade no mercado. É a posse do padrão de qualidade. Ao mesmo tempo, trabalha-se e vive-se para o momento. A informática, a telemática, a robótica, a telefonia celular, os satélites, a televisão a cabo, o computador, a microeletrônica mudaram a idéia de tempo e de espaço. E mudaram o modo e os parâmetros de comunicação e de produção. Agora, o efeito mediático do visual e das imagens prevalece sobre as idéias, o conteúdo, os projetos e sobre as doutrinas. A telepropaganda e a videoimagem têm forte poder de convencimento subjetivo e de persuasão no imaginário coletivo, que ultrapassa o limite entre o normal e o aceitável para estabelecer condutas de ocasionalidade e de permissividade. Em consequência, o espetáculo virtual prevalece sobre a experiência real.

Ao mesmo tempo, o cotidiano não é grupal, familiar ou comunitário, mas é individualizado e personalizado. Pois a autonomia, a realização pessoal e o desejo de felicidade aqui e agora são imperativos e categorias existenciais. Hoje, a rapidez do tempo vence a monotonia e a lentidão. Abrem-se grandes perspectivas de transformações globais e de mudanças radicais no modo de viver e de trabalhar.

No mundo, o conflito antagônico da guerra fria foi substituído pelas alianças dos megabloques. O determinismo histórico

deu espaço para o determinismo tecnológico. Em todos os setores da sociedade organizada, as diferenças e os conflitos são administrados pela articulação e pela negociação, tendo em vista objetivos e fins que beneficiem o bem de todos. Na Igreja, o método apologético para combater racionalmente os adversários foi encurralado pelo ecumenismo e pelo diálogo. Por sua vez na Vida Consagrada, o formalismo e a estrutura hierarquizada cedem espaço para o diálogo fraterno, a entreajuda, o discipulado mútuo, o respeito às diferenças, a consulta às bases, o planejamento comunitário, a compreensão da autoridade como serviço, missão e ministério.

As relações autoridade-súdito passam pelo exercício da democracia por meio da articulação e da negociação. Na Vida Consagrada, a autoridade deixa de ter relações de poder e de controle unilateral e desproporcional para assumir o encargo de autoridade como serviço dialogal; como ministério representativo; e como missão fraterna, com grande capacidade de escuta, de diálogo, de articulação, de negociação e de decisão. Isto não significa nivelar ou repartir interesses, mas visa alcançar metas, objetivos e fins previamente estabelecidos e assumidos pela consagração e pela missão. Articulam-se as decisões e não os objetivos; negociam-se os métodos e não os fins.

Ao mesmo tempo, as relações interpessoais e institucionais requerem abertura e acolhida às culturas, que trazem às comunidades de Vida Consagrada novos estilos, novos costumes e novas interpretações. E requer atenção diante das mudanças em dois sentidos: abertura e adequação aos tempos, ao avanço tecnológico, às idéias e aos pressupostos teóricos; ao mesmo tempo, para garantir a fidelidade da consagração, faz-se necessário superar a ilusão das imagens multiplicadas pelos meios tecnológicos contemporâneos, num verdadeiro tecnoterrorismo, que inutilizam os ambientes de silêncio, a imaginação casta e as oportunidades de contemplação. Portanto,

a renovação é necessária, para haver a inserção no mundo e para haver o diálogo com o homem no mundo. Porém, não significa simplificar a Vida Consagrada às regras renovadoras do mundo, para não acontecer a fragmentação. A renovação da Vida Consagrada passa pela adesão apai-

xonante a Jesus Cristo; pela releitura do carisma fundante e da comunidade original; e pela missão transformadora no mundo, gerando vida justa e fraterna, por meio da espiritualidade encarnada e comprometida, fecundada e iluminada na escuta de Deus e de seus apelos e desejos.

BIBLIOGRAFIA

1. BAUDRILLARD, Jean. A transparência do mal. Campinas: Papirus, 1992.
2. CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1992.
3. COELHO, Teixeira. Moderno e pós-moderno. 2. Ed. Porto Alegre: L&PM, 1990.
4. CUSTÓDIO FILHO, Spencer. Mudanças de paradigmas no processo formativo da Vida Consagrada (palestra). Rosa do Mar: 11 e 12.01.1995.
5. DUCHROW, Ulrich; RAISER, Konrad; SANTA ANA, Júlio de. A presença do Espírito Santo nos processos históricos atuais. São Paulo: Paulinas, 1992.
6. EVANGELISTA, João Emanuel. Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno. São Paulo: Cortez, 1992.
7. GIALDI, Silvestre. Questões antropológicas fundamentais. Anunciar, Porto Alegre, n° 72, p. 8-9, jan/abr. 1993.
8. GIALDI, Silvestre. Modernidade e dignidade humana. Convergência, Rio de Janeiro, vol. 29, n° 270, p. 124-128, mar. 1994.
9. KURZ, Robert. O Colapso da modernização. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
10. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A filosofia na crise da modernidade. São Paulo: Loyola, 1989.
11. SANTOS, Francisco de Araújo. A emergência da modernidade: atitudes, tipos e modelos. Petrópolis: Vozes, 1990.
12. SUSIN, Luiz Carlos. Pós-modernidade: desafio de transpor o esvaziamento. Correio Rio-grandense, Caxias do Sul, n° 4379, p. 10-11, 15.06.1994.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. Paradigma é o padrão de qualquer natureza aceito como norma de viver uma dada realidade por um grupo maior ou menor de indivíduos. Quando mudam os paradigmas, tudo "volta a zero", isto é, é necessário renegociar os novos padrões paradigmáticos, redescobrir-lhes os fundamentos. Isto vale para a moral, para a vida familiar e tudo o mais, inclusive a vida religiosa. Este é o desafio que a vida religiosa ainda não conseguiu equacionar: reler, redescobrir e reinterpretar criticamente a sua identidade, o seu carisma e a sua missão diante da sociedade insana, fragmentada e pluralista. Como você e sua comunidade se preocupam concretamente com esta questão? Que está sendo feito?
2. A vida consagrada, ao longo dos séculos, não foi refletida e assumida na dimensão existencial e antropológica, mas apenas como processo especial de santificação e de salvação da alma, e de sacrifício e de negação do mundo, do corpo, do amor e das relações humanas profundas. A teologia da salvação escatológica iluminava a vida cristã. Hoje o enfoque "salvação-santificação" deslocou-se para o de "carisma-missão" segundo um padrão de "viver-morar-trabalhar-amar". Como esses verbos são conjugados na prática da vida de sua comunidade?
3. É próprio da vida consagrada afirmar a solidariedade com os que estão no lado inferior da história: os pobres, os excluídos e os oprimidos. Esta solidariedade se expressa na articulação das diferentes classes e forças sociais, cristãs ou não, se deslocando para o lado dessa "massa sobrando". Observe a realidade da ação pastoral de seu grupo religioso e critique como esta prática está sendo desenvolvida.

AÇÃO CARITATIVA DOS EVANGELIZADORES NO PERÍODO COLONIAL

Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho*
Viçosa - MG

Os missionários estavam certos de que "ninguém melhor se assegura a si e as suas coisas do que quem pela caridade se arrisca e se arrisca".

1. INTRODUÇÃO

Um dos capítulos mais belos da ação evangelizadora da Igreja no período colonial foi, sem dúvida, a contribuição efetiva dos missionários na profilaxia das doenças, no seu tratamento, demonstrando imolação admirável. Este aspecto da ação missionária fica muitas vezes olvidado. Isto acontece quer por causa dos preconceitos com relação ao que ocorreu no Brasil Colônia, quer, por outro lado, pela justa exaltação de outros fatos como a catequese, a luta contra a escravidão, a educação e outras benemerências. No entanto, os pregoeiros do evangelho não apenas se dedicaram ao combate direto das enfermidades, como ainda estabeleceram uma infraestrutura, fundando hospitais, multiplicando, nas suas casas, enfermarias, além da construção de abrigos para anciãos, cre-

ches para crianças desvalidas, acolhimento para indigentes. Foi um esforço sobre-humano para oferecer recursos, visando vencer toda sorte de misérias.

A opção preferencial pelos pobres, hoje tão enfatizada nos últimos documentos emanados de Roma, Medellín, Puebla, Santo Domingo, foi uma tônica na evangelização durante o período colonial.

Quando se examinam documentos que enaltecem a obra dos jesuítas nos primórdios da história brasileira, se percebe que, por vezes, este aspecto caritativo poderia ser mais ressaltado. Assim, por exemplo, nas Atas do Primeiro Congresso Internacional de História da América em 1922, quando os congressistas renderam homenagens a ilustres seguidores de Inácio de Loyola que laboraram nas Colônias americanas. No item terceiro das justificativas daquele ato se lê: "Considerando que, dentre os traços mais gerais que se observam na formação histórica das nações do novo mundo, ao primeiro exame, e de maneira incontestável, se impõe, como predominante e benfazejo, o duradouro influxo por todas elas sem exceção, e desde os primórdios, recebido dos seus denodados evangelizadores cristãos, que do Canadá até a Patagônia, a preço de suores e sangue, devassando o território, fundan-

* O AUTOR: o cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho é professor de história da Igreja no Seminário São José de Mariana e autor, entre outras obras, de "Ideologia e Raízes Sociais do Clero da Conjuração — séc. XVIII: MG", "A Igreja e a Escravidão: uma análise documental", "Temas de História da Igreja no Brasil".

do cidades, educaram os colonos, amansaram os bárbaros e difundiram por toda a parte os germes da cultura intelectual, no desempenho de uma extraordinária missão humanitária, civil e política, sem esquecer jamais a preocupação científica, mercê da qual se tornaram eles próprios, com extremo labor, fundadores da geografia, da história e da etnografia americana...”

Não se nota aí um maior realce ao muito que foi feito pela saúde dos indígenas. O mesmo se divisa nas Atas do Primeiro Congresso de História Nacional, anteriormente realizado no ano de 1914. Assim diz o item primeiro: “Considerando que o nome da Companhia de Jesus se acha indissoluvelmente ligado à História do Brasil, e de modo tão estreito, que relembrar os seus fatos é assinalar ao mesmo tempo os extraordinários serviços que na tríplice missão humanitária, política e social prestaram os **Jesuítas** ao país durante mais de dois séculos; evangelizando as tribos selvagens, salvaguardando o princípio da moralidade, em face da corrupção e execrável cobiça dos colonos, alimentando a chama do patriotismo, que repeliu as invasões estrangeiras, concorrendo eficazmente para a conservação da unidade e integridade da nação e difundindo por toda a parte a cultura intelectual que preparou o surto brilhante da nossa literatura...”². É óbvio que ao falar da tríplice missão “humanitária, política e social” os congressistas estavam incluindo tudo que se refere à ajuda aos enfermos, mas isto poderia ter sido bem destacado entre as ações meritórias que a seguir eles expuseram. A mesma observação se deve fazer em inúmeras referências aos jesuítas por renomados historiadores, até mesmo pela Companhia de Jesus ou pelos livros didáticos. Deste modo, a beneficência exercida pelos inacianos, nas formas mais variadas e nas circunstâncias mais diversas e imprevistas, fica menos evidente. Entretanto, como bem observa Luiz Gonzaga Cabral, “o exercício da caridade é o elemento constitutivo de todo o verda-

deiro apostolado”³. A imolação pelo próximo foi, realmente, uma marca gloriosa da ação dos jesuítas em plagas brasileiras sustentando famintos, vestindo nus, curando enfermos. Este último aspecto será o enfoque principal do tema em tela. É certo que as demais ordens religiosas demonstraram também o mesmo imenso devotamento ao próximo, mas devido ao longo período em que, sistematicamente, trabalharam os seguidores de Santo Inácio no Brasil colonial, serão abordados os efeitos notáveis da caridade inaciana, lances atinentes a eles. Tais fatos **per se** patenteiam o perfil da obra missionária no campo da caridade cristã. Rocha Pitta ressaltou que os jesuítas eram “varões verdadeiramente apostólicos, dignos das muitas possessões que têm nesta região, cujas rendas dispendem religiosa e piamente (...) na sustentação de seus religiosos e de infinitos pobres, a quem socorrem com cotidiano alimento e outras tão preciosas como liberais esmolas”⁴. Fernão Cardim dá uma amostra específica da ação diretamente voltada para os enfermos ao se referir a uma travessia de Portugal para o Brasil: “Eram os doentes de nós ajudados no temporal com medicinas e outros mimos, conforme as suas necessidades (...) com eles houve não pequena matéria de merecimento e não pequena consolação, porque com as diligências que se lhe faziam, foi nosso Senhor servido que só um morresse, excepto outro que caiu ao mar sem lhe podermos ser bons”⁵. Chegados ao Brasil, este devotamento, ocorrido durante o percurso marítimo, continuava, agora abrangendo sobretudo os índios e os escravos. Luiz Gonzaga Cabral refere-se a um Manuscrito da Biblioteca Nacional de Roma, publicado em 1897 no tomo XIX dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ⁶, contendo em língua castelhana as fundações dos Colégios do Brasil, no qual se diz que, em 1574, se começou a cumprir a ordem do provincial, que era o Pe. Inácio de Tolosa, de se estabelecer um hospital em cada aldeia⁷.

As raízes desta ação caritativa estão no Evangelho, mas o desdobramento desta conduta a favor dos marginalizados, sobretudo dos doentes, como foi dito, nem sempre é revelada. Se é verdade que o desvelo para com os doentes foi desde os albores do cristianismo uma característica marcante do comportamento dos arautos do Evangelho em todas as partes do mundo, no Brasil tal postura se deu também de maneira notável, mas com peculiaridades que cumpre sejam detalhadas.

Por influxo de teorias falazes a serviço do descrédito das atividades cristãs, muitas vezes, infelizmente, patrocinado até por eclesiásticos, a obra humanitária dos obreiros da palavra evangélica tem nas últimas décadas sido anticientificamente agredida. Dá-se a "anamorfose", ou seja, o fenômeno que modifica a verdadeira compreensão do que realmente aconteceu. As informações e as análises distorcidas deixam na consciência e no inconsciente dos leitores uma versão que deturpa e dá uma falsa aparência daquilo que de fato ocorreu.

Quem tem uma cultura epidérmica é impelido a ter uma visão do que não existiu e a não captar o que de fato se deu. Não é fácil penetrar na trama complexa da anamorfose e apreender a verdade, separando contra-informações e interpretações anticientíficas. Quantas vezes até documentos são citados com distorções sem nunca terem sido lidos no original!⁸

Cumprido então, firmado em documentos e numa análise metodologicamente segura e honesta, patentear o que os missionários fizeram ao ensejo da colonização da Terra de Santa Cruz a favor dos índios e dos escravos com extraordinária abnegação nos mais variados setores.

O objetivo específico do presente artigo é assim focalizar alguns aspectos do comportamento dos missionários jesuítas ante o sofrimento físico. Não fora o desvelo destes samaritanos, ardentes de amor ao próximo, milhares de doentes não teriam tido uma assistência salutar. Não apenas à

beira do agonizante, mas ainda nas feridas ensangüentadas, frutos de guerras fratricidas ou de acidentes, atando curativos lenientes e, até, fazendo com êxito intervenções cirúrgicas; aviando medicamentos compostos de pós, extratos e fibras de vegetais, de mistura com mel e açúcar; preparando antídotos contra mordeduras de todos os animais venenosos; combatendo a marcha aterradora das epidemias, o jesuíta aliviou sofrimentos, salvou vidas, dulcificou instantes de dores atrozes.

Capítulo especial que merece amplas pesquisas. De fato, admirável a solicitude dos missionários para com os que se achavam enfermos em paragens onde reinava toda espécie de males. Enfrentaram com sucesso os germens desconhecidos. Transformaram-se em médicos, enfermeiros dos que se achavam débeis, presos aos leitos de horríveis sofrimentos, num serviço altamente humanitário.

2. VISÃO GLOBAL DA AÇÃO DOS JESUÍTAS

A extensa obra missionária dos jesuítas no Brasil, iniciada em 1549 com uma evangelização realmente organizada que se projetou até 1759, quando foi temporariamente interrompida pelos desatinos de Pombal, oferece um panorama significativo da dedicação da Igreja aos doentes.

Ao lado dos templos, das escolas, das plantações, os jesuítas levantaram, desde o início, nosocomios com pavilhões para homens, mulheres e crianças, asilos para os idosos desamparados, tudo, é evidente, dentro das possibilidades do contexto em que viviam.

Tudo faziam para estancar as causas dos males que debilitavam os nativos e africanos, aliviando as aflições corporais, ministrando noções de puericultura, tomando medidas profiláticas, colocando barreiras às epidemias. Sacerdotes exercendo um duplo sacerdócio: o de ministro do culto

divino e o da medicina. Aliás seja dito que Santo Inácio estabelecera que os noviços se enfrasassem em técnicas de enfermagem, até com estágios em hospitais. Luiz Gonzaga Cabral relata o seguinte referente a Loyola: "Austero mantenedor da pobreza da Companhia, abria duas exceções nesse rigor: a Igreja e a Enfermaria; naquela nada recusava para o esplendor do Culto Divino, a riqueza dos parâmetros, ou a opulência das pratas; nesta exigia que, para o bem-estar dos doentes, se olhasse com ternura e generosidade ao seu inteiro conforto. Antes, acrescentava o Santo, se para acudir à Igreja e à Enfermaria não chegassem os recursos da casa, vendam-se embora cálices e custódias, para que não faltemos aos doentes com carinho verdadeiramente materno"⁹.

Foi com esta mentalidade que aportaram ao Brasil seus seguidores. Estes, além de oferecer cuidados médicos inicialmente aos índios, tiveram de romper a barreira dos preconceitos, superstições, vãos temores, posturas contaminadas de animismo. Tarefa inicial foi, neste caso, pedagogicamente se processar uma espiritualização racional do conceito de doença, levando de vencida a influência dos feiticeiros, dos pajés. Anchieta declarou a Santo Inácio, em carta de setembro de 1554, o seguinte: "Aqueles feiticeiros, de que já falei, são tidos em grande estima. De fato, chupam os outros quando estes sofrem alguma dor, e afirmam que os livram da doença e que têm sob seu poder a vida e a morte. Nenhum deles aparece entre nós, porque lhes descobrimos os enganos e as mentiras"¹⁰. É lógico que Anchieta verberava nos pajés o fato de eles se dizerem com poderes extraterrenos sobre a existência humana. Com efeito, o emprego da sucção em muitos casos era benéfico, dado que o veneno ou outras substâncias ignotas eram retiradas. Até hoje muitos fazem isto no caso de mordida de cobras.

Adite-se que a estes valentes missionários jamais atemorizavam as pestes ou as

canseiras nas visitas aos enfermos. Nem febres malignas, nem a varíola ulcerante, nem o mal-de-luanda a corroer as carnes ou a lepra paralisavam os heróicos esforços a favor dos que necessitavam amparo imediato. Povoamentos inteiros ou pequenos núcleos habitacionais ameaçados de extinção foram preservados pelo devotamento dos heróis da caridade. Endemias foram erradicadas, mesmo porque os jesuítas foram pioneiros na busca de medicamentos naturais, pesquisando as virtudes curativas das floras virgens de uma natureza não contaminada pela poluição. Assim debelaram com eficiência as doenças sem as práticas mágicas dos indígenas. Captaram as causas das enfermidades peculiares às regiões de clima tropical, fazendo declinar as curvas de morbidez e de mortalidade. Ao chegarem aqui, as doenças mais comuns enlencadas pelos jesuítas eram a boubas, o bócio endêmico, certas parasitoses e dermatoses, febres inespecíficas, disenterias, afecções do aparelho respiratório, ferimentos de guerra e acidentais, afecções e sintomatologia resultante de mordeduras de animais venenosos. Da Europa advieram para os índios o sarampo, gripe, outras viroses, doenças venéreas e diversos males infecciosos que pegaram o organismo indígena imunologicamente despreparado, pois não tinham anticorpos para enfrentar tais vírus e bactérias que dizimaram centenas deles. Aí, precisamente, um campo imenso para a atuação eficaz dos jesuítas que souberam se aproveitar das propriedades terapêuticas dos vegetais que foram incorporados à farmácia de suas casas. Assim a copaíba, a ipecacuanha, o jaborandi, o ruibarbo, a baunilha. Célebres as boticas jesuíticas nas quais se patenteava que o inaciano sabia bem aplicar os conhecimentos da época e os que adquiriu da medicina indígena. Seja dito inclusive que os medicamentos europeus eram de difícil aquisição, o que forçou os missionários a procurar alternativas locais com grande eficiência. Isto foi tanto mais importante quando se considerava que, com a chegada aqui dos africanos, se dissemi-

naram a filariose, a draculose, a febre amarela, a ancilostomíase, o tracoma, o ainhum, o gundu. A assistência hospitalar era geralmente feita nas enfermarias dos colégios, das santas casas de misericórdia, nos lazaretos. Dominando o segredo curativo das raízes, caules, folhas, bagas, sumos, cascas, pólenes medicinais, os jesuítas puderam curar milhares de pacientes. Tanto isto é verdade que a quina se chamou durante muito tempo "pó dos jesuítas". Os filhos de Santo Inácio souberam com êxito descobrir, na natureza exótica que vicejava na América, as forças medicinais que tanto bem fizeram. As virtualidades medicativas dos jamacurus e gravatás, das tanibucas e ananases, das butas e tanharões e tantas outras plantas foram por eles observadas e direcionadas para reduzir sofrimentos.

Rocha Pitta detalha estas espécies de plantas e as aplicações das mesmas nestes termos: "As mais célebres são as samambaias que soldam todas as quebras; a capeba que desfaz todas as apostemas; a erva do leite que limpa de todas as bebidas e névoas dos olhos; o mata-pasto que tira as febres; a caroba que tira as boubas; o ananás que expulsa a pedra; o caroatá que arroja as lombrigas; a buta que conforta os estômagos e expele as dores de cabeça; o milhomens para mil enfermidades e outras para várias queixas ou tomadas em potagens ou postas como remédios tópicos" ¹¹.

O hábil manejo dos frutos carnosos, e das cascas e sumos das polpas que facilitavam a digestão e de outros recursos que as plantas tropicais propiciavam foi um serviço prestado não só aos que viveram nos tempos coloniais, mas ainda ao progresso da terapêutica. Razão teve o notável galeno Lopes Rodrigues ao asseverar: "Foi ao ouvido do jesuíta que o íncola confiante segredou o ministério das virtudes curativas de suas plantas veneradas e foi o jesuíta indômito que segredou estas mesmas virtudes ao ouvido longínquo da civilização que o esqueceu, o desprezou e o perseguiu" ¹².

Não se valiam os jesuítas apenas das virtudes medicinais dos vegetais, mas se tornaram autênticos cirurgiões. Narra Simão de Vasconcelos que graçando "como terrível de pleurises" e começando muitos a perecer, "vendo os padres que o mal era força de sangue e não havendo na terra médico ou sangrador nem ainda lancetas, começaram alguns, e o irmão José, o primeiro, a aguçar seus canivetes de aparar penas e com eles e com o zelo da caridade sangrando-os fizeram tal efeito que raro foi o que dali em diante morreu e os perigos em breves dias melhoraram" ¹³. Nota o referido cronista que "alguns escrúpulos houve entre os religiosos do exercício das sangrias pelo perigo de irregularidade. Mandou-se perguntar a questão a Roma a nosso Santo Patriarca Inácio para sucessos semelhantes. A resposta foi por estas palavras: "Quanto às sangrias digo que a tudo se estende o bojo da caridade, pelo que com mais resolução o faziam dali em diante até o mesmo Padre Nóbrega por sua mão em caso de necessidade" ¹⁴.

O mesmo cronista detalha a ação dos jesuítas na Capitania do Espírito Santo ao ensejo da epidemia de varíola em 1565: "... cruel pestilência de bexigas que veio sobre aquelas aldeias, tão desumana, que contaminou quase todos, e raros dos contaminados deixou sem vida. Viu-se ali um espetáculo lastimoso porque as casas igualmente serviram de hospitais de enfermos, que do cemitério de mortos eram quase iguais e não sabíeis de quais havíeis de ter mais compaixão, se dos vivos para acudir a seu remédio ou se dos mortos para usar com eles da comum piedade da sepultura. Aqueles vos chamam a vozes, estes com o cheiro pestífero de quatro em quatro uns sobre os outros podres e corruptos. O Padre Diogo metido entre eles de dia e de noite com outro companheiro Pedro Gonçalves eram os sangradores, os cirurgiões, os médicos e juntamente os párocos e recoveiros e em tudo sós, porque à presença de tão grande miséria, apenas achavam quem ajudasse a levar um defunto a sagra-

do, ou porque todos eram enfermos, ou porque os que o não eram assim fugiam da corrupção e mau cheiro deles como da mesma morte. Tal houve que em meio do caminho fugiu, deixando o peso do defunto todo nas mãos dos padres que caíram de fraqueza com ele"¹⁵. Dois anos depois o mesmo ocorreu na Bahia. "Começou a doença por graves dores do interior das entranhas que lhes faziam apodrecer os fígados e bofes: e logo veio a dar em bexigas tão podres e peçonhentas que lhes caíam as carnes e pedaços cheios de bichos malcheirosos. Não sabiam os padres a quem primeiro acudir"¹⁶. Episódios dramáticos a revelarem a verdadeira face da Igreja de Cristo, a autêntica igreja dos pobres que age sempre à luz do magno preceito: "Amai-vos uns aos outros"¹⁷.

3. JOSÉ DE ANCHIETA, APÓSTOLO DA CARIDADE

Símbolo da obra dos jesuítas no século XVI, por antonomásia chamado o "Apóstolo do Brasil", foi José de Anchieta. Seu biógrafo Pe. Rodrigues narra o seguinte: "O bispo do Brasil Dom Pedro Leitão dizia do padre (Anchieta) que era um grande servo de Deus e uma luminária que a Companhia tinha nestas partes. E outras vezes usava desta semelhança: "A Companhia no Brasil é um anel de ouro e a pedra preciosa dele é o Padre José"¹⁸. Como muito bem se expressou o notável historiador Hélio Abranches Viotti, o século XVI foi o século de Anchieta¹⁹. Assim sendo, ilustra tanto o tema deste artigo como penetra fundo no que tange ao sacrifício pelo próximo do qual ele foi um exemplo palpitante.

Uma das tarefas que Anchieta sempre ressalta na sua vasta correspondência foi a de estar ele e demais jesuítas a serviço dos enfermos. Vibram nas suas palavras total dedicação ao próximo, tudo fluindo de sua amável caridade, de sua indesmentível paciência e mansuetude.

Destacamos alguns tópicos desta faceta luminosa de sua vida.

A Santo Inácio de Loyola escrevia ele dia 1º de setembro de 1554: "Uma menina de quatro ou cinco anos, caída em doença grave, pedia muitas vezes com lágrimas à mãe que a levasse à Igreja; e gemendo diante do altar, dizia na própria língua: "Ó Pai, sara-me"(...) e o próprio Senhor o fez, pois tratada pelos nossos Irmãos com maior mezinha, ela recuperou inesperadamente a saúde"²⁰.

Na carta Trimestral de maio a agosto de 1556, Anchieta mostra que as conversas particulares com os índios os tocava muito e acrescenta: "Vendo eles a nossa grande dedicação, não podem deixar de admirar-se e de conhecer um pouco do nosso amor para com eles: sobretudo vendo que temos tanta diligência em lhes curar as doenças, sem nenhuma esperança de ganho. Fazemos isto sobretudo com a intenção de lhes preparar as almas, que se encontram mais brandas e mansas, para receberem o batismo, se a necessidade urgir: e pela mesma razão queremos atender às parturientes, para, sendo necessário, batizarmos a mãe e a criança. Deste modo, cuida-se da salvação da alma e do corpo"²¹.

Aos Padres e irmãos de Portugal escrevia em abril de 1557 narrando o fato ocorrido com um ferido, barbaramente atacado por um seu irmão índio: "Ao outro dia nos fomos lá mui depressa para o curar o ferido e aparelhá-lo para o batismo. E encontrando-o no caminho, que o traziam a nós outros, para que o curássemos, nos tornamos, curamo-lhe as feridas até sarar e, entretanto, por remediar as chagas de sua alma, o instruímos nos rudimentos da fé"²². Aliás seja dito que os jesuítas praticavam a cirurgia de urgência não só quando necessária para as doenças costumeiras, mas também por ocasião das lutas fratricidas. Como ficou claro no texto acima, não apenas solicitavam os índios tal ajuda, mas iam eles mesmos à procura do missionário.

Ao geral Pe. Diogo Laínes, em 31 de maio de 1560, desce a detalhes sobre os remédios naturais: "Úteis à medicina há muitas árvores e raízes de plantas, mas direi alguma coisa sobretudo das que servem para purgantes. Há uma árvore, da qual, cortando-se a casca com a faca ou quebrando-se um ramo, sai um líquido branco, parecido ao leite, mas mais espesso, o qual se beber um pouco desembaraça os intestinos e limpa o estômago com vômito de grande violência; mas se houve demasiada na porção, mata (...). Há outra, chamada vulgarmente raiz bárbara, se o é realmente julguem os que o sabem. Os índios dizem mararecô: as folhas são semelhantes aos ácaros, raiz pequena e roliça, que ou se come assada ou se bebe, moída em água que se deixou uma noite ao relento. Encontrou-se há pouco outra, que se tem em grande conta e não sem razão: é comprida e fina; esmagada e posta de infusão em água durante uma noite bebe-se de manhã sem dificuldade, nem causa náusea, nem dá fastio. Desembaraça os intestinos com bastante fluxo, que cessa logo que se tome qualquer alimento. O que é comum às que acabei de referir. Além destas, há muitas outras, de bom préstimo para desembaraçar o ventre, ao passo que para o prender (exceto o fruto dalgumas árvores) quase não se encontra nenhum remédio eficaz"²³. Medicina alternativa de grande valor, sendo que o texto acima patenteia como, por observações empíricas cuidadosas, ia se formando a botica jesuítica.

Como foi dito, Santo Inácio havia permitido que se fizessem as sangrias. Anchietta e seus companheiros aliviaram a muitos com a prática da flebotomia, diminuindo a quantidade de sangue diante de certos males como a insuficiência cardíaca. Ilustrativo este trecho ao Pe. Laínes em 1560, no qual se refere a uma catecúmena que havia dois anos estava enferma de febres e que se fizera transportar a Piratininga por seus parentes para que ele a curasse. Acrescenta então: "Não após

muitos dias, duas de suas irmãs caíram numa grave enfermidade. A uma delas que morava em Piratininga, já cristã, sangrei duas vezes e se achou melhor. A outra, que ainda era catecúmena e morava em outro lugar, bem instruída nas coisas da fé, e que em bondade natural parecia exceder todas as outras, adoecendo de febre, não mais no-lo fez saber, até que passaram quatro ou cinco dias. Fomos visitá-la, e juntamente a instruímos. E depois da sangria achou-se melhor"²⁴. Anchietta nesta carta narra visita a diversos doentes a quem levou medicamentos e se refere a um índio que tornando da guerra com duas flechadas e quase para morrer ficou inteiramente recuperado. Diz Anchietta: "O curamos com toda a diligência, o que costumamos fazer a todos"²⁵. Era a prática do dito paulino: "Fiz-me tudo para todos para salvar a todos"²⁶. Com efeito, nesta mesma missiva lemos: "A isto se ajunta que nós, que socorremos as necessidades dos outros, muitas vezes estamos mal dispostos e, fatigados de sofrimentos, desfalecemos pelo caminho, de maneira que apenas o conseguimos levar a cabo. Deste modo não menos necessidade de ajuda parece terem os médicos que os enfermos"²⁷. Para atender os doentes não havia dia nem hora: "Muitas vezes nos levantamos do sono, ora para os doentes e moribundos, ora para as mulheres de parto, nas quais colocamos as relíquias dos Santos ao pescoço, e logo parem"²⁸. Com isto os missionários dispunham as índias para pedirem o batismo para seus filhos.

Na carta a Laínes em 1561 escreve Anchietta: "Este ano nos castigou a divina justiça com muitas enfermidades, principalmente com câmaras de sangue as quais deram **maxime** entre os escravos, de que morreram muitos, de tal modo que parecia pestilência. Dois, três quando muito quatro dias duraram com elas, que não morressem, embora outros hajam escapado. Isto nos deu muito trabalho, porque de dia e de noite não cessávamos de os confessar e acudir com os remédios que podíamos,

maxime em Piratininga, onde os irmãos são médicos espirituais e corporais”²⁹. Nos índios e escravos a igreja sempre respeitou a dignidade da pessoa humana de maneira prática, objetiva.

Em carta ao Pe. Laínes em 1565 Anchieta conta como salvou a vida de um menino enterrado vivo pela sogra da mãe, “porque sendo aquela moça prenhe de um que havia por mulher, sendo dele deixada, com outro se casou, de maneira que segundo a opinião desta gente ficava o menino mestiço de duas sementes, e aos tais, em nascendo, logo vivos os enterram com tão grande bestialidade e crueza, que mui menor sentimento tem por ele sua mãe que se lhe morresse um gatinho porque dizem que os tais são depois débeis e para pouco, e que é grande desonra depois, que venham a ser chamado mestiços”³⁰. Quando, então, depois de meia hora, Anchieta, que por perto estava numa cabanazinha a rezar as matinas, tomou conhecimento do horrível fato, logo procurou salvar o menino, “sem nenhuma confiança na vida dele, por haver já tanto tempo que estava debaixo da terra”³¹. Demos a palavra ao apóstolo da caridade: “Desenterrei-o e nenhuma daquelas mulheres lhe quis pôr mão para lavá-lo, por mais que lhes rogasse, antes se estavam rindo, e, passando tempo, dizendo que já o padre tinha filho, e lhes ficou isto depois por gracejo, e a todos os índios. Vendo-os assim, tomei o menino e o assentei sobre uma perna e comecei a limpar e lavar o melhor que pude. Então moveu-se uma delas a me ajudar e como quer eu soubesse pouco do ofício de parteira, e fora cortar o umbigo junto da barriga, uma velha tomou-me a mão, dizendo-me não o cortasse por aí, que morreria e me ensinou a cortar. Finalmente envolvi-o em uns panos e o entreguei a uma de minhas amas, mulheres de meu hóspede, que me criasse e algumas outras mulheres que vinham dar de mamar, de maneira que viveu um mês, e ainda viveria e cresceria, se não lhe falta a teta, mas por falta dela morreu”³². Lance sublime de amor ao próximo

a envolver esforços imensos para tentar salvar uma vida!

Destaque-se ainda na obra caritativa anchietana a fundação da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e do hospital daquela cidade pelos idos de 1582.

Em demanda ao estreito de Magalhães ia a frota comandada pelo almirante Diogo Flores Baldez. A armada espanhola veio a arribar no porto do Rio de Janeiro, Doenças molestavam os marujos, sendo fortíssimas as febres malignas e outros graves males. Não comportava o colégio dos jesuítas o número de padecentes. Então, esmolando, Anchieta deu início à Santa Casa de Misericórdia, em cujo hospital uma parte dos marinheiros enfermiços fora internada. Sobre este fato assim se expressa Luiz Gonzaga Cabral: “Também no Rio de Janeiro para suprir a falta de Hospital agenciou o Pe. José de Anchieta a instalação primeira da Misericórdia do Brasil que bem pode a capital federal gloriar-se de ter encontrado no assombroso Taumaturgo e seu Frei Miguel Contreiras”³³. Este foi um frade Espanhol, confessor da Rainha de Portugal D. Leonor, mulher de D. João II. Foi, com auxílio desta Rainha, o fundador da casa de Misericórdia em Portugal.

Estes, alguns entre centenas de gestos de Anchieta e seus companheiros no serviço ao próximo, fatos que devem não apenas fazer refletir sobre o perfil caritativo do cristianismo, mas ainda mover a uma imitação no cotidiano em circunstâncias muito mais favoráveis.

4. CONCLUSÃO

Além de levarem às últimas conseqüências a prática do preceito máximo de Cristo, os jesuítas demonstraram o quanto valorizavam a vida da alma e do corpo, dons maravilhosos do Criador.

À luz da doutrina evangélica, os missionários em todas as partes em que difun-

diram a fé respeitaram sempre a dignidade da pessoa humana.

O socorro médico estava associado à assistência espiritual aos nativos. Ao mesmo tempo que dilatavam o reino de Cristo, e exatamente por isto, se faziam ministros da caridade e, concomitantemente, se aperfeiçoavam. O Pe. Anchieta na carta ânua da Província do Brasil de 1581, dirigida a Claudio Asquaviva, sexto propósito geral da Companhia de Jesus, referindo-se aos padres do Colégio do Rio de Janeiro pôde testificar: "Na saúde e bem do próximo se exercitavam com muito fervor e caridade"³⁴. Ora, esta prática da caridade está sempre iluminada pela visão de uma fé profunda, pois leva a contemplar no outro a figura do próprio Cristo. Torna-se, assim, sinal irretorquível de um grande amor a Deus. A caridade é luz, fonte e fim de todas as virtudes cristãs, conduzindo aos píncaros da perfeição cristã, de vez que nas obras de misericórdia é que está a essência mesma do Evangelho.

Ao se penetrar nos meandros das atividades de Anchieta se constata sua admirável dedicação aos desvalidos, desdobrando-se suas ações em inúmeros gestos salutaros. É que a caridade é beleza peregrina, a obra-prima do gênero humano regenerado por uma doutrina divina. Então, movido por este amor um dia nascido no Cenáculo, Anchieta olvidava comodidades próprias e compartilhava desgraças alheias. Baixava no fundo de toda penúria, de todo sofrimento, de toda credice e era-lhe escora, iluminando as mentes e os corações, apartando erros e curando enfermidades. Ele ajudou a diminuir a estatística da infelicidade e dilatou a crônica da benemerência. Espraiou-se, destacou-se, plenamente, em palavras e em obras aos transportes da fraternidade mais surpreendente e aos eflúvios da bondade mais cativante. Atingiu deste modo o cume da perfeição cristã, demonstrando que o amor ao próximo é o coronal da grandeza humana, a

realeza mais soberana da terra, a jóia mais benquista de Deus.

A existência de Anchieta e seus companheiros ostenta que a caridade é sempre humilde, benigna e prolífera, tolerante e paciente. É infatigável até a heroicidade. Ela se faz heróica até o martírio e, de fato, grande o número de pregoeiros do Evangelho que perderam sua vida no trato com os doentes. Com razão asseverou o Pe. Vieira: "A mais gloriosa fineza e a mais fidalga soberania de quem dá a saúde e vida aos outros é não a tomar para si, antes dar-lha à custa da sua"³⁵. Estavam os missionários certos de que "ninguém melhor se assegura a si e as suas coisas que quem pela caridade as arrisca e se arrisca"³⁶. Imitaram, deste modo, a caridade do Mestre divino que veio "não para ser servido, mas para servir"³⁷.

Assim sendo, a conversão de centenas de pessoas que viviam em situação sub-humana se deu sobretudo pelo testemunho de vida, pois os missionários se fizeram tipo e espelho, idéia e fato, doutrina e prática, lição e modelo. Evidenciaram, insinuaram, pregaram e viveram o que ensinavam. Singularizaram-se num esplêndido colorido do preceito de Cristo e se personificaram no alto relevo de um exemplo palpitante. Mostraram que não basta falar de igreja dos pobres, é preciso se sacrificar pelos pobres, fazer-se pobre no meio deles, viver a pobreza evangélica.

Este e tantos outros capítulos da gloriosa história missionária precisam ser aprofundados, e então, sim, se deixará de cometer injustiças para com uma obra benemerita, humanitária, honra e glória da Igreja. Esta como mãe nunca desamparou seus filhos mormente nos instantes da dor, levando-lhes conforto, alívio, paz. Missão realmente sublime realizada pelos missionários no Brasil Colônia também com os esplendores de uma grande dileção, amor desinteressado, sincero, efetivo e universal.

1. Actas do Primeiro Congresso Internacional de História da América, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, Tomo especial, 1992, p. 57.
2. Actas do Primeiro Congresso de História Nacional, Rio de Janeiro, 1914.
3. Luiz Gonzaga Cabral, *Jesuítas no Brasil* (séc. XVI), São Paulo, 1925, Melhoramentos, p. 127.
4. Sebastião da Rocha Pitta, *História da América Portuguesa*, Bahia, 1878, Livro III, n.5
5. Fernão Cardim, *Narrativa Epistolar* in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, Tomo LXV, p. 13.
6. Página 75 a 138.
7. Luiz Gonzaga Cabral, *op. cit.*, p. 137.
8. Assim, por exemplo, obras recentes que aludem a uma carta de Vieira nas quais há referência ao Quilombo de Palmares de maneira indevida e com dados que não estão de acordo com o texto original. Um dos autores chegou a esta conclusão que foi muito além das premissas, afirmando que Vieira pronunciou "um verdadeiro delenda est Palmares" (sic). Cf. Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho, *Vieira e Palmares* in: *A Escravidão: Convergências e Divergências*, Viçosa Editora Folha de Viçosa, 1988, p. 55-58.
9. Luiz Gonzaga Cabral, *op.cit.* p. 134.
10. Pe. Joseph de Anchieta, *Cartas: Correspondência ativa e passiva*, São Paulo, Loyola, 1984, p. 71. Observação: as demais citações de trechos do Pe. Anchieta constarão como *Cartas* e a respectiva página.
11. Sebastião da Rocha Pitta, *História da América Portuguesa*, desde o ano de 1500 do seu descobrimento até o de 1784, Lisboa, 1880, p. 27.
12. Lopes Rodrigues, *Anchieta e a medicina*, Belo Horizonte, Edição Apollo, 1934, p.27.
13. Simão de Vasconcelos, *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil e do que obraram seus filhos nesta parte do Novo Mundo*, Rio de Janeiro, Typographia de João Ignácio da Silva, 1864, livro I da Chronica p. 86, n.160.
14. Idem, *ibidem*.
15. Idem, *ibidem*, livro III, p. 205, n. 70.
16. Idem, *ibidem*, livro III, p. 173, n. 2.
17. São João 13, 34.
18. Apud Hélio Abranches Viotti, *O Anel e a Pedra*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1993, p.11.
19. Idem, *ibidem*, p. 9.
20. *Cartas*, p. 71.
21. Idem, p. 108.
22. Idem, p. 119.
23. Idem, p. 141.
24. Idem, p. 155.
25. Idem, *ibidem*.
26. 1Cor 9, 22.
27. *Cartas*, p. 156.
28. Idem, *ibidem*.
29. Idem, p. 180.
30. Idem, p. 229.
31. Idem, *ibidem*.
32. Idem, *ibidem*.
33. Luiz Gonzaga Cabral, *op. cit.*, p. 137.
34. Idem, p. 315.
35. Padre Antônio Vieira, *Sermão de São Roque* in: *Sermões*, São Paulo, Editora das Américas, 1957, tomo III, p. 73.
36. Idem, *ibidem*, *Sermão de Santa Tereza*, Tomo VI, p. 426.
37. Mateus 20, 28.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. A opção preferencial pelos pobres, hoje tão enfatizada nos últimos documentos emanados de Roma, Medellín, Puebla e Santo Domingo, foi uma tônica na evangelização durante o período colonial. Esta afirmativa do autor colide com inúmeras críticas feitas à evangelização daquele período. Lendo os dados históricos deste artigo qual a impressão que fica para você?
2. No contato com os indígenas, e particularmente os pajés, os primeiros missionários entram em conflito com estes "quando lhes descobrimos os enganos e mentiras", ou diante de costumes terríveis como enterrar crianças vivas por serem mestiças. No atual contexto dos processos de inculturação pa-
- rece para muitos que este tipo de atitude não estaria correto. O que lhe parece seria a atitude evangelizadora correta?
3. Ao chegarem ao Brasil, os primeiros missionários não vão encontrar uma realidade paradisíaca, e que só posteriormente seria atingida pelas doenças trazidas pelo branco europeu. Já neste momento existe um quadro de enfermidades peculiares às regiões de clima tropical e às quais os jesuítas souberam aplicar o segredo curativo indígena das raízes, dos caules, folhas, bagas, sumos, cascos e pólenes medicinais. Hoje há uma retomada desta medicina alternativa por parte da vida religiosa: o que lhe parece este caminho?

OBLAÇÃO E SOLIDARIEDADE COMO MÍSTICA DO CORAÇÃO

Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ*
Belo Horizonte - MG

A espiritualidade do Coração de Jesus se fundamenta na própria pessoa de Jesus. Quem o encontra já venera o seu Coração, mesmo que não utilize esta palavra.

Algumas experiências, por sua natureza, atingiram aspectos tão centrais da fé, que permanecem sempre atuais. Assim aconteceu com Abraão, Moisés e os Profetas (no Antigo Testamento), com Maria, os Apóstolos e Paulo (no Novo Testamento) e, posteriormente, com os Pais e Mães do Deserto, Santos e Místicos. Ainda hoje estas experiências aparecem na história da espiritualidade como verdadeiras *escolas*: elas nos apresentam, com matizes próprios, a radicalidade do Evangelho de uma forma decisiva e definitiva. São experiências que tocam a *novidade* definitiva do Evangelho de Jesus, provocando decisão e norteando o seguimento. Assim é a experiência de um Francisco e uma Clara, de um Bernardo ou uma Teresa D'Ávila.

Entre tantas experiências queremos destacar a radical experiência do amor de

Deus revelado em Cristo que, em sua evolução histórica, convencionou-se chamar "Espiritualidade do Coração de Jesus".

Até há alguns anos as comunidades ou congregações religiosas que cultivam esta forma de espiritualidade faziam muita referência às "revelações: transmitidas por Margarida Maria Alacoque. Isso sem esquecer que na história desta corrente espiritual existiram outras místicas, anteriores a Margarida Maria (Gertrudes de Helfta, Matilde de Hackeborn etc.). Muitos, porém, quiseram aprofundar as fontes da espiritualidade do Coração de Jesus na Escritura e na grande Tradição da Igreja. As encíclicas *Miserentissimus Redemptor* e *Haurietis Aquas* são fruto deste empenho. Além disso, a "volta às fontes" foi reforçada pelo Concílio Vaticano II. Seguiram-se vários estudos no campo da Cristologia (Rahner), da Bíblia (De La Potterie) e da Patrística (Carminati). A intuição primitiva de muitos Fundadores foi retomada, e a mística foi relida com novos olhos.

Hoje, em continuidade com aquela "volta às fontes", já podemos discernir, no rico tesouro da espiritualidade do Coração de Jesus, as raízes teológicas desta experiência. Mais: podemos não só rever tais raízes mas também aprofundá-las em terrenos novos, como a América Latina. Alguns traços característicos, como a repara-

* O AUTOR: o dehoniano, pe. Marcial Maçaneiro, SCJ, é diretor do IPJ/Leste II, professor de Espiritualidade no IMACH (Instituto Marista de Ciências Humanas), em Belo Horizonte. Autor do livro "Mística e Erótica", Ed. Vozes, 1995.

ção, a contemplação do lado aberto, as obras de misericórdia e a piedade eucarística podem ser resituados e reinterpretados. Sabemos que, muito mais que um “folclore teológico”, estamos diante de uma espiritualidade popular, cristocêntrica e fecunda, comprovada pelos frutos de conversão e apostolado testemunhados ao longo da História.

Nestas páginas vamos partilhar um pouco de nossa “percepção atual” da espiritualidade cordiana. Uma “percepção” teológica, atenta aos excluídos e aos apelos de uma nova evangelização. Percepção costurada com os fios da contemplação, do estudo e da missão.

1. O AMOR, ELEMENTO CENTRAL DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

O que distingue o cristianismo das demais religiões não é, de modo absoluto, seus dogmas, seu culto ou sua moral. É a pessoa mesma de Jesus Cristo como presença reveladora de que “Deus é amor” (1Jo 4, 8). É a partir do amor (a divina *ágape*) que os dogmas, o culto e a moral se definem e ganham um sentido verdadeiramente cristão (porque, de fato, referidos a Cristo). Sem o amor cristãmente compreendido e vivenciado, nenhum dogma, culto ou moral seria justificável, do ponto de vista evangélico.

a. Amor e justiça no Antigo Testamento

Já no Antigo Testamento, entre alguns tropeços e limites históricos, o amor vai despontando como núcleo da fé e da fidelidade a Javé. Foi para comungar de Sua vida que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem. Deu-lhes inteligência, espírito e capacidade de criar e amar. Colocou-os num Jardim Perfeito como guardiões e cultivadores. E, mesmo com a desobediência, persiste a promessa amoro-

sa do Criador: o perdão e a esperança da nova criação (cf. Gn 1-3). Durante toda a história de Israel este amor se desdobrou em sinais de carinho, fidelidade e libertação (cf. Sl 135).

O amor de Javé condiciona a sua justiça: castiga os pais nos filhos até a quarta geração, mas faz misericórdia até a milésima! É por seu amor que ele salva o povo do Egito e restabelece a Aliança (cf. Ex 3-19). A misericórdia, mais que uma idéia atraente, passa a ser o “conteúdo eficaz” do relacionamento entre Javé e o Povo de Israel. O Salmo 135, que recorda os feitos maravilhosos de Deus por seu povo, tem um refrão eloquente e glorificativo: “eterna é sua misericórdia”.

É também à luz do amor que a Lei deve ser acolhida, compreendida e praticada: “Não te prostrarás diante de outros deuses e não os servirás, porque eu, Javé teu Deus, sou um Deus ciumento” (Ex 20,5). O amor exige fidelidade e justiça. Deus e Povo se comprometem em observar a Aliança como condição para a comunhão e a vida: “Eis que hoje estou colocando diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a infelicidade. Se ouves os mandamentos de Javé teu Deus que hoje te ordeno — amando a Javé teu Deus, andando em seus caminhos e observando seus mandamentos, estatutos e normas —, viverás e te multiplicarás” (Dt 30, 15-16). Vida que se acolhe como dom de Javé, e se preserva na liberdade e na caridade para com os carentes do povo: os órfãos, as viúvas, pobres e estrangeiros (cf. Lv 23,22). O direito e a justiça devem caracterizar o povo que Javé escolheu por sua propriedade (cf. Lv 19, 15; Dt 16, 19; Sl 140, 13-14).

Os profetas dirão: se o povo praticar o direito e a misericórdia, viverá então sob o Reinado soberano de Javé. Mas se o amor for esquecido, nem mesmo os sacrifícios legais terão sentido: “Por acaso não consiste nisso o jejum que escolhi: romper as amarras da iniquidade, soltar as ataduras do jugo e pôr em liberdade os oprimidos,

despedaçando todo jugo? Não consiste em repartires o teu pão com o faminto, em acolheres em tua casa os pobres desabrigados, em vestires aquele que vês nu, e em não te esquivares daquele que é tua carne? Se fizeres isso, a tua luz romperá como a aurora, a cura de tuas feridas acontecerá rapidamente, a tua justiça caminhará à tua frente, e a glória de Javé à tua retaguarda!”(Is 58, 6-8).

b. Amor-ágape no Novo Testamento

No Novo Testamento, Jesus aparece em continuidade com a tradição profética. Cheio do Espírito Santo, aos enfermos ele anuncia a cura; aos simples a misericórdia; aos cativos a libertação (cf. Is 61, 1-2; Lc 4, 18-19). Esta é a maneira de Jesus declarar que Deus reina. E quando lhe perguntam se é de fato o salvador, Jesus faz das obras o seu atestado messiânico: “Ide dizer a João o que estais vendo e ouvindo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a Boa Nova” (Mt 11, 4-5).

No evangelho a caridade se torna critério de salvação ou condenação definitivas (cf. Mt 25, 31-46). Jesus reforma a lei (cf. Mt 5, 17 — 6, 18); perdoa irrestritamente (cf. Jo 8, 1-11); e proclama as novas cláusulas da Aliança: as Bem-aventuranças (cf. Mt, 1-12; Lc 6, 20-23).

Por fim, numa Ceia, ele assume as conseqüências extremas de sua paixão pelo povo: “...tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (ao extremo do amor: Jo 13, 1). Entrega-se a Si mesmo no pão e no vinho, e inaugura a eucaristia como sacramento de amor e perdão para a vida e redenção “de muitos” (cf. Mc 14,22-25). Ora ao Pai e chama os discípulos de “amigos” (Jo 15, 15). Mesmo no sofrimento da cruz, ele ainda acolhe e perdoa (cf. Lc 23, 33-43). É em virtude de seu amor fiel que aquele sacrifício

ganha força redentora. Ao terceiro dia ressuscita, visita aqueles que ama, e promete o Espírito Paráclito como dom maior para sua Igreja (cf. Lc 24, 44-49).

O amor gratuito e eficaz é o terreno onde Jesus se encarna e pisa. Sem o amor tudo perderia sentido. Jesus correria o risco de igualar seu projeto ao projeto limitado dos zelotas, fariseus ou escribas. Poderia confundir o evangelho com alguma nova forma de legalismo, ou perder-se num messianismo fácil e populista. Com o amor, porém, tudo se ordena de modo luminoso e, por isso mesmo, mais exigente. A Lei assume seu devido lugar, resguardando a liberdade, a graça e a opção fundamental pela vida humana (“o sábado é para o homem, e não o homem para o sábado”: Mc 2, 27).

Deus aparece em seu verdadeiro rosto, não como Deus da Lei ou do Templo, mas como Deus da Aliança e da Vida. Em Jesus o amor é mais que um nome. O amor se torna um projeto e um juízo: implica uma prática diária, inaugura uma nova ordem estabelecida sobre um novo mandamento, e julga todos os demais projetos à luz de sua radicalidade. O amor-ágape como práxis de justiça e misericórdia é o itinerário escolhido por Jesus na sua missão de Messias e Profeta (cf. Jo 13-15).

2. CORAÇÃO DE CRISTO: TEOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E MISSÃO

Partindo desta centralidade do amor nas Escrituras, a espiritualidade do Coração de Jesus desenvolveu-se na Mística e adquiriu maior consistência teológica. Hoje podemos situá-la em termos de Cristologia, e perceber sua eclesialidade.

a. A Cristologia do Coração

Na sua caminhada histórica, em cada época e contexto, a espiritualidade do Coração de Jesus tem sido uma memória

da centralidade do amor na vida de Cristo. Daí sua atenção permanente ao “coração” do Senhor. O “coração” é o caminho pelo qual se chega ao mistério de Jesus Cristo, e também caminho de participação na missão da Igreja. Trata-se de uma espiritualidade *crístocêntrica* (tem Jesus como centro) e *centrocrística* (em Jesus, acentua o que lhe é central: seu Coração, isto é, seu amor). O coração, assim, se apresenta como “matriz” de uma Cristologia que, desde seus inícios mais remotos, tem valorizado muitíssimo a *humanidade* de Jesus: sua encarnação, seu relacionamento com o Pai, sua compaixão pelo povo, seus afetos, sua misericórdia e sua cruz.

O termo “coração” designa o mistério de Cristo em sua profundidade e totalidade. Biblicamente, *leb* – em hebraico e *kardia* – em grego, são palavras primordiais anteriores à distinção corpo/alma, e por um significado pessoal profundo e inteiro remetem a toda a pessoa, enquanto sujeito responsável, capaz de amar, sentir, decidir e comungar com a beleza e a vida em sua amplitude. Mais que expressão poética, conhecer a Cristo segundo seu Coração é uma verdadeira chave hermenêutica. A partir do “coração” se contempla e se experimenta o mistério do Filho de Deus em todos os seus desdobramentos: Coração do Verbo Encarnado, Coração do Bom Pastor, Coração Eucarístico, Coração Humano-Divino etc. (Cf. *Gaudium et Spes*, 22).

b. A mística do Coração

Entretanto, esta linguagem e estes símbolos tradicionalmente usados não nasceram por acaso, ou por serem teologicamente convenientes. Por trás da Cristologia há uma mística. Uma experiência “fontal”. Vigorosa. Decisiva:

“Nisto se manifestou o amor de Deus por nós:

Deus enviou seu Filho único ao mundo para que nele tenhamos a Vida!

E nós reconhecemos o amor de Deus por nós,

e nele acreditamos.

Deus é amor:

aquele que permanece no amor
permanece em Deus e Deus permanece nele.

Quanto a nós, amemos,
porque Ele nos amou primeiro”
(1Jo 4, 10. 16. 19).

Esta experiência é tão decisiva para a mística cristã, que poderíamos dizer, com Karl Rahner: “Ora, se assumimos a devoção ao Coração de Jesus como evocação e adoração supremas do fundamento sobre o qual repousa o conjunto do real e a unidade de nossa vida espiritual tão diversificada, então todo aquele que encontrou Jesus Cristo já venera seu Coração, mesmo que não utilize esta palavra” (Rahner, em: *Coração de Jesus e espiritualidade de reparação*, Loyola, 1989, p. 27). Pois a espiritualidade do Coração de Jesus não se fundamenta em “hábitos de piedade” ou numa mera linguagem, por mais expressiva que seja. Sua fonte é a *experiência do amor de Deus*. Experiência que converte e pede uma resposta coerente. Daí deriva uma atenção profética àqueles desertos onde Deus não é amado, e onde se nega o amor aos irmãos (foi desta atenção em responder ao amor de Deus que surgiu a chamada “reparação”: resposta ao amor divino ultrajado e não correspondido, seja na Igreja, seja na sociedade).

Por ser enraizada na experiência do amor (*ágape*), a espiritualidade do Coração de Jesus desde cedo cultivou uma sensibilidade própria em relação aos pequenos e pobres. Tornou-se aos poucos uma *mística carregada de política animada por profunda mística*. Pois o Coração de Jesus é revelação da melhor política do Reino, que acredita na força transformadora da caridade, como recorda Paulo: “a fé opera pela caridade” (Gl 5, 6). Eis o itinerário de seguimento pelo qual a espiritualidade cordiana mergulha no mistério de Cristo para, a partir dali, transformar o mundo (cf. Encíclica *Haurietis Aquas*, 70).

c. Uma experiência radical

Esta experiência de “amar e saber-se amado” não acontece de modo periférico. Tende sempre a atingir o “coração” humano. O amor-ágape, movido pelo desejo amoroso de Deus, busca enraizar-se no centro último do *humanum*: o universo arquétipo fundante, onde ágape e eros se tocam, onde a graça atua de modo transformador, possibilitando que ali habite e se manifeste o Espírito da Trindade (cf. Rm 5, 5).

Por isso, a espiritualidade do Coração de Jesus teve historicamente um berço místico. Situou-se primeiro na esfera do mistério e da contemplação, antes de se expandir na devoção popular e receber uma explicação da teologia e do magistério. Primeiro a experiência fundante. Depois, então, a palavra teológica. Uma “teologia do Coração de Jesus” seria totalmente vazia sem essa experiência de amar e ser amado à maneira de Jesus de Nazaré: tendo sempre o Deus-Abbá com sua ternura, e sentindo-se interpelado a viver esse amor mediante relações de fraternidade. Nenhum discurso teológico, por mais belo que seja, pode substituir esse dom e esse empenho. Aqui a experiência antecede a palavra.

Personalidades como Matilde de Magdeburgo, Gertrudes de Helfta, Margarida Maria, João Eudes, Chevalier, Teresa Verzeri, Leão Dehon ou Charles de Foucauld são personalidades *místicas* — no sentido forte e genuíno da expressão. Eles viveram a “contemplação” como postura fecundadora dos demais aspectos da realidade. Uma atitude de Reino, plenamente inserida na Igreja, com fortes doses de audácia e criatividade missionária. Souberam costurar com sabedoria os fios da oração e da ação, do silêncio e do anúncio, da mística e da política, em sínteses que ainda hoje nos surpreendem! A oração, os trabalhos, o apostolado, as fundações, as tribulações e desertos, as viagens e escritos, os caminhos novos que foram abrindo... Tudo era profundamente ativo e profundamente contemplativo.

A espiritualidade do Coração de Jesus, mais que uma proposta do passado, é um programa de discipulado. Uma possibilidade sempre atual e um dom: *seguir a Cristo na Escola do Coração*. Assim como Antão seguiu a Cristo na Escola do Deserto e Francisco na Escola da Pobreza, há os que seguem Jesus na Escola do Coração. É um caminho evangélico, oferecido a todos. E os que fazem tal experiência, a fazem eclesialmente. Pois o amor é essencialmente comunicação: “o amor de Cristo nos impele!” (2Cor 5, 14). “O que vimos e ouvimos, o que nossas mãos tocaram, isto vos anunciamos!” (1Jo 1, 3). Daí os títulos de missão típicos das Congregações e movimentos do Coração de Jesus: Servas, Missionários e Missionárias, Apóstolas, Discípulas, Mensageiras etc. “De fato, como compreender o amor de Cristo por nós, senão amando como Ele, por obras e em verdade?” (*Constituições SCJ - Padres Dehonianos*, n. 18).

d. Com a Igreja em missão

É sobre esta experiência que se debruça a palavra teológica e a esperança da Igreja. A teologia vai ler e interpretar a experiência no lusco-fusco do mistério: o teólogo traz a mística ao horizonte da compreensão, para partilhar com os demais a experiência feita (teologia a serviço da mistagogia). Já o pastor, com sua preocupação missionária, vai beber na experiência do místico o que há de novo e kairótico para a Igreja. Toda mística é um dom eclesial, uma oferta do Espírito para o Povo de Deus. Quanto mais uma mística do “coração”, do amor. Tanto a Teologia (inteligência da fé) quanto a Missão (exigências da fé) têm o direito eclesial de interpretar a espiritualidade cordiana, para dela beber, discernindo a novidade e o profetismo ali presentes, como contribuição à espiritualidade e à evangelização.

3. O AMOR COMO OBLAÇÃO

Uma das contribuições da espiritualidade cordiana é a constante memória do

amor de Cristo, entendido e proposto como “oblação”. Focalizar Cristo na ótica do coração é despertar para a gratuidade e a oferta, que constituem a *oblatividade* típica do amor evangélico.

a. Oblação: oferenda e fidelidade à aliança

No Antigo Testamento a *oblação* aparece como uma forma de oferta, apresentada a Javé: “Se alguém oferecer a Javé uma oblação, a sua oferenda consistirá em flor de farinha, sobre a qual derramará azeite e colocará incenso. E a trará aos filhos de Aarão, que são sacerdotes; tomará dela um punhado de flor de farinha e de azeite e todo o incenso, e o sacerdote os queimará sobre o altar, como memorial, oferenda queimada de agradável odor para Javé. A parte restante da oblação pertencerá a Aarão e seus filhos, parte santíssima dos manjares de Javé” (Lv 2, 1-3).

Era portanto um sacrifício não cruento, feito dos frutos da terra (flor de farinha), ungido (azeite) e perfumado (incenso). Além disso, a oblação tinha um caráter de justiça e de partilha: era oferta a Javé, em solidariedade com a tribo sacerdotal, que usava uma parte da oferenda para seu sustento. Podemos dizer que se tratava de uma oferenda de simplicidade: oferta de coisas acessíveis, menos dispendiosas que o sacrifício de touros e carneiros. A oblação, assim, é oferenda dos simples, e manifesta a simplicidade de coração daquele que oferece.

A oblação é também “memorial” da Aliança entre o Povo e Javé, quando a oblação era feita com o oferecimento de pão, nunca se usava fermento. Em vez do fermento, temperavam a farinha de trigo com sal, chamado “sal da Aliança” (Lv 2, 11-13). A ausência de fermento é recordação da primeira Páscoa e um convite à fidelidade. Há um nexo entre Aliança-oblação-fidelidade. Somente assim esta oferenda será “agradável” a Javé.

Aliança e fidelidade são inseparáveis. Isso exige coerência entre o altar (ritual) e

o coração (disposição interior): “Sacrifício a Deus é um espírito contrito, coração contrito e esmagado, ó Deus, tu não desprezas... Então aceitarás os sacrifícios de justiça em teu altar” (Sl 50, 19-21). A oblação — como qualquer outra oferta — deve ser feita em atitude de reconhecimento, fidelidade e gratidão para com Deus. Os salmistas e profetas insistem nesta disposição interior de conversão. Somente assim, a oferta ritual será legítima, porque é fundamentalmente oferta do coração: “Quem pode subir à montanha de Javé? Quem pode ficar de pé no seu lugar santo?... Quem tem mãos inocentes e coração puro” (Sl 25, 3-4). “Converti-vos e abandonai as vossas transgressões! Criai um coração novo e um espírito novo! (Ez 18, 30-31).

b. A kénosis do coração

Jesus caminha na trilha dos profetas e aparece, no Novo Testamento, como expressão máxima da “oblação cordial”. Em todos os momentos Jesus transpira esta atitude pessoal de entrega e obediência generosa. Vive sem reservas. Jesus é inteiramente para o Pai e os irmãos. Desde a encarnação, passando em cada palavra, cada gesto, encontramos um Cristo solidário com as pessoas, na constante busca de fidelidade ao Pai. Jesus vivencia “cordialmente” a oblação, como disposição permanente de sua vida. A carta aos Hebreus resume numa frase essa *kénosis* de Jesus: “Eis que venho, ó Pai, para cumprir a tua vontade” (Hb 10, 7).

Esta oblação (a *kénosis* do coração) fecunda toda a práxis de Jesus: o relacionamento filial com Deus, a sensibilidade e a compaixão para com o outro, a solidariedade, os gestos de perdão e de cura. Daí a prática de um amor despojado e gratuito, um “amor-sem-lucro”, especialmente em relação aos últimos: os excluídos, fracos, enfermos, aleijados e pecadores, que nada poderiam oferecer em troca (às vezes nem mesmo a gratidão: cf. Lc 17, 11-19).

Jesus experimenta isso, encontra ali o sentido de sua vida e partilha com os discípulos a mesma atitude. Deseja que os que o seguem aprendam dele esta prática generosa do amor (cf. Jo 13, 35). É o que ensina as "parábolas da misericórdia": o bom samaritano (Lc 10, 29-37), o filho pródigo (Lc 15, 11-32), a ovelha desgarrada (Lc 15, 4-7), a dracma perdida (Lc 15, 10) e o bom pastor (Jo 10,1-18). De um lado, estas parábolas mostram as duras exigências da caridade evangélica. Por outro lado, os textos são marcados pela *festa* e pela *alegria* , experiência feliz de quem sabe praticar o amor com generosidade. "Alegrai-vos comigo, porque encontrei minha ovelha perdida!" (Lc 15, 6). Sem dúvida, a experiência da caridade sintetiza todas as bem-aventuranças: "Se compreenderdes isso e o praticardes, felizes sereis!" (Jo 13, 17).

c. Nossa oblação na oblação de Cristo

Paulo exalta o lugar central da caridade na vida cristã (cf. 1Cor 13) e propõe a "oblação" como disposição para o seguimento de Cristo: "Exorto-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como oblação viva, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual" (Rm 12, 1). "Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus:... esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo" (Fl 2, 5.7).

Esta exortação de Paulo nos alerta para uma exigência muito atual: hoje, numa cultura com crise de gratuidade, onde o culto do Capital exige para si total dedicação e obediência, provocando exclusão e miséria, é urgente repensar temas como "oblação", "misericórdia" e "gratuidade". Assim como a Redenção é eficaz na medida da oblação de Cristo e da gratuidade de Deus (cf. *Lumen Gentium*, 3) também a evangelização será tanto eficaz quanto mais a vivenciarmos oblativamente: liberdade, entrega, obediência generosa à Palavra; capacidade de conviver com limites, perdão, superação de preconceitos; atenção

solidária àqueles que "não têm preço" aos olhos do mundo, porque nada valem em sua pobreza.

Aqui a espiritualidade do Coração de Jesus mostra sua face profética. Pois nos remete ao essencial do evangelho, ao início e fim de todo o seguimento a Cristo: o amor. Amor que desafia nossas seguranças; amor que, na missão concreta, se problematiza e pede novas soluções de justiça e caridade; amor que vai orientar nossas posturas éticas e políticas; amor que se traduz em contínua solicitude pastoral. O amor evangélico é simples enquanto inspiração, mas tem a virtude de problematizar nossas práticas e valores. Pois nada que se refere ao amor pode ser resolvido superficialmente. Neste sentido, cabe bem esta tradução da frase de Paulo: "a caridade de Cristo nos constrange..." (2Cor 5, 14).

4. O TRANSPASSADO: CONTEMPLAÇÃO E SOLIDARIEDADE

Outra contribuição da espiritualidade cordiana é sua sensibilidade perante o Cristo Transpassado e os transpassados do mundo. A contemplação do Coração transpassado nasceu como resposta ao apelo de João: "contemplarão Aquele que transpassaram" (Jo 19, 37). O evangelista vê no lado aberto de Cristo, de onde "saiu sangue e água" (19, 34), um sinal profético: Jesus é o Cordeiro da nova páscoa que, com sua oferta, renova a Aliança e cumpre a Redenção. A literatura patrística posterior, bem como a mística, se refere com frequência a esse sinal (cf. Carminati: *Ele veio pela água e pelo sangue*, Paulinas, 1984).

Por ser uma intuição bíblica, enraizada na Aliança e nos Profetas, a contemplação do Transpassado e do Coração aberto permanece como algo típico da espiritualidade cordiana. Trata-se de um convite do evangelho, possível de releituras muito justas em cada novo contexto. Sobreretudo em meio ao povo latino-americano, cujo

coração vem sendo transpassado pelas carências, pelo descaso, pela pobreza e pela exclusão.

Na América Latina, este item já tradicional da espiritualidade cordiana se caracteriza como contemplação profética, solidária e portadora de esperança.

a. Uma contemplação profética: reconhecer o amor de Deus nos seus sinais

Já veio a tarde. Aqui e ali se achegam sombras. No Calvário, entre dois marginais, está exposto o Cristo Senhor, desfigurado pelas feridas. Esquecido e machucado. Um dos soldados lhe transpassa o lado. É o hábito romano de aplicar um golpe de misericórdia, garantindo assim a morte certa dos condenados. Ali, diante do Transpassado, entre algumas mulheres, está João. Os olhos se voltam para aquela imagem escandalosa do Mestre crucificado. O que seus olhos contemplam é, ao mesmo tempo, trágico e revelador. De um lado a obscuridade e a tristeza. De outro, o significado oculto daquelas chagas, marcas da oferta redentora do novo Cordeiro. Como em outros episódios — porém de maneira, agora, desconcertante —, João é desafiado a *ver, crer e anunciar* (os “verbos teológicos” de João):

“Um dos soldados transpassou-lhe o lado com a lança,
e imediatamente saiu sangue e água.
Aquele que viu dá testemunho, e seu testemunho é verdadeiro:
e ele sabe que diz a verdade,
para que também vós creiais.
Pois tudo isso aconteceu para que se cumprisse a Escritura,
que diz:
‘Nenhum osso lhe será quebrado’.
E ainda, em outra escritura:
‘Olharão para Aquele que transpassaram’ ”
(Jo 19, 34-37).

É ali, no drama da condenação e morte de seu Senhor e Amigo, que João voa alto

com seu “olhar sacramental”. Num eco irresistível dos antigos Profetas ele vê o Transpassado e conclui: este homem injuriado, aniquilado até a morte, é o Cordeiro perfeito e sem mancha, cujo sangue jorra para a libertação do Povo (cf. Ex 12, 21-22; 24,8 // Jo 19, 33-37). Na cruz acaba de se cumprir a profecia de Zacarias: “Naquele dia haverá para a Casa de Davi e os habitantes de Jerusalém uma fonte aberta, para lavar o pecado e a mancha” (Zc 13, 1; tb. Ez 36, 24-26).

Naquele ícone desfigurado, absurdo e constrangedor, João vê o sinal mais eloquente do amor misericordioso de Deus. Naquilo que parece não ter sentido, seu olhar lê Revelação. Naquele que nenhuma beleza expressava, João contempla a gloriificação do Filho de Deus. Pois é ali, no Crucificado-Transpassado que Deus manifesta a insensatez de sua divina ágape, que ultrapassa nossa lógica e desafia a justiça com uma misericórdia sem limites. Amor de “paixão” (essa palavra perigosa, vizinha da loucura). Amor débil e louco: *manikós eros*, na linguagem dos orientais. Amor que surpreende, porque é amor incondicional, fiel até as últimas consequências: “... amou-os até o fim!” (Jo 13, 1). A ponto de esvaziar o Coração.

O Lado aberto e o Coração transpassado sintetizam toda a kénosis que Jesus viveu ao longo de sua história desde a Encarnação até a Cruz. É, por isso, *martyrion*: uma oblação que testemunha o amor divino de maneira ineludível.

Com a oferta do coração a Aliança está selada. Escrita em “sangue e água” (cf. 1Jo, 5-6). Nova e definitiva: “Tudo está consumado” (Jo 19, 30). Revelado. O Santo dos Santos do templo não tem mais sentido. Ao romper-se o coração de Jesus, rasgam-se as cortinas que ocultavam a Deus: “então o véu do Santuário rasgou-se de alto a baixo” (Mt 27, 51). Não há mais muros, nem véus. Agora os simples e desqualificados, os que antes viviam excluídos da casa de Deus, podem entrar na intimidade

do Senhor e experimentar sua ternura! Podem ingressar no coração do Pai por intermédio do coração aberto do Filho. "A abertura do coração é a entrega, feita para uso público, daquilo que se tem de mais íntimo e pessoal. O espaço aberto e desocupado pode ser pisado por todos" (Von Balthasar: *Mysterium Salutis*, III/6, Vozes, 1974, p. 90). Uma vez *transpassado pelo povo* (cf. Is 53,5), este Coração acolhe a todos os que se achegam. É acesso para o coração da Trindade. Todos podem entrar e ali permanecer, para experimentar a bondade do Pai e as alegrias do Consolador.

b. Uma contemplação solidária: ver e ouvir o Transpassado nos transpassados do mundo

Como vimos, o Coração de Cristo esvaziou-se por inteiro. O sinal bíblico do Lado aberto, portanto, indica o aniquilamento interior e total. Aniquilamento do "coração", em sentido antropológico. Resultado de todo um processo de liberdade e entrega. A vontade, as atitudes, os sentimentos, escolhas e esperanças estão, agora, no deserto da cruz. Jesus tem uma "alma crucificada". Incompreendido pelas massas; traído por um discípulo; negado por um amigo; despedido e humilhado publicamente. "Homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento" — como profetizou Isaías (Is 53, 3). "Cordeiro que se conduz ao matadouro" (Is 53, 7). Uma outra tradução diz "familiarizado com a enfermidade". Pois as feridas e a dor do Crucificado-Transpassado representam a humanidade "doente", não "salva" (*salus*, em latim, designa tanto a "saúde" quanto a "salvação").

A paixão (amor) de Jesus pelo povo terminou como paixão (padecimento) do próprio Cristo. Na cruz as posições se invertem: Ele, que distribuiu vida e misericórdia, agora está carente de vida e misericórdia. Ele, que acolheu a sofredores e fracos, agora sofre uma humilhação sem defesa. Ele, que curou a tantos, está agora

ferido e sem saúde. Jesus desce aos subterrâneos da debilidade. Nada do que é humano lhe escapa (cf. 2Cor 5, 21). Ele vivencia a experiência dolorosa do Salmista: "Do mais profundo, a vós eu grito!" (Sl 129, 1).

No silêncio perplexo do Pai irrompe o grito do Filho: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Mc 15, 34). Um grito de dimensões cósmicas e históricas. Cósmicas, porque é solidário com toda a Criação, "que geme e sofre as dores do parto" esperando, ansiosa, o dia da Libertação (Rm 8, 20-220). E grito solidário, porque vibra em uníssono com todos os gritos da Humanidade crucificada.

Não se trata de compor uma "teologia do grito" poética e alegórica. Pois sendo o grito expressão da não-vida, isso seria uma antipoética, visto que só a Vida tem direito de ser, em sentido último, uma "poética" — a poética da Ressurreição. Mas trata-se, na verdade, de honestamente ouvir o que é real e gritante no cotidiano sofrido do povo. Ouvir, nestes gritos humanos, a voz do Servo Sofredor.

Jesus é presença de um Deus não só *palavra*, mas de um Deus que assume nossos dramas na carne e, assim, sua palavra se converte em *grito*. Na cruz, não se pode separar grito de Deus e grito do povo. Ambos estão crucificados. Os evangelhos o demonstram, com a frase: *Eloí, Eloí, lemá sabactáni!* (Mc 15, 34). Este grito é uma transcrição do Sl 22,2. Feita não em hebraico, mas em *aramaico*: a língua não oficial, portanto não litúrgica, usada pela gente simples. Esse grito situa Jesus entre os últimos, nas periferias do sistema e do poder. Jesus está literalmente excluído. Extramuros. Fora da cidade. Seu Reino não é desse "sistema" (*kósmos*, em grego: Jo 18, 36). Ele escolheu estar com os de fora, os não-cidadãos, desprovidos de direito e acolhida. Jesus se coloca entre os crucificados pela exclusão até na hora da morte. E com eles (também entre eles) grita.

Assim Jesus se identifica com a parte oprimida do povo. Não só optou pelos excluídos, mas fez sua a experiência da exclusão. Torna-se um com estes outros desprezados. Seu grito é uma súplica que emerge da dor, ainda que essa dor não esgote a chama tênue de uma fé que teima em não sucumbir.

O grito aramaico de Jesus tem dimensões messiânicas. Recolhe da História todos os demais gritos: é um brado em eco com o clamor dos escravos (cf. Ex 3,7), com a súplica dos exilados (cf. Sl 136), com os rogos dos enfermos e fracos (cf. Sl 85), com a súplica dos órfãos e deserdados (aliás, Jesus mesmo reclama a ausência de seu Pai).

O Transpassado, já ferido e morto, é um registro doloroso do Crucificado. Há um único protagonista (Jesus), em um drama de dois atos: primeiro a humilhação, a dor e o grito (crucificação); depois o silêncio, a morte e o Lado aberto (transpassamento). Em sentido seqüencial, o Transpassado é uma memória do Crucificado. No momento do segundo ato ainda recordamos e sentimos os ecos do primeiro. Toda contemplação autêntica do Transpassado será uma "contemplação histórica", capaz de ainda ouvir os gritos daquele que morre entre os que gritam. E ali, ouvir também o grito de milhares de transpassados, que seguem clamando com voz rouca e emudecida, reclamando a ausência de Deus, a ausência de dignidade, de esperança e de pão. Gritos escandalosos de muitos que, como Jesus, gemem às vésperas da morte tantas vezes prematura, executados na cruz da violência, da má alimentação, do descaso, da insana miséria.

Perceber os gritos do povo na voz de Cristo, e perceber os gritos de Cristo na voz do povo preserva a contemplação do Transpassado de qualquer alienação. Se alguém está longe da periferia, em algum lugar cômodo de Jerusalém, banquetean-do-se com os "de dentro", basta abrir os ouvidos: vai escutar o grito do Crucificado

e logo saberá onde fica o Calvário. Do mesmo modo, importa ouvir os clamores da gente sofrida, os "de fora", e logo se saberá onde estão os crucificados da História. A lança da injustiça continua transpassando o coração dos pobres, fazendo-os gritar, muitas vezes com voz sufocada, numa kénosis beirando o desespero. Pois seu sofrimento é tanto, que a perspectiva da ressurreição é ofuscada pela dor e pela dúvida.

c. Uma contemplação pascal: o Transpassado-Ressuscitado e a esperança

Para a fé cristã a cruz sempre foi e será um paradoxo: de uma morte nos vem a Vida. Por isso a cruz — como todo o mal visto desde a fé — desafia nossa esperança. É preciso mergulhar no mistério para admitir esse paradoxo morte-vida. Pois, por mais que sejam gritantes os sofrimentos e a experiência do mal, não fazemos profissão de fé na morte. Mesmo diante do Crucificado-Transpassado. A morte é uma realidade mentirosa. Pretende ser a última, mas não é. Diz-se forte e definitiva, mas é fraca e nada consegue definir. Descobrimos que o drama de Jesus, no palco da História, tem um terceiro ato, escatológico e surpreendente: a Ressurreição.

O processo injusto que culminou na morte de Jesus não é o horizonte final da fé e da práxis do cristão. Ninguém se ariscaria crer e viver perante um deus morto, pois seria um não-crer e um não-viver. Em verdade, o *horizonte último* de nossa fé é a Vida oculta e latente sob as feridas do Crucificado-Transpassado, ou seja a Vida possível e sufocada sob a dor de tantos outros transpassados, nossos irmãos. Com a certeza da Ressurreição sempre haverá uma chamada de esperança ali onde a morte procura reinar, mas a Vida permanece em sua sede de ser suscitada e ressuscitada. Aliás, importa lembrar, é somente neste horizonte *definitivo* da Ressurreição que a Cruz pode ser bem compreendi-

da. Somente a Ressurreição é “definitiva”: porque define a cruz (lhe dá limites), define nossa fé (em que cremos) e define nossa práxis (o que praticamos). É nesta moldura da Ressurreição que contemplamos, finalmente, o Transpassado.

Jesus Transpassado é o cordeiro pascal, preparado ao longo de 33 anos para restaurar a vida do povo e a Aliança em Israel. Sua oblação é uma “oferta de semente”, destinada a gerar frutos de esperança e redenção. Ele resgata o povo das mãos da morte e dá um sentido novo à história humana. Esta “oferta para a vida” faz da oblação de Cristo um *evento pascal*, distinto dos demais sacrifícios do Antigo Testamento. Jesus é morto como resultado de sua fidelidade ao Deus da Aliança, seu Pai (cf. *Lumen Gentium*, 3).

Sendo um sacrifício novo, distinto dos demais, realizado sobre o altar da fidelidade e da aliança, a morte redentora de Jesus é também “definitiva”: a partir dela, nenhum outro sacrifício humano, nenhuma outra morte, pode ser aceita. O sacrifício de Cristo nega, supera e condena todas as formas de sacrificialismo que a injustiça poderá instaurar ao longo da História. É morte que derrota a morte. É um grande “não” escatológico, pronunciado com violência contra as demais mortes. Daí que a própria morte de Cristo não se defina sozinha. Acaba sendo ressurreição. Afinal, uma morte que é um “não” à própria morte não poderia se definir, mas ao contrário, anular-se a si mesma. Sobre essa negação da morte por ela mesma triunfa a Ressurreição. Jesus é o Crucificado, o Transpassado e o Ressuscitado.

A espiritualidade latino-americana do Coração de Jesus tem no nexo Transpassado-Ressuscitado uma luz nova a ser descoberta para o povo. Nova porque traz a Ressurreição para dentro da contemplação do Coração transpassado, geralmente marcada pelo dolorismo e pela consolação, mas vazia de sentido pascal. A história desta espiritualidade nos mostra isso.

Muitos estavam habituados a ver os Padres da Igreja e a Mística medieval como os primeiros a cumprirem a profecia de João: “olharão Aquele que transpassaram” (Jo 19, 37). Olhar que geralmente situava o Transpassado no madeiro da cruz.

No entanto, a primeira experiência de contemplação do Transpassado deu-se com a comunidade dos discípulos, e está carregada de *significado pascal*:

“À tarde do mesmo dia, o primeiro dia da semana, estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus, Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: ‘A paz esteja convosco!’ — Tendo dito isso, *mostrou-lhes as mãos e o lado*. Os discípulos, então, ficaram cheios de alegria por verem o Senhor. Ele lhes disse de novo: ‘A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio’. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados; aqueles aos quais retiverdes, lhes serão retidos’ ” (Jo 20, 19-23).

Para o evangelista João, a partir da cruz Jesus será sempre “o Transpassado”. Mesmo ressurrecto. E reconhecê-Lo como Transpassado será uma experiência decisiva para a fé e a missão dos discípulos. É o que ocorreu com Tomé: não estando na comunidade, ao retornar, negou-se acreditar no testemunho dos demais e acabou necessitando fazer pessoalmente a mesma experiência. Também a ele Jesus anuncia a paz, envia e mostra as chagas das mãos e o lado aberto:

“Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crê! — Respondeu-lhe Tomé: ‘Meu Senhor e meu Deus!’ ” (Jo 20, 27-28).

Nesta experiência pascal as promessas de Jesus, tantas vezes anunciadas na sua prática, se tornam dons plenamente acolhidos;

— a paz

— a alegria

- o Espírito
- o perdão
- a missão
- a fé

Segundo a intuição joanina, o Transpassado concede aos discípulos um “pentecostes antecipado”. Já na cruz, para João, Jesus não morre, mas “entrega o Espírito”, simbolizado plasticamente na “água” que jorra de seu lado aberto (cf. Jo 19, 30-34). Tudo se esclarece a partir de uma palavra de Jesus, explicitada pelo evangelista: “Jesus disse em alta voz: ‘Se alguém tem sede venha a mim, e beba aquele que crê em mim!’ — conforme a palavra da Escritura: De seu seio jorrarão rios de água viva. Ora, ele falava do Espírito que deviam receber aqueles que tinham acreditado nele; pois não havia ainda Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado” (Jo 7, 37-39). Um detalhe importante: a palavra “seio” (*koilia*) aproxima-se bastante de “coração” (*kardia*), podendo uma significar a outra.

Logo, a contemplação do Coração ferido, iniciada na cruz, conduz à sua dimensão pascal. Há uma continuidade entre Jo 19 e Jo 20, necessariamente. A Mística posterior nos comprova isso: Gertrudes de Helfta, Margarida Maria e outras fazem uma experiência coerente com o relato de Jo 20, 19-23. O Cristo que estas mulheres contemplam é ao mesmo tempo o Transpassado e o Ressuscitado. Cristo lhes mostra suas chagas e o lado aberto, mas é ao mesmo tempo anunciador de Vida, Paz e Consolação. Os textos dessas místicas estão carregados de afeto, compromisso e alegria, que brotam de um encontro com o Cristo Vivo. Um Cristo sensível à História. Um Cristo de Coração humano e machucável, porque é encarnação da ágape divina.

Além de tudo, a Ressurreição mostra que Deus não está ausente, nem surdo aos gritos do Filho. Não é um Deus calado e indiferente, que assiste a dor dos transpassados sem nada declarar. Ao contrário:

a Ressurreição constitui a resposta em alta voz de um Deus que toma partido da vida. É a reação do Pai diante dos tribunais injustos, da morte e da exclusão. Com o ressuscitado fica definitivamente claro que Deus é Deus da Vida.

Mais: com o condenado Jesus, agora revivificado, todos os excluídos, condenados e crucificados ressuscitam. O poderes assassinos, por mais cruéis e sutis que possam ser, não estão qualificados a dar a última palavra (o *éschaton* final). Esta palavra, última e definitiva, cabe somente a Deus, Senhor do tempo e da eternidade. E, enquanto aguardamos ansiosos nossa libertação final, já podemos entrever na Ressurreição de Jesus a nossa ressurreição (cf. Rm 6, 4-7). Por isso, ousamos “esperar contra toda esperança” (cf. R, 4, 18). Não movidos por alguma ideologia ou projeto apocalíptico, mas animados pela certeza que brota da Páscoa.

Contemplando o Coração do Ressuscitado, cremos que nele todos os corações feridos terão cura e vida nova. Cremos que a História que hoje nos assusta quer ser, outra vez, história de salvação. Esta vitória da vida, bela e irrefreável, suscita alegria. Não é um sonho ingênuo, como algo distante. É, isto sim, dimensão da própria História, que testemunhou a Ressurreição de Jesus como vocação e destino feliz da humanidade:

“Eis que Ele vem, glorioso, sobre as nuvens!
E todos O verão,
até mesmo os que O transpassam”
(Ap 1,7).

PALAVRA FINAL

Neste breve ensaio falamos do “coração”. Aos poucos fomos tocando em seu mistério até desvendá-lo como Coração Transpassado. De um lado, sinal do amor louco de Deus, que desconcerta e se oferece à contemplação. De outro, provocação da ágape que nos conduz ao encontro dos transpassados da História.



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1º de setembro de 1995

A liberdade é um elemento fundamental da pessoa, o núcleo inalienável de sua dignidade. Constitui o seu ser mais radical, característico e profundo. É pelo amadurecimento da liberdade que cada um se assenhoreia de sua vida. Na ordem ontológica, **cada um nasce pessoa**. Mas, na verdade, **cada um se torna pessoa** na história, no seu desenvolvimento, no seu agir. É o lado cultural, psicológico, social e fenomenológico. Embora se nasça livre, também a liberdade não é 'dada' em definitivo, numa ordem acabada em nível metafísico. Nunca é possuída por completo. Cada qual a constrói paulatinamente como valor em contínuo devir. A tarefa é fazer-se o que já se é na unidade indissolúvel de um único processo existencial. Prisioneiro de si mesmo, cada qual precisa **libertar-se para se tornar aquilo que deve vir a ser**. Estar sempre voltado para aquilo que ainda não é.

A liberdade filosófica, e também a liberdade cristã, não existe em estado puro, mas contextualizada, em situação de escravidão, de freios, de provisoriedade. Liberdade é exatamente a libertação, pela superação, destas oposições, destes mecanismos condicionantes, internos e externos, materiais e espirituais, que agem sobre ela. Este enfoque é uma das chaves de leitura essencial dos milagres e da missão de Jesus. Assim sendo, a liberdade é um ponto de chegada. A meta é **trabalhar para libertar a liberdade**, para promovê-la. Conquistar a capacidade de autodeterminar-se passando do que se é por natureza ao que se é chamado a ser na liberdade. Liberdade e libertação: vínculos estreitos, antinomia fundamental.

- Eu sou a Verdade, Jo 14, 6.
- A Verdade vos libertará, Jo 8, 32.
- Quem é da Verdade escuta a minha voz, Jo 18, 37.

"Chamados à liberdade" é uma verdadeira definição do cristão (Gl 5, 13). Jesus trouxe para a história humana alguma coisa que não havia, que ninguém podia trazer, algo que está acima de todo esforço humano, mas que é indispensável para que a liberdade seja autêntica. É o seu próprio mistério — Deus verdadeiro e verdadeiro homem — como presença original a favor da pessoa, a favor de sua liberdade. Na sua liberdade divina está a fonte da nossa liberdade humana. A partir de Cristo, todo gênero humano, mulher e homem, em todos os contextos, é chamado à liberdade numa perspectiva que transcende e supera todas as visões de liberdade. **Cristo encerra definitivamente o tempo da escravidão para a pessoa**. Sem esta raiz cristã, sem este enraizamento em Cristo, a paixão pela liberdade, típica do Ocidente, ficaria inexplicável, inconcebível. Sem a mediação necessária de Cristo, ninguém pode ser e sentir-se livre.

A pessoa **É** mas não está conseguindo **SER** livre. Ao fazer-se livre pela graça e portadora de liberdade por graça, semeia escravidões, mesquinharias, prisões, opressão. Gostamos de ser livres. A liberdade nos agrada. Qualquer limitação da liberdade — leis, normas, regras, disciplinas, obrigação, que gerenciam expectativas para existir paz e harmonia —, **qualquer limitação da liberdade, repito, nos pesa, nos amargura, nos revolta**. No entanto, viver implica comportamentos que exigem variadas formas de censura e autocensura. No entroncamento da liberdade e da lei se defrontam os problemas decisivos da pessoa e ressoam inquietantes as suas interrogações.

Toda lei dirige-se à liberdade solicitando sua conformação. É falso, portanto, pensar que a lei é impositiva e esmagadora do desejo e da liberdade porque a consciência interioriza a lei e a pratica como vontade própria e não como imposição de outrem que lhe é externo. Ao contrário. A lei é convite à obediência. É meio a serviço da liberdade que é o fim. Não pode ser natural um sentimento de hostilidade à lei. A lei da liberdade, a lei que torna livre de fato, está inscrita no **coração, lugar e expressão da liberdade**.

Liberdade e lei, equilíbrio instável continuamente ameaçado pela arbitrariedade e pelo farisaísmo. **Obediência sem liberdade é escravidão**. Liberdade sem obediência é arbitrariedade. A obediência vincula a criatura ao Criador. A liberdade torna a criatura imagem do Criador. Uma leitura mais profunda do que a leitura sugerida por mera análise textual transfigura a realidade e garante que **a Verdade que liberta com Cristo se identifica**. Jesus, modelo de liberdade e de obediência, sentido supremo e último da liberdade cristã. Ele tem este eminente senhorio porque é, simultaneamente, a raiz da liberdade e da lei.

Desejando-lhe toda a **PAZ** — consigo, com o próximo e com Deus — e todo o **BEM**, com exclusão da injustiça e da opressão, ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável/Convergência